

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**Michelle Almeida Tito**

**O Centro de Cultura Social de São Paulo:  
entre práticas sociais e construções de memórias (1985-2007)**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**Michelle Almeida Tito**

**O Centro de Cultura Social de São Paulo:  
entre práticas sociais e construções de memórias (1985-2007)**

**MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Yara Aun Khoury.

**SÃO PAULO**

**2010**

**Banca Examinadora**

---

---

---

*Flores a todos os rebeldes...*

## AGRADECIMENTOS

A palavra “agradecimentos” talvez não seja suficiente para expressar os sentimentos que permeiam esta etapa tão esperada de conclusão, que só teve sua realização possível graças à generosidade e colaboração de muitas pessoas, algumas que surgiram em minha vida com o objetivo de desenvolver esta pesquisa e que construíram este trabalho junto comigo, e aquelas que sempre estiveram presentes, parceiros constantes nesta minha caminhada.

Agradeço ao CNPq e à Capes pela bolsa concedida durante o percurso de pesquisa, sem a qual a realização do trabalho seria impossível.

Muito obrigada a minha orientadora Yara Khoury, importante no meu retorno à História, que me estimulou a encontrar possibilidades de estudo repletas de vivacidade, o que se tornou uma experiência engrandecedora para mim, tanto pessoalmente como profissionalmente; à querida professora Olga Brites – que me ajudou imensamente nos períodos de incertezas e insegurança – pelas considerações no exame de qualificação e por todo o apoio desde nosso encontro na disciplina “Pesquisa Histórica”, especialmente nesta etapa de finalização de trabalho. À professora Estefânia Knotz Fraga pelas considerações no exame de qualificação e pelas discussões entusiasmadas propostas na disciplina “Cultura e Cidade”, que contribuíram para minhas reflexões.

Também agradeço aos colegas do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP e ao pessoal do Núcleo de Estudos Culturais e Perspectivas do Presente (NEC-PUC), especialmente a Zuleika Stefânia Sabino pela atenciosa leitura do meu texto, Luiz Blume, parceiro “assisense-puquiano”, Eber Mariano, com quem compartilhei minha ansiedade em diversos momentos, e também Samantha Peres, Rita Soares e Adriano Machado.

Muito obrigada ao professor Sérgio Norte, que esteve presente durante os anos da minha graduação em História na UNESP-Assis com conversas e reflexões sempre muito agradáveis sobre história, política, anarquismos e sobre a vida. Agradeço por aceitar tão gentilmente o convite para a leitura desta dissertação e para integrar a banca examinadora.

Foi valiosa a ajuda dos militantes do Centro de Cultura Social de São Paulo, que me acolheram de braços abertos e me apoiaram durante todo o trabalho. Agradeço especialmente a Nilton Melo, arquivista, anarquista, pela entrevista, pela disponibilização de documentos do acervo do CCS e pelas conversas que muitas vezes jogaram “luz” em minhas reflexões, e a Nildo Avelino pela entrevista e por compartilhar de forma tão generosa suas fontes de pesquisa sobre os militantes do Centro. Valeu CCS!

Obrigada àqueles que tão gentilmente me receberam em suas casas ou local de trabalho para conversar sobre o Centro de Cultura Social e sobre suas experiências de vida: Alberto Centurião, Antônio Carlos de Oliveira, que me cedeu valiosas fontes de pesquisa, Chico Cuberos (*in memoriam*) e Maruja Cuberos, que me receberam tão docemente, Edson Passetti, pelas dicas e troca de ideias “vigorosas” que tivemos em algumas oportunidades, e ao meu amigo Acácio Augusto, que de alguma forma começou nessa história junto comigo.

Amigos que não têm nada a ver com a PUC nem com o CCS, mas que se esforçaram para me ajudar em momentos caóticos: Izabel Neme, que disponibilizou fontes de pesquisa do meu querido “Canto Libertário”, CEDAP-Assis, essenciais para o trabalho; minha revisora Jéssica Ferraz, pelo profissionalismo, carinho e incentivo imprescindível nesta etapa final; e Ricardo Reis, que me acompanhou em ocasiões importantes e me socorreu nesse finzinho com seu “expertise” em informática.

Agradeço às pessoas mais especiais da minha vida: minha mãe Maria, por quem sinto uma imensa gratidão, pelo apoio constante em todos os momentos da minha existência, por acreditar em mim e acreditar nas coisas que quero junto comigo, fazendo-as acontecer. Obrigada pelo carinho e pelo amor, que fazem de mim uma pessoa mais forte e guerreira. Agradeço ao meu pai Francisco, que, por discordar de mim muitas vezes, me fez mais contestadora, e também por me ensinar que nada “é muito fácil”. Obrigada por tudo, pelo apoio, pelo carinho e pela sua firmeza de caráter, que também me faz uma pessoa mais forte e guerreira! Obrigada ao meu irmão Lincon pelo carinho e apoio, à minha sobrinha Isabella, criança linda que me animou com seu sorriso em várias ocasiões. Ao meu sobrinho Vinícius, a quem admiro muito, com sua compreensão impaciente, típica das crianças, sempre perguntando: “Já acabou, tia?” Agora respondo: “Acabou, Vi!”. Amo vocês!

Por fim, agradeço aos meus amigos e amigas que acompanharam meus devaneios, compartilharam reflexões e estiveram comigo sempre, pessoas interessantes com as quais tive a sorte de “cruzar” neste mundão: Carol Patto, Gláucia Fernandez, Eloísio Felipe, Gabriel Baião, Patrícia da Matta, Luiz Eduardo Cobra Lacorte (Pite), Pedro Viana, Rodrigo Presotto, Liliane Nozella, Renata Couto, Gustavo Casale (Verde), Melissa Scanhola, Lucas e Simone (Siça) Robles, Raphael Duarte da Silva, Érika Almeida de Souza, Renata Câmara, Cristiane Sousa e Sonia Rodriguez.

## RESUMO

TITO, Michelle Almeida. O Centro de Cultura Social de São Paulo: entre práticas sociais e construções de memórias (1985-2007).

Na dissertação “O Centro de Cultura Social de São Paulo: entre práticas sociais e construções de memórias (1985-2007)”, abordo a trajetória dessa associação criada por anarquistas em 1933. Para a realização deste trabalho, recorri às narrativas de militantes e ex-militantes do Centro por meio da produção de entrevistas e consulta de fontes de pesquisa como boletins informativos, cartas, convites, cartazes e programações produzidos no decorrer de suas atividades, os quais me permitiram dialogar com as experiências vividas pelos grupos de diferentes tendências anarquistas que constituíram o CCS. Procuo evidenciar os convívios e confrontos vivenciados por esses grupos, assim como as disputas que envolveram os militantes mais atrelados ao anarco-sindicalismo e os grupos ligados aos “novos anarquismos”, fatos esses que resultaram em transformações na associação.

Problematizo as construções e os significados das memórias – forjadas no decorrer das lutas empreendidas por seus militantes – que permeiam o Centro de Cultura para compreender os diferentes sentidos atribuídos às rememorações e à valorização ou desvalorização de dimensões do passado, que muito se relacionam aos dilemas vividos no presente. Investigo, ainda, as dificuldades que envolvem a preservação das memórias da associação, especialmente as disputas em torno do acervo documental do Movimento Anarquista e do CCS.

Por fim, exploro as relações entre os militantes do Centro e o espaço urbano da cidade de São Paulo e também as articulações deles com a cultura urbana paulistana, marcada por processos de globalização. No decorrer desta pesquisa, constatei que as práticas sociais empreendidas pelos militantes (re)significaram certos lugares da cidade, como o bairro do Brás e a região central, que foram tomados como espaços para a sociabilidade e para a militância do Movimento Anarquista. Reflito sobre os deslocamentos da sede da associação por bairros paulistanos, desde sua reabertura em 1985 até a aquisição de uma sede própria em 2006, e sobre os desdobramentos dessas movimentações.

Palavras-chave: Anarquismo. Centro de Cultura Social de São Paulo. Memória. Brás. Cidade de São Paulo.

## ABSTRACT

TITO, Michelle Almeida. São Paulo Cultural Center: social practices and shaping memories. (1985-2007).

On the dissertation “O Centro de Cultural Social de São Paulo: entre práticas sociais e construções de memórias (1985-2007)” (Cultural Social Center of São Paulo capital: social practices and shaping memories), I explore the story of this center created by anarchists in 1933. In order to gather information, I researched stories of members and ex-members of the center that were told in interviews and some other documents such as reports, letters, invitation, posters and made while the center existed, this information allowed me to link to the experiences from other anarchists groups that belonged to CCS. I envisage to expose their experiences, also the disputes of the members linked to syndicalism-anarchism and groups linked to “new anarchists”, such link led transformations into the center.

I focus on how such memories were shaped and on the meaning of such memories - they were forged through the fights commanded by its members – that belong to the Cultural Center in order to understand the meanings of the memories and its value or not value of its past, and most people link these memories to present dilemmas. I also investigate the problems aroused by keeping such memories, especially the fact that many people want to have the documents of the Anarchist Movement and of the Cultural Center.

Lastly, I explore the relation between the members of the Center and the urban area of São Paulo city, how they blend into the urban culture of this city so important and for its globalization processes. During the research, I realized that the social practices of the members recreated some places in the city, such as Brás area, downtown, as they were taken up by the members of the Anarchist movement. I consider the fact its headquarters have been spread throughout the urban area, after it was open for the second time in 1985 until the members got their own headquarter in 2006 and also I point out the consequences of such acts.

Keywords: Anarchism. São Paulo Cultural Center. Memories. Brás. São Paulo city.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>Era mais o movimento, mais trabalhadores...</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>As muitas tramas das memórias</b>	<b>68</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>As memórias na cidade, a cidade nas memórias...</b>	<b>93</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>118</b>
<b>FONTES</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, abordo a trajetória do Centro de Cultura Social de São Paulo (CCS) no período compreendido entre os anos de 1985 a 2007. Após cessar suas atividades por 17 anos (desde 1969), o CCS foi reaberto pelas mãos de militantes, entre eles Jaime Cubero, Chico Cuberos, Antônio Martinez, José Carlos Orsi Morel e outros. Segundo seus estatutos, o Centro de Cultura Social é uma associação anarquista, fundada em 14 de janeiro de 1933 e reconstituída em 2 de junho de 1945, com sede própria na Rua General Jardim, 253, Vila Buarque, São Paulo.

Como uma associação anarquista fundada em 1933 consegue chegar ao século XXI enquanto tantas outras iniciativas de associações com finalidades políticas e culturais foram tragadas e desapareceram? Quais foram as perspectivas de militância anarquista dos integrantes do Centro de Cultura Social durante sua trajetória e como elas se modificaram com o passar do tempo? Buscar desvendar esses questionamentos pode ser um caminho para compreender a atuação do Centro e perceber como o passado está imbricado ao presente, delineando os fazeres e as práticas de seus militantes.

Na década de 1980, emergiram “novos anarquismos”, e o perfil do militante do CCS se diferenciou daquele que predominou entre trabalhadores operários nas fases anteriores, pois passaram a frequentar a associação jovens, estudantes e professores universitários. Considero esse um período importante, pois nele diversos movimentos sociais foram forjados e trouxeram suas manifestações para a agenda pública. No mesmo período, houve uma efervescência política e cultural expressa em diversos movimentos sociais, como o do sindicalismo no Grande ABC, os Movimentos do Custo de Vida nas periferias da cidade de São Paulo, os movimentos de gays e de prostitutas, e também a luta dos negros, a criação do Movimento dos Sem-Terra e ainda a rearticulação do Movimento Anarquista, do qual o Centro de Cultura Social faz parte.

As principais atividades realizadas na instituição nessa fase foram palestras, cursos, participações em manifestações, leituras dramáticas de peças teatrais, disponibilização de uma biblioteca e de um arquivo com acervo voltado para obras sobre anarquismo e Ciências Humanas, e um Serviço de Livraria. Essas práticas não se distanciavam totalmente das atividades realizadas nos períodos anteriores, porém pode-se notar que houve a introdução de novos temas. Se anteriormente o foco era a emancipação do trabalhador como instrumento

para se alcançar a “revolução social”, a partir de 1985 são colocados temas e preocupações como a sexualidade, o homossexualismo, o Movimento Punk, entre outros.

A escolha do Centro de Cultura Social como foco deste trabalho foi motivada por uma série de fatores. Inicialmente, pretendia abordar a questão da preservação de memórias em Arquivos e Centros de Documentação do município de São Paulo criados a partir de 1980, momento de abertura política em que foram criadas várias instituições preocupadas com a valorização e preservação de memórias de diferentes sujeitos históricos. Esse interesse foi despertado por minha atuação profissional como historiadora e arquivista. Diante da necessidade de delimitar melhor os objetivos da pesquisa, tive que optar por apenas uma instituição ou associação; então, por conta disso, decidi lidar com a construção e preservação de memórias no CCS, decisão que se desdobrou em outros questionamentos, como notar a atuação dos diversos grupos anarquistas em convívio e em confronto que forjaram a associação e modificaram a sua configuração no decorrer do tempo.

Tive contato com o anarquismo em 1998 junto a meus amigos do bairro e do colégio. Nossa aproximação daquilo que chamávamos de “anarquismo” estava muito ligada à contestação do autoritarismo enfrentado na família e na escola, principalmente, e à vontade de imaginar e discutir uma possibilidade de organização social que extrapolasse o que estava colocado. Foi nesse contexto que me aproximei das ideias anarquistas difundidas por livros, bandas punks, fanzines e conversas trocadas nos bares e nas ruas. Em 2001, comecei minha graduação em História na UNESP-Assis, onde tive a oportunidade de dialogar com professores, especialmente Sérgio Norte, e amigos sobre “anarquismos”, até que comecei a fazer parte de um grupo de estagiários que passou a organizar um acervo de periódicos libertários que fazem parte da *Coleção Canto Libertário*, do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP). Foi lidando com a documentação desse acervo que tomei conhecimento do Centro de Cultura Social por meio de seus boletins informativos.

Ao atuar no Projeto de Extensão Universitária “Canto Libertário: Preservação, Organização e Disponibilização dos Periódicos Anarquistas”, desenvolvido no CEDAP da UNESP-Assis, onde tomei contato com as atividades de organização e preservação de acervos documentais, pude acessar muitos documentos referentes à imprensa libertária do século XX. Mesmo antes de atuar naquele projeto de extensão universitária, o anarquismo, com suas premissas de sociedade livre, sem a coersão de poderes institucionais, estatais e com seu passado impregnado de lutas sociais, já era um tema que me encantava e, ao lidar com a *Coleção Canto Libertário*, pude vislumbrar a possibilidade de pesquisá-lo por meio dessa documentação, que continha desde periódicos da imprensa anarquista do início do século XX,

como a *Voz do Trabalhador* e *A Plebe*, até periódicos ligados a temas mais contemporâneos, como o *Inimigo do Rei*, *Libera amore Mio*, entre outros.

Porém, as atividades que desenvolvi ali foram puramente técnicas. O objetivo do Projeto era deixar a *Coleção Canto Libertário* devidamente organizada e desenvolver procedimentos de conservação preventiva para garantir a integridade daquele acervo e disponibilizá-lo para pesquisas. Por conta disso, o olhar sobre aquela documentação foi rápido – olhar de arquivista – e não houve espaço para uma reflexão mais consistente sobre a produção social daqueles periódicos libertários.

Como comentei anteriormente, meu interesse pelo estudo da memória e pelo Centro de Cultura Social como espaço de memórias surgiu através da minha experiência profissional, cuja maior parte vem ocorrendo em Arquivos e Centros de Documentação do Estado de São Paulo. Passei a intrigar-me com as utilizações e manipulações que são feitas do passado, que transformam experiências vividas por pessoas e momentos históricos em produtos comerciais e em projetos políticos que realimentam uma história hegemônica e unilateral. Longe de fazer generalizações, falo a partir de minhas experiências, pois presenciei, frequentemente, nas práticas de difusão e guarda de documentos históricos, um discurso voltado para o “resgate da memória”, “preservação da memória”, no qual não havia uma preocupação mais profunda com esses acervos. Quais são seus significados? Quem os produziu e com que intenções? Para que e para quem são guardados? Quem decide o que deve ou não ser preservado?

A decisão em considerar o Centro de Cultura Social como foco deste trabalho também foi motivada pela vontade de direcionar o meu olhar para um espaço que escapasse dos meandros institucionais de preservação da memória vinculados ao Estado ou ao meio empresarial, para buscar compreender como movimentos sociais lidam com seu passado e lutam pelo direito de evocar e preservar suas muitas memórias a partir de necessidades que são forjadas no presente, que envolvem valores, sentimentos, ressentimentos e também interesses políticos e perspectivas de luta política. Como esse é um ponto de disputas e ressentimentos entre militantes e ex-militantes, procuro refletir sobre o significado da preservação das memórias do Movimento Anarquista para diferentes grupos, particularmente para aqueles que integram, hoje, o CCS.

Busco, também, refletir sobre o Centro como espaço de lutas históricas forjadas por anarquistas, em que se mistura e entra em conflito uma pluralidade de perspectivas de militância. A *memória*, conceito tão evocado em nossa contemporaneidade, é um ponto de partida para a discussão. Lidando com a memória como um campo de diálogo e disputas, procuro compreender momentos da trajetória desse Centro discutindo como os diferentes

grupos militantes o constituíram e o modificaram, enaltecendo dimensões do passado, atribuindo-lhe significados variados e conflitantes. Procuo pensar nas memórias que permeiam o CCS como algo vinculado ao presente e que traz indícios de tendências de convívio e de confronto nessa realidade militante na cidade de São Paulo.

A questão da preservação das memórias de movimentos sociais – nesse caso, do Movimento Anarquista – deve ser alvo de uma atenção especial, pois esses acervos funcionam com escassos recursos financeiros, geralmente por força de vontade de seus militantes. Pude constatar, no decorrer deste trabalho, que o acervo do Centro de Cultura e do Movimento Anarquista encontra-se fragmentado; parte dele está inacessível. Ressalto que se esses vestígios de experiências sociais – que chamamos de acervo documental, abrigados em arquivos, centros de documentação – nos escapam, perdemos a chance de conhecer outras histórias. Por isso, a discussão sobre acervos de movimentos sociais não cabe somente ao movimento *x* ou ao movimento *y*, mas deve atingir a nós historiadores e interessados em história, engajados em conhecer as perspectivas do passado e do presente além daquilo que ficou consagrado no âmbito hegemônico.

\*\*\*

O CCS foi criado por anarquistas em 1933 como uma alternativa de atuação além dos sindicatos. Para os anarco-sindicalistas que o fundaram, como Edgard Leuenroth, Rodolpho Felipe e Pedro Catallo, o sindicato era considerado o principal campo para as suas lutas entre o início do século XX até a década de 1930. Os sindicatos tinham um caráter revolucionário para os anarco-sindicalistas. Deveriam ser autônomos e orientados pela ação direta do trabalhador, com a finalidade de promover a emancipação da classe trabalhadora. Segundo Yara Khoury (1988), o trabalho era percebido por esse grupo como atividade básica do ser humano, em que os indivíduos encontram as melhores condições para a organização, e instrumento privilegiado na luta revolucionária – para a construção pela ação direta dos caminhos para a sociedade anárquica. “Daí eleger-se o sindicato como a célula a partir da qual se irradia a revolução e a greve como uma das expressões mais significativas dessa luta”<sup>1</sup>.

No entanto, entre 1920 e 1935, os anarco-sindicalistas perderam espaço nos sindicatos por diversos fatores, entre eles a disputa com os bolchevistas, acusados de destruírem a

---

<sup>1</sup> KHOURY, Yara Aun. *Edgar Leuenroth: uma voz libertária*. Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalistas. 1988. Tese (Doutorado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988. p. 74.

coesão dos trabalhadores ao procurarem centralizar o Movimento e ao colocarem a proposta de uma única via para a luta pela emancipação dos trabalhadores orientados pelas “cartilhas de Moscou”. A Lei de Sindicalização imposta pelo Estado na década de 1930 foi um golpe para os anarco-sindicalistas que viam nela a tentativa de controle estatal sobre o trabalhador, que no entendimento do grupo deveria ser autônomo. A Greve de 1932, articulada em torno da Federação Operária de São Paulo (FOSP), da Confederação Operária Brasileira (COB) e do Comitê de Relações de Grupos Anarquistas, não conseguiu envolver outras tendências do Movimento Operário e não teve sequer suas reivindicações ouvidas pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), sendo considerada ilegal pelo Estado. Com isso, o sindicalismo autônomo passou a ter dificuldades em articular o proletariado em São Paulo. “Nos anos de 1932 e 1933, Leuenroth e seus companheiros recorrem a outros caminhos de luta, além do sindical, não só como propostas em si mesmas, mas também como reforço ao sindicalismo autônomo”<sup>2</sup>. É nesse contexto que surge o Centro de Cultura Social.

Entre os objetivos iniciais do CCS estavam a formação de militantes e o acesso dos trabalhadores à cultura por meio de palestras, conferências, apresentações teatrais, universidade popular e cursos. Ressalto ainda que nesse momento, “cultura” está vinculada à ideia de aquisição de conhecimento e constituição de saberes, pois o conhecimento é concebido como um caminho para conquistar a liberdade e romper com os autoritarismos materializados nas figuras do Estado e do Clero. As atividades realizadas no Centro eram inspiradas pelas práticas culturais dos anarquistas e anarco-sindicalistas do início do século XX. Em sua dissertação de mestrado, Margareth Rago<sup>3</sup> comenta que várias atividades culturais como conferências, representações de peças dramáticas, apresentação de grupos musicais, formação de círculos de discussão e de estudos foram organizadas pelos sindicatos de orientação anarco-sindicalista no Brasil.

Períodos ditatoriais envolveram a trajetória do Centro e provocaram a interrupção de suas atividades por duas vezes. Em 1937, fechou suas portas em decorrência da Ditadura do Estado Novo; reabriu-as em 1945 e funcionou até 1969, quando suas atividades foram novamente interrompidas, desta vez devido à Ditadura Militar, que endureceu a repressão após a promulgação do Ato Institucional nº 5. O CCS cessou suas atividades após a notícia da prisão de companheiros no Rio de Janeiro, que formavam o Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO).

---

<sup>2</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>3</sup> RAGO, Margareth. Sem fé, sem lei, sem rei: liberalismo e experiência anarquista na primeira República. 1984. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1984. p. 250.

Algumas pesquisas acadêmicas abordam a atuação do CCS em sua *primeira fase*, que vai de 1933 a 1937, e na *segunda*, de 1945 a 1969. Entre elas está a dissertação de Paulo Borges (1996), *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista (1945-1954)*, na qual ele discute o anarquismo dentro do debate acadêmico nas décadas de 1980 e 1990 e realiza uma análise da historiografia que aborda movimentos sociais e operários. O autor destaca os trabalhos de Yara Khoury, Margareth Rago e Sérgio Norte por realizarem análises para além dos espaços políticos convencionais e por olharem para o objeto em si, não se baseando em relações extrínsecas. O terceiro capítulo da dissertação de Borges fornece um bom panorama das atividades realizadas na *segunda fase* do Centro, como congressos, piqueniques, conferências, festivais libertários, teatro, cursos realizados na própria instituição e também cursos itinerantes, como a Universidade Popular Presidente Roosevelt, em 1946, que tinha como finalidade oferecer a continuidade de estudos para as “classes populares”.

Borges obteve muitas informações por meio de entrevistas com Jaime Cubero<sup>4</sup>, que deu a dimensão de algumas diferenças entre tendências no convívio dentro do Movimento Anarquista naquele período, como as idas à “Nossa Chácara”, onde haviam os anarcosocialistas que eram adeptos de um estilo de vida mais saudável e abstinente, o que não era compartilhado por todos. Em uma das passagens, Jaime disse: “Comer carne, fumar ou beber, segundo eles, tornava os homens mais agressivos. Nós os chamávamos de turma do tomatinho”<sup>5</sup>. Outro ponto interessante é que nas entrevistas é possível perceber a mudança de alguns aspectos nas perspectivas de militância anarquista para os militantes da *primeira fase*, como Edgard Leuenroth. Para ele, a “revolução social” era considerada algo premente. Jaime recordou que nas suas conversas com Leuenroth e seus companheiros na época de sua juventude, eles diziam que pensavam que uma revolução poderia acontecer no dia seguinte, que iriam derrubar governos e alcançar a “sociedade anárquica”.

O artigo “Práticas Libertárias do Centro de Cultura Social de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951)”, de Endrica Geraldo (1988), retrata a atuação do Movimento Anarquista após seu afastamento do Movimento Operário, quando os sindicatos deixaram de ser o principal meio de atuação para os anarco-sindicalistas. Para isso, procura conhecer e identificar as práticas libertárias do Centro de Cultura, utilizando como principal fonte o jornal *A Plebe*, periódico considerado porta-voz do movimento anarco-sindicalista e que surgiu em meio às mobilizações de 1917, tendo sua última edição sido publicada em 1951. O jornal passou por

---

<sup>4</sup> Jaime Cubero militou de forma ativa e constante no Centro de Cultura Social de 1945 até o ano de sua morte, em 1998.

<sup>5</sup> BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista (1945-1954)*. 1996. Dissertação (Mestrado)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996. p. 178.

várias interrupções e manteve periodicidade irregular ocasionada pela repressão política. Entre seus editores e articulistas estavam Edgard Leuenroth, Liberto Lemos e Rodolpho Felipe, que também eram militantes do Centro. Endrica Geraldo utiliza como recorte para o seu estudo os períodos em que o jornal *A Plebe* circulou, que foi no mesmo momento em que o Centro de Cultura estava em funcionamento; a Redação do jornal e o Centro, inclusive, ocupavam o mesmo endereço. A autora identifica diferenças entre a *primeira* e a *segunda fase*. Diz que de 1933 até 1935 o Centro atuou em parceria com a FOSP, o que fez com que as propostas do CCS fossem marcadas pela presença da imagem do operariado. Nessa fase, houve palestras, festivais libertários, teatro, sessões comemorativas de datas significativas para o Movimento Anarquista – como o Primeiro de Maio. Já na fase seguinte, de 1947 até 1951, constatou que as atividades se tornaram mais restritas e que o trabalhador continuou presente, porém mais no discurso da militância do que de maneira prática. O Centro deu continuidade a atividades como conferências – principal instrumento de propaganda anarquista –, cursos que procuravam oferecer cultura ao público e ensino alternativo aos institucionalizados, festivais que contemplavam apresentações teatrais, números musicais, bailes, recitais, poesias e palestras. As práticas culturais não sofreram transformações; o que existiu foi um deslocamento de temáticas que naquele momento deixaram de priorizar os temas sindicais.

Nildo Avelino, em sua dissertação de mestrado, *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências* (2004), discute como os militantes do Centro de Cultura Social constituem a si mesmos como sujeitos de uma conduta por meio de “uma moral anárquica”. Ele aponta as influências dos autores Bakunin e Malatesta no perfil dos militantes no CCS e traz um panorama histórico de todas as fases do Centro de Cultura até 1985, destacando suas principais atividades. O autor utilizou em seu trabalho entrevistas que realizou com militantes remanescentes da *segunda fase*<sup>6</sup>. Essas entrevistas foram valiosas para que eu pudesse conhecer um pouco da trajetória dos responsáveis pela reabertura do CCS na década de 1980.

Quando cheguei ao Centro de Cultura Social em 2008, achei possível apreender os significados das memórias centrando-me apenas no acervo da associação. Iniciei os primeiros contatos, realizei um breve levantamento do que havia no acervo e comecei a frequentar algumas atividades para compreender um pouco da dinâmica da associação. A partir do contato com os militantes do CCS, com o acervo, com as fontes de pesquisa, e ao participar de algumas atividades, pude perceber que seria impossível compreender como o Centro foi se

---

<sup>6</sup> Exceto José Carlos Orsi Morel, que entrou em contato com militantes do Movimento Anarquista no final da década de 1970.

constituindo num espaço de memórias, somente com base no acervo documental e bibliográfico. As falas dos sócios, militantes e simpatizantes, repletas de memórias, apontavam direções e argumentos diversos, muitas vezes contraditórios, que eu precisava conhecer e situar melhor. Daí a decisão de incorporar as narrativas de militantes, ex-militantes e sócios do Centro a este trabalho.

Além de narrativas orais, colhidas por meio de entrevistas, tive acesso aos boletins informativos, às atas, aos relatórios, às cartas recebidas e enviadas e aos convites produzidos pelo Centro de Cultura Social desde 1985. Desta maneira, obtive informações sobre as atividades realizadas e sobre os militantes que atuaram no CCS. Os boletins informativos são o principal meio de divulgação das atividades do Centro desde a década de 1980. São distribuídos gratuitamente e têm periodicidade irregular. Neles, há um espaço dedicado à programação, à relação de livros disponibilizados pelo Serviço de Livraria, a artigos e notícias sobre o Movimento Anarquista. Sua distribuição é realizada pelos Correios e na própria sede para sócios e interessados.

Os boletins e as atas de assembleias dão a dimensão das tendências de militância que se constituíram e se modificaram no decorrer do tempo. Nos boletins produzidos pelo CCS de 1985 até 1997, época em que o Centro teve uma configuração mais inspirada pelo anarco-sindicalismo, é perceptível uma valorização do passado e sua influência nas práticas culturais desenvolvidas no presente. Os textos publicados nas décadas de 1980 e 1990 fazem referências a datas e lembranças consideradas importantes para o Movimento Anarquista, como o Primeiro de Maio, a Greve de 1917 e a Guerra Civil Espanhola, marcos que são lembrados pelos militantes do CCS em conferências, debates, mostras de filmes e exposições. Também há referências constantes a autores clássicos do Movimento Anarquista, como Malatesta, Bakunin, Proudhon e Edgard Leuenroth. Nos boletins mais recentes, essas temáticas se mesclam com artigos dos próprios militantes e sócios do Centro sobre assuntos diversos, como *Maio de 68 – De volta à França*, de Nilton Melo, e *Subjetividade, Feminismo e Poder*, de Margareth Rago.

Foi interessante refletir sobre a relação entre as narrativas dos militantes e os acontecimentos registrados nos boletins, como o *Encontro de Cultura Libertária* que aconteceu no ano 2000, em Florianópolis. Enquanto este teve uma avaliação positiva no Boletim Informativo, ao conversar com os participantes deste Encontro soube que alguns o consideraram um divisor de águas do Movimento Anarquista e o destacaram como motivo de rupturas entre militantes. Confrontar as fontes escritas e as narrativas orais mostrou-se, para mim, um exercício rico, que fiz não com a intenção de propor descobertas ou apontar

verdades, mas para captar como acontecimentos da realidade vivida pelos militantes anarquistas são (re)interpretados e (re)significados.

Os nomes dados aos espaços dentro do Centro – Bar Malatesta, Biblioteca Antônio Martinez e Livraria Maurício Tragtenberg, que se referem a antigos militantes – deram-me pistas para o aprofundamento do estudo e contribuíram para que eu notasse que a memória, ou melhor, as memórias, não estavam somente nas caixas-arquivo, nos livros, nas gavetas de aço, nos periódicos libertários, mas também diluídas no espaço que é tomado pela associação e presentes nas pessoas que dão vida ao Centro de Cultura, que indicam influências exercidas sobre as escolhas e direções do CCS durante sua trajetória.

Para refletir sobre as práticas sociais e as construções das memórias no Centro de Cultura Social, foram essenciais as abordagens presentes nas publicações *Muitas Memórias, Outras Histórias*, de Yara Khoury (2004) e *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*, de Déa Ribeiro Fenelon (et al., 2004)<sup>7</sup>. Por meio dessas leituras, pude compreender a experiência social como objeto de estudo e como conceito articulador, em que não se divide a vida material da cultura e da consciência; a experiência social é tomada como objeto de estudo em todas as suas dimensões<sup>8</sup>. Procurei, desta forma, olhar para a realidade vivida pelos militantes do CCS e para os múltiplos significados que atribuem a sua militância, o que revelou diferentes perspectivas de anarquismo e de lutas.

Também considero as noções de cultura que permeiam os artigos apresentados nessas obras, que trabalham com cultura pensada como um processo cultural construído, que cria e expressa modos de vida específicos e diferentes, percebendo cultura como um campo privilegiado da história, campo de produção de sentidos de sujeitos no passado e no presente. Segundo a professora Fenelon,

Entende-se a cultura como memória, trabalho, política, costumes, símbolos, valores e, enfim tudo que os homens criam e ao que atribuem significados, tem-se pensado e trabalhado a memória, como um campo de luta, como alvo de disputa, de domínio e de afirmação social.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Estas publicações foram resultado do Projeto de Cooperação Acadêmica, PROCAD, financiado pela Capes: “Cultura, Trabalho e Cidade: Muitas memórias, Outras Histórias”, desenvolvido entre 2001 e 2004. O Núcleo Cultura, Trabalho e Cidade – NEC, criado em 1996 na PUC-SP, atuou neste projeto como equipe líder junto a Núcleos e pesquisadores de História da UFU, UFF, UNESP-Assis, UCSAL E UNIOESTE.

<sup>8</sup> KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. M. et al. *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006. p. 10-11.

<sup>9</sup> FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. *Muitas Memórias, Outras Memórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 7.

Procuro compreender e situar as memórias que permeiam o CCS não como algo acabado, mas em processo e vinculado ao presente. Aproximei-me das reflexões do *Grupo Memória Popular*, que foram significativas ao afirmarem que a produção social da memória e o conhecimento do passado são produzidos no transcorrer da vida cotidiana. O Grupo questiona e problematiza as maneiras pelas quais a memória social é produzida, atentando para a relação passado-presente, pois o passado tem existência ativa nesse presente<sup>10</sup>. Assim, passei a compreender as memórias que envolvem o Centro de Cultura Social não como algo dado, mas construído no decorrer das experiências vividas pelos seus militantes. Concordo com Yara Khoury quando diz que:

Na compreensão da transformação histórica, parece-nos uma tarefa essencial, e ainda pouco visitada, explorar modos como memórias se fazem e se refazem, tensionam e se articulam na experiência diária, impregnadas não só nas falas, como nos gestos, comportamentos, rituais, tradições, costumes e sensibilidades; distribuídas em *outdoors*, propagadas pela mídia, forjando-se nos rumores de cada dia.<sup>11</sup>

Durante o percurso de pesquisa, não foi raro me deparar com a ideia de “tradição anarquista”, entendida pelos militantes como o conjunto de lutas políticas e práticas culturais empreendidas pelos anarco-sindicalistas e anarquistas no passado. Além de conversar com militantes e ex-militantes para esclarecer essa questão, também me aproximei da ideia de “tradição seletiva” proposta por Raymond Williams, que a vê como uma versão seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado poderosamente ativo no processo de definição e identificação social e cultural. “É nos pontos de conexão vitais, onde uma versão do passado é usada para ratificar o presente e indicar as direções para o futuro, que uma tradição seletiva é ao mesmo tempo poderosa e vulnerável”<sup>12</sup>. A noção de tradição seletiva elaborada por Williams me ajudou a esmiuçar a influência de aspectos do passado nas práticas sociais em diferentes momentos do Centro, o que me levou a questionar o que é essa tradição anarquista e seus possíveis desdobramentos. Preservar ou não a “tradição anarquista” culminou em conflitos entre os diferentes grupos que militam ou militaram no CCS. Buscar elucidar esta questão se tornou um desafio.

Ao procurar conhecer as práticas realizadas pelo Centro de Cultura Social nas fases anteriores, notei que algumas vigoram até os dias atuais, como as palestras abertas ao público,

<sup>10</sup> GRUPO MEMÓRIA POPULAR. *Memória Popular: Teoria, Política e Método*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

<sup>11</sup> KHOURY, Yara Aun. *Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história*. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 133.

<sup>12</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 120.

que continuam sendo a principal atividade do CCS. Porém, as temáticas abordadas e os objetivos dessas atividades passaram por modificações entre a *primeira* e a *segunda fase*. Aos poucos, no lugar das questões centradas na emancipação do trabalhador, surgem temas diversificados como a questão sexual, higiene mental, religião e educação. Uma das características do Centro de Cultura Social era a abertura do espaço para diferentes tendências políticas, desde que a temática tivesse o potencial para propiciar um debate ao final da apresentação entre todos os presentes. Em 1949, o jornal *A Plebe* anunciou: “Todo orador poderá inscrever-se pois será bem acatado pelo Centro de Cultura Social, que dará a palavra mesmo àqueles cujas ideias podem ser contrárias às de seus membros [...]”. Esse posicionamento não foi mantido em alguns momentos do Centro. Segundo alguns militantes, convites a palestrantes não-anarquistas foi um ponto de divergência interna.

A ideia de tradição anarquista parece estar vinculada a experiências dos militantes remanescentes que empreenderam lutas mais próximas ao anarco-sindicalismo e aos “meios populares”. Foi na aproximação com esse universo que aconteceu a reabertura do Centro em 1985, em que foram resgatadas e reelaboradas algumas práticas formuladas no passado, enquanto outras deixaram de existir. Diante da impossibilidade de ocupar teatros na cidade de São Paulo, montar cenários e figurinos para apresentações teatrais, o Núcleo de Teatro 6 de abril, criado em 1997, investe nas leituras dramáticas que podem ser apresentadas em pequenos espaços, além de serem itinerantes. No lugar dos jornais e boletins informativos que divulgavam as atividades do CCS, hoje é usado um *site* na internet; os festivais libertários e os piqueniques deixaram de existir, não há notícias sobre eles após a reabertura do Centro em 1985. Algo impensável nas fases anteriores é o Bar Malatesta, um pequeno espaço para se tomar um café ou uma bebida. Ao ler as matérias dos jornais libertários das décadas de 1940 e 1950, não há notícias de que houvesse um espaço semelhante. Como comentei anteriormente, as palestras continuaram sendo a principal atividade oferecida pelo Centro nos anos 1980, e exploraram bastantes temáticas ligadas à trajetória do Movimento Anarquista, ao anarco-sindicalismo e a autores clássicos. Nos últimos anos, os temas oferecidos têm dialogado com temas ligados a pesquisas acadêmicas, especialmente vinculadas ao Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP, sintonizado com temáticas ligadas ao Abolicionismo Penal e autores libertários contemporâneos.

Entre as práticas mantidas, destaco o esforço em organizar e disponibilizar a Biblioteca Antônio Martinez com acervo dedicado a obras referentes ao anarquismo e às Ciências Humanas, periódicos libertários nacionais e internacionais, além de cartazes, folhetos, fanzines, boletins e videoteca. O que há no CCS é uma pequena fração do que foi

acumulado durante sua existência, já que muitos documentos encontram-se dispersos em outros espaços, como o Arquivo do Círculo Alfa de Estudos Históricos (Grupo Projeção) e o Arquivo Punk, que está no CEDIC/PUC-SP. Também teve continuidade o Serviço de Livraria, que vende livros referentes ao anarquismo e temas afins. Entre as novidades trazidas na *terceira fase* do Centro, vale a pena citar as mostras de vídeo, especialmente sobre o tema anarquismo. Foram exibidos filmes como *A classe operária vai ao paraíso*, *Sacco e Vanzetti*, *Germinal*, *Páginas da Revolução* e *Libertárias* acompanhados de debates após as exibições.

Algumas mudanças que aconteceram no CCS resultaram em rupturas e tensões como a alteração dos estatutos, que tiveram de ser reformulados por força jurídica em 2007. Um grupo defendeu que o Centro de Cultura deveria denominar-se anarquista, pois, para esse grupo, o Centro não se colocava como anarquista publicamente devido às conjunturas políticas desfavoráveis e repressivas, mas, atualmente, dada a “liberdade democrática” que atravessamos, não há sentido em ocultar o posicionamento político da associação. Para Chico Cuberos, militante desde 1945, ao denominar-se anarquista, o Centro se afasta da sua tradição de ser aberto ao diálogo com diferentes tendências políticas, o que foi valorizado em outros tempos. Sem haver acordo, Chico rompeu definitivamente com o CCS.

É importante dizer que na maior parte de sua trajetória o Centro não se colocava como entidade anarquista. Era um espaço cultural público, animado por anarquistas que se organizavam em grupos de afinidade. Outro espaço de atuação e sociabilidade de militantes anarquistas que participavam do CCS era a *Associação Naturista Amigos Nossa Chácara*, fundada em 1939 no Itaim Paulista. Esse era um espaço de sociabilidade entre os libertários, onde realizavam congressos, piqueniques e conferências. Em 1966, a associação foi transferida para Moji das Cruzes.

A ideia de organização específica, a partir da formação de grupos de afinidade, é muito cara aos anarquistas que atuaram no CCS. A reabertura em 1985 foi articulada principalmente pelo Grupo Projeção, também conhecido como Círculo Alfa de Estudos Históricos (CAEH), criado na década de 1970 por militantes anarquistas que continuaram suas atividades clandestinamente durante a Ditadura Militar. Entre eles, estavam Antônio Carlos Martinez, Chico Cuberos, Edgar Rodrigues, Ideal Peres, Jaime Cubero e José Carlos Orsi Morel. O grupo tinha a finalidade de contribuir com a rearticulação do Movimento Anarquista e preservar sua memória por meio da criação de um arquivo. Nesse grupo, ingressaram apenas militantes selecionados pelos sócios-fundadores. Para compreender melhor a ideia de grupos de afinidade, recorro à explicação de Jaime Cubero:

Os grupos de afinidade são constituídos por militantes cujo relacionamento, fundado em interesses peculiares, é tanto mais intenso na medida em que é alimentado por idéias e práticas revolucionárias. Cada grupo tem um número limitado de participantes, o que garante maior grau de intimidade entre seus membros. São autônomos, onde seus integrantes podem reestruturar-se tanto individual quanto socialmente. Funcionam como catalisadores do movimento, proporcionando iniciativa e conscientização. A união ou separação de cada grupo é determinada pelas circunstâncias e interesses próprios, e não por qualquer decisão centralizada. As adesões ou saídas são feitas espontânea e livremente, sem pressão de qualquer natureza. Durante os períodos de repressão os grupos de afinidade são muito resistentes. Devido ao alto grau de coesão que existe entre os participantes, se torna difícil penetrar no grupo, e mesmo sob as condições mais difíceis os grupos de afinidade conseguem manter contatos. Nada impede que os grupos trabalhem juntos em qualquer nível que se fizer necessário. Podem unir-se com grupos locais, regionais ou nacionais, de forma permanente ou eventual para a formulação de planos comuns. Cada grupo procura reunir os recursos necessários para funcionar com o máximo de autonomia.<sup>13</sup>

É possível notar o Centro de Cultura em diálogo com diferentes grupos e coletivos do Movimento Anarquista da cidade de São Paulo. Alguns grupos travaram um contato contínuo e duradouro, enquanto outros estiveram na associação em passagens rápidas. Cito como exemplo o Grupo Projeção, o Movimento Anarco-Punk, o Coletivo Brancalone (que desenvolve a somaterapia, uma terapia anarquista criada por Roberto Freire), o Coletivo Anarco-Feminista e o Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP. Diferentes concepções de “anarquismos” que se cruzaram no CCS.

\*\*\*

Como mencionei anteriormente, incorporar ao trabalho narrativas orais de militantes, ex-militantes ou pessoas que tiveram contato com o Centro de Cultura Social foi uma decisão tomada a partir do meu contato com o CCS, que me levou a perceber que as falas daqueles que fazem parte do Centro estão impregnadas de memórias, especialmente nas referências a antigos militantes que atuaram na associação. Nas reflexões que surgiram durante a pesquisa, notei a importância em conversar com aqueles que atuaram na *terceira fase* e se afastaram para investigar outras perspectivas de militância anarquista e significados atribuídos ao Centro, além daqueles que estavam postos. Procurei dialogar com outras tendências que não estavam em evidência e deixaram o CCS por diferentes motivos, e busquei captar as

---

<sup>13</sup> A ORGANIZAÇÃO específica, [s/d]. Disponível em: <[http://jlimarocha.sites.uol.com.br/textos/organizacao\\_especifica\\_jaime\\_cubero.htm](http://jlimarocha.sites.uol.com.br/textos/organizacao_especifica_jaime_cubero.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2008.

trajetórias e memórias de militantes anarquistas que atuaram no CCS e estão, atualmente, militando em outros espaços da cidade de São Paulo.

Entre os ex-sócios do Centro de Cultura Social, entrevistei o militante Chico Cuberos, ator e anarquista que chegou ao Centro de Cultura em 1945; Antonio Carlos de Oliveira, professor de História da rede pública, que teve contato com o CCS pelo Movimento Punk na década de 1980; Edson Passetti, professor da PUC-SP e integrante do Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP (NU-SOL), que conheceu o Centro na década de 1980; e Acácio Augusto, professor universitário, doutorando em Ciências Sociais na PUC-SP e integrante do NU-SOL, que se aproximou do Centro a partir do ano 2000 e integrou a Comissão de Gestão. Foram utilizadas entrevistas realizadas por Nildo Avelino com militantes da *segunda fase* do Centro de Cultura para sua dissertação de mestrado, defendida em 2002, *Antologia de Existências e Ética Anarquista* – esta dissertação foi publicada pela Editora Achiamé em 2004 com uma pequena alteração no título, *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*, constando desta maneira nas referências bibliográficas desta dissertação. Essas entrevistas foram gentilmente cedidas pelo autor, e utilizei especialmente os depoimentos de Maruja Cuberos (Maria Martinez), Maria Cubero e Lourdes Gabriel.

Também entrevistei militantes que continuam atuando no Centro de Cultura: Alberto Centurião, ator e diretor de teatro que conheceu o Centro em 1997 por intermédio de Chico Cuberos; Nilton Melo, farmacêutico, que conheceu o Centro em 1993 por meio do Movimento Anarco-Punk e desde então exerce várias funções na Comissão de Gestão, sendo, inclusive, responsável pela Biblioteca e pelo Arquivo da associação; e Nildo Avelino, pós-doutorando em História Política no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, que também chegou ao Centro na década de 1990 através do Movimento Anarco-Punk e há muitos anos exerce funções da Comissão de Gestão, como a de Secretário Geral.

O contato com as narrativas de militantes e ex-militantes do CCS propiciou-me um novo campo para a pesquisa, que proporcionou a mim situações bem diferentes das habituais pesquisas em Arquivos e Centros de Documentação. A realização das entrevistas me levou a entrar na casa das pessoas, em seu local de trabalho, a olhar nos olhos, trocar palavras, perceber que não existem verdades, mas versões e perspectivas, e a começar diálogos tímidos, repletos de estranhamento, que se alargaram e descontraíram aos poucos. Frequentemente fui surpreendida e perdi minhas âncoras de pesquisadora quando a narrativa desobedeceu a uma linearidade e impôs um ritmo próprio. Este trabalho me desvencilhou da exclusividade da consulta aos documentos de arquivo para que eu pudesse me deparar com a vida, com as pessoas, durante o percurso de pesquisa, e isso se revelou uma experiência fascinante.

Durante a produção de entrevistas e análise das narrativas orais, recorri às reflexões propostas por Yara Khoury, que afirma que devemos buscar os significados e sentidos impregnados nas narrativas e nas memórias para percebemos os significados atribuídos ao passado no momento presente: “Lidar com narrativas orais significa apreender os significados do que é narrado e lembrado no próprio movimento da realidade social vivida”<sup>14</sup>.

Entendo as narrativas repletas de memórias dos militantes do Centro de Cultura, que não estão cristalizadas no passado, mas que se fazem e se refazem no cotidiano a partir de questões formuladas no presente e que se articulam com o passado, que é (re)significado a todo instante. As diferentes tendências da militância anarquista são evidenciadas nas narrativas construídas por militantes e ex-militantes do Centro, que a partir de suas falas demonstram seus sentimentos, ressentimentos, escolhas e perspectivas de luta.

Para Portelli, a história oral é uma ciência e arte do indivíduo; é na conversa com as pessoas que lidamos com suas experiências e memórias individuais e o impacto disso em suas vidas. “A arte de lembrar, jamais deixa de ser profundamente pessoal”<sup>15</sup>, o que torna o trabalho com história oral algo parecido com um mosaico constituído pelo valor e importância de cada indivíduo. O que nos interessa aqui não é reafirmar ou procurar verdades ao confrontar diferentes narrativas, mas apreender como cada um (re)significa e (re)interpreta suas experiências no embate das forças vividas, nos convívios e confrontos entre os grupos que disputam lugares, ao tempo em que forjam o próprio Centro de Cultura Social.

\*\*\*

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, chamado “Era mais o movimento, mais trabalhadores...”, discuto as diferentes perspectivas de militância anarquista e os significados atribuídos ao CCS por seus militantes e ex-militantes. Procuo compreender o contexto da reabertura em 1985 e os convívios e confrontos vivenciados pelo grupo mais ligado ao anarco-sindicalismo responsável pela rearticulação do Centro e os grupos que passaram a frequentar a associação atrelados aos “novos anarquismos”, formado por jovens, punks, estudantes e professores universitários.

No segundo capítulo, “As muitas tramas das memórias”, exploro as construções e (re)significações de memórias no Centro de Cultura durante sua trajetória, especialmente na

---

<sup>14</sup> KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. M. et al. *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 37.

<sup>15</sup> PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história Oral. *Projeto História: Ética e História Oral*, São Paulo, n. 15, 1997. p. 16.

*terceira fase*, considerando que essas memórias não são dadas, mas constituídas no decorrer das lutas empreendidas pelos militantes do CCS. Procuo compreender os significados das memórias no decorrer das tensões e lutas do Centro e do Movimento Anarquista; os diferentes sentidos atribuídos às rememorações e a valorização ou desvalorização de elementos do passado, pelos grupos atuantes no Centro, que têm a ver com os dilemas vividos no presente. Também discuto as dificuldades que envolvem a preservação das memórias da associação, especialmente as disputas em torno do acervo documental do Movimento Anarquista e do CCS.

Finalizo com o terceiro capítulo, “As memórias na cidade, a cidade nas memórias”, no qual discuto as relações do Centro de Cultura Social e o espaço urbano, buscando entender suas articulações com a cultura urbana paulistana, considerando o CCS como um espaço onde transitam pessoas de diferentes regiões da cidade de São Paulo, militantes anarquistas e interessados em conhecer o anarquismo. Nesse capítulo também procuro apreender as experiências dos militantes anarquistas do Centro de Cultura no espaço público da cidade de São Paulo, onde se constituem memórias de lutas empreendidas pelo Movimento Anarquista no decorrer do século XX e deste início do século XXI, que fazem parte da paisagem urbana paulistana.

## CAPÍTULO 1

### Era mais o movimento, mais trabalhadores...

Há algum tempo, despertou meu interesse um texto chamado “A mancha amarela, o cinema em La Borde”, dos amigos Clara Novaes e Joris de Bisschop, que aborda a experiência de ateliês de cinema realizados aos domingos na clínica La Borde<sup>16</sup>, na França. Esses ateliês imprimem nos finais de semana uma atmosfera diferente dos dias úteis, que marca uma temporalidade para os *pensionnaires* (pensionistas) da clínica. Segundo os autores, “As manhãs de segunda anunciam uma nova semana, mais povoada, agitada, espalhada; o domingo é uma respiração, um momento de suspensão, de espera, quiçá de tédio, que ritma as semanas”<sup>17</sup>.

Entretanto, o dia da semana que nos interessa é o sábado, pois as atividades realizadas no CCS eram anunciadas em jornais libertários da década de 1950 e 1960, como *A Plebe* e o *Dealbar*, principalmente nesse dia da semana. Eram palestras, conferências e apresentações teatrais que aconteciam no sábado, dia marcado para a realização das “obras culturais”, dia escolhido para o encontro, para as práticas e os fazeres dos militantes do Centro de Cultura. Ainda hoje, esse é o dia em que acontecem as atividades do Centro. Em 1949, o jornal *A Plebe* anunciou:

Cumprindo suas finalidades, o Centro de Cultura Social promove todos os sábados reuniões culturais, realizando palestras sobre os mais versados temas, por oradores previamente inscritos. Estas reuniões são sempre encerradas com animados debates em torno dos temas versados. Todo orador poderá inscrever-se pois será bem acatado pelo Centro de Cultura Social, que dará a palavra mesmo àqueles cujas ideias possam ser

---

<sup>16</sup> A Clínica de La Borde é uma instituição privada, localizada a 200 quilômetros ao sul de Paris. Foi instalada em 1953 num castelo circundado por um bosque. Os cem pacientes (*pensionnaires*) que a clínica atende atualmente residem no próprio castelo. Como salienta Jean Oury, diretor clínico da instituição e iniciador dos trabalhos nela implantados, o esquizofrênico não está em parte alguma: "Todo o nosso trabalho consiste em fazer com que ele possa estar um pouco, em algum lugar". Essa é a perspectiva da Psicoterapia Institucional, movimento psiquiátrico que começou no pós-guerra com o médico-psiquiatra catalão F. Tosquelles, e que prossegue com as propostas de trabalho da Clínica de Saint Alban, ao sul da França, e da Clínica de La Borde, onde atua o filósofo Félix Guattari. GOLBERG, Jairo. *Nacional: Portas abertas - De médico e de louco...* 2006. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/conteudo/nacional-portas-abertas-de-medico-e-de-louco>>. Acesso em: 19 fev. 2009.

<sup>17</sup> BISSCHOP, Joris de; NOVAES, Clara. *A mancha amarela: o cinema em La Borde*. São Paulo: [s. n.], 2009. (Acervo pessoal). p. 1.

contrárias às de seus membros. Para tanto, é bastante que seja claro na sua exposição, permitindo o debate no fim da mesma.<sup>18</sup>

Em um sábado um tanto chuvoso da primavera de 2008, toco o interfone de um prédio na rua General Jardim, no centro de São Paulo; não há placas. Ao meu lado, um jovem com seus 18 ou 20 anos pergunta-me: “Você já veio ao Centro de Cultura?”. Respondo-lhe que não, que fui para conhecer. Ele me diz algo como: “Ah, você vai gostar, aqui tem bastante filosofia, discussões, essas coisas...”

Fomos recebidos por Francisco; após subir dois lances de escada, entro na sala procurando por Nildo, que havia sido indicado a mim por um amigo. Ao iniciar a conversa e falar sobre minhas intenções de pesquisar o acervo para desenvolver uma dissertação sobre o Centro, comento sobre minha passagem pela UNESP-Assis e o trabalho que desenvolvi por lá na organização de uma coleção formada por periódicos anarquistas, chamada *Canto Libertário*; falo sobre o contato que tive com o professor Sérgio Norte, que é sócio do CCS há longa data. Senti uma receptividade em meio à ansiedade de conhecer o local que eu conhecia somente a distância, e o qual pretendia estudar.

O espaço ocupado pelo Centro é um salão amplo, dividido entre a Biblioteca-Arquivo Antônio Martinez e um balcão com pia, geladeira e cafeteira chamado de Bar Malatesta. Fui apresentada ao Nilton, que cuida da Biblioteca-Arquivo, que me disse: “Não sei se vai encontrar muita coisa por aqui, mas vamos ver no que posso te ajudar”. Entro na biblioteca, passo os olhos pelos livros, revistas, pensando no que poderia encontrar ali.

Vão chegando algumas pessoas, que se cumprimentam umas às outras animadas; certamente se conheciam há algum tempo. Em algum momento, alguém diz: “Vamos começar a atividade”. Havia uma mesa grande coberta com uma bandeira negra e, à frente, cadeiras para o público da palestra que se realizaria. Todos foram se acomodando. O título da palestra era “Política, segurança e criminalização de deslocados”, e seria apresentada por Edson Lopes. Tratava do tema de sua dissertação de mestrado na área de Ciências Sociais, defendida na PUC-SP; um tema atual que diz respeito à discussão de políticas públicas de segurança em nosso país, utilizando como fonte de pesquisa muitos documentos disponíveis na internet.

O Centro de Cultura foi criado em 1933 por militantes, como Edgard Leuenroth, Florentino de Carvalho e Pedro Catallo, que atuavam em sindicatos anarco-sindicalistas, editavam jornais libertários como *A Plebe* e *O Libertário* e participavam arduamente de manifestações, congressos operários e greves na cidade de São Paulo desde o início do século

---

<sup>18</sup> A PLEBE. São Paulo, ano 32, n. 23, 18 jun. 1949.

XX. Esses militantes procuraram forjar um espaço de atuação para além dos sindicatos, principal instrumento de luta dos anarquistas até a década de 1930, quando o anarco-sindicalismo perdeu força diante da repressão e do controle dos sindicatos pelo Estado e pela disputa com os comunistas. O anarco-sindicalismo defendia a organização do proletariado como um caminho para alcançar uma transformação social que resultasse na justiça e igualdade entre homens e mulheres. Tinha entre seus princípios a ação direta, que incluía boicote, sabotagem, greves, roubo de peças e destruição de equipamentos para conscientizar o operariado e transformar sua condição social<sup>19</sup>.

Na *primeira fase* de funcionamento (1933-1937), o CCS realizava conferências e palestras, apresentações teatrais, festivais libertários e cursos. Destaca-se nesse período a luta antifascista, que culminou no confronto entre anarquistas e integralistas na Praça da Sé em 1934. Segundo Margareth Rago (1984), as práticas culturais de cunho pedagógico dos anarquistas e anarco-sindicalistas foram desenvolvidas nos sindicatos a partir do início do século XX, atividades culturais como conferências, representações de peças dramáticas, apresentação de grupos musicais, formação de círculos de discussão e estudo foram organizadas pelos sindicatos de orientação anarco-sindicalista do Brasil<sup>20</sup>. Pedro Catallo, um dos fundadores do Centro de Cultura Social que militou na União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas de São Paulo desde 1921, lembrou que entre as atividades sindicais e libertárias realizadas na década de 1920 estavam assembleias, conferências e greves. Catallo comenta que, em 1928, encenou sua primeira peça de teatro, *Os Sem Pátria*, de Pietro Gori, com o Grupo de Teatro Amador da União dos Artífices em Calçados. Após a apresentação, continuou fazendo teatro, sempre levando ao público “peças sociais”<sup>21</sup>.

Até 1937, o CCS atuou conjuntamente à Federação Operária de São Paulo (FOSP), que reunia a União dos Artífices em Calçados, a União dos Trabalhadores Metalúrgicos, os vidreiros, padeiros, ladrilheiros, canteiros, garçons, trabalhadores da construção civil, vendedores ambulantes e a União dos Trabalhadores Gráficos<sup>22</sup>. As reuniões eram realizadas na sede do Centro, onde também funcionava a redação do jornal *A Plebe*. Nos primeiros quatro anos de funcionamento, o CCS foi influenciado fortemente pelo anarco-sindicalismo, e entre suas finalidades estava a difusão do saber e da cultura entre os trabalhadores para fazer frente à cultura institucionalizada promovida pela tríade Estado, Clero e Patronato. O jornal *A*

<sup>19</sup> RAGO, Margareth. *Sem fé, sem lei, sem rei: liberalismo e experiência anarquista na primeira República*. 1984. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1984.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 250.

<sup>21</sup> CATALLO, Pedro. Subsídios para a história do movimento social no Brasil. *Revista Verve*, São Paulo, n. 11, 2007. p. 30.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 42.

*Plebe*, de 1935, mostra essa tendência ao dizer que o Centro de Cultura foi “fundado com fins educacionais, no intuito de desenvolver entre a juventude trabalhadora conhecimentos científicos de todos os ramos do saber [...]”<sup>23</sup>. A cultura e a educação são valorizadas pelos militantes anarquistas como instrumentos para se construir uma “nova sociedade” e um “novo homem”, e também como um meio de se alcançar a liberdade. Sobre esse tema, em uma das passagens Edgard Leuenroth revela que

[...] os anarquistas nunca se descuidaram da obra cultural do povo, procurando, pelo menos, neutralizar a ação obscurantista dos reacionários, por meio de escolas, ateneus, centros de cultura social, fundados em várias zonas do país, conferências e palestras comentadas, além da difusão e publicação de folhetos, livros, revistas e jornais. Volumosa é a bibliografia anarquista do Brasil [...]

[...]

Nessa obra continuam empenhados os libertários, esforçando-se para libertar o povo da influência corruptora da ignorância, das crendices, dos preconceitos e do espírito submisso que constituem elementos de dominação do capitalismo, que deve findar, para dar lugar ao regime socialista libertário, no qual a cultura, em todas as suas modalidades, deixará de ser privilégio de uma classe, como hoje é, passará a ser facultada a todos em igualdade de condições.<sup>24</sup>

Fechado em 1937, o Centro de Cultura Social foi reaberto em 1945 e suas atividades foram retomadas. O jornal *A Plebe* voltou a ser publicado e é por meio dele que pode se perceber um pouco das perspectivas das lutas e experiências dos militantes anarquistas daquele período. A redação do jornal continuou funcionando no mesmo endereço do CCS, e Edgard Leuenroth permaneceu tendo uma atuação expressiva tanto no jornal como no Centro de Cultura, instâncias diferentes que atuaram em parceria, fato que ocorreu na associação em muitas oportunidades.

Na *segunda fase* do Centro, que vai de 1945 a 1969, passou a integrá-lo um grupo de jovens que formavam o Centro de Estudos Juvenis, na Vila Bertioga, em São Paulo. Entre eles estavam Liberto Lemos e os irmãos Jaime Cubero e Chico Cuberos. Segundo Jaime Cubero, eles entraram em contato com as “vacas sagradas do anarquismo”: Edgard Leuenroth, Rodolfo Felipe e Pedro Catallo. Jaime militou no Centro de Cultura até o ano de sua morte, 1998, e Chico desvinculou-se da associação recentemente, por discordar de uma alteração em seus estatutos. O anarquismo era percebido como algo capaz de trazer transformações, de superar as mazelas sociais e formar “um novo homem”. Para isso, como mencionei

<sup>23</sup> A PLEBE. São Paulo, 1935.

<sup>24</sup> LEUENROTH, Edgard. Roteiro da Libertação Social, Rio de Janeiro: Editora Mundo Livre, 1963. p. 126.

anteriormente, a educação tem um papel importante. As práticas desenvolvidas no Centro de Cultura Social são colocadas como um instrumento para alcançar uma sociedade harmônica e livre. No jornal *A Plebe*, de janeiro de 1950, temos a seguinte passagem:

O anarquismo resolve todos os problemas humanos: afetivos, sentimentais, políticos, intelectuais, morais e econômicos; e resolve esses problemas porque faz desaparecer as causas que motivam os desequilíbrios nas relações humanas, com a supressão do Estado e a sua substituição pelo regime de confiança mútua e da solidariedade entre os povos.<sup>25</sup>

De 1949 até 1951, as temáticas apresentadas pelo jornal *A Plebe* e as discussões realizadas no Centro voltavam-se para o Movimento Anarquista internacional, à guerra, às revoluções, à classe trabalhadora, à exploração burguesa, e alguns artigos defendiam que os anarquistas deveriam estimular e encorajar, entre os trabalhadores, o sentimento reivindicador e despertá-lo para a luta por melhores condições de vida.

Era constante o discurso de que o trabalhador tinha sede de “pão, trabalho e saber”. Por esse motivo, as práticas sociais desenvolvidas pelos militantes anarquistas naquele momento, como a propaganda, a imprensa e as atividades do Centro de Cultura, tendiam a suprir a lacuna do saber. Já que o acesso à educação formal, naquele período, era algo atingível somente pelas elites, o saber era percebido como uma estratégia de luta para se libertarem dos desmandos do Estado e do Clero. Ler, compreender e debater sobre questões relevantes daquele momento e sobre autores clássicos era uma atividade muito valorizada.

Em 1946, houve uma iniciativa em parceria do CCS com o Centro de Estudos Franco da Rocha que tinha o objetivo de criar a Universidade Popular Presidente Roosevelt, a fim de oferecer a continuidade dos estudos para as classes populares, tendo como pré-requisito único que o candidato fosse alfabetizado. Os cursos eram oferecidos em diferentes locais da cidade, e um deles foi sobre Higiene Mental, ministrado por médicos e psiquiatras<sup>26</sup>.

Por meio das leituras dos jornais *A Plebe* e *Dealbar*, das décadas de 1950 e 1960, percebo que faz parte da proposta do Centro de Cultura a inserção de trabalhadores na “luta pela liberdade e pela transformação social”, pois a militância estava marcada pela “questão social”, ou seja, desejava-se superar a exploração do homem pelo homem, as más condições de trabalho e suprimir o Estado, que, para os militantes anarquistas, durante esse período, foi o principal inimigo na constituição de uma sociedade livre e igualitária.

<sup>25</sup> A PLEBE. São Paulo, ano 33, n. 23, jan. 1950.

<sup>26</sup> BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista (1945-1954)*. 1996. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

Esta “nova sociedade anárquica” foi idealizada a partir das leituras e discussões de autores clássicos como Proudhon, Kropotkin, Bakunin e Malatesta, uns exercendo maior influência do que outros. A transformação da sociedade e da humanidade era algo a ser alcançado pelos projetos lançados pelos militantes anarquistas. Nos textos publicados nos jornais anarquistas que tinham uma relação com o CCS, era transmitida a ideia de que uma revolução era possível e seria realizada pela aliança entre anarquistas e trabalhadores. Nessa nova conjuntura, os vícios da sociedade anterior seriam superados, por exemplo, o carnaval e o consumo de bebidas, vícios morais não teriam razão de existir em uma nova sociedade na qual prevaleceria a liberdade e a justiça social.

As atividades realizadas no Centro de Cultura de 1945 a 1969 são similares às que ocorriam na década de 1930. Porém, novos temas foram introduzidos, superando temáticas centradas somente no sindicalismo. As palestras e conferências abordavam temas variados, como Higiene Mental, Questão Sexual, Educação, Religião, Política. No artigo “A Invenção do Cotidiano na Metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900-1950”, Margareth Rago aponta os temas abordados no CCS nos anos 1950: “o psiquiatra José Ângelo Gaiarsa aí realizava instigantes conferências sobre amor, sexualidade e casamento, procurando informar os jovens em relação aos inúmeros preconceitos sexuais que recebiam do mundo dos adultos.”<sup>27</sup>

Maruja Cuberos nasceu na Espanha em 1932 e lá viveu sob a Ditadura de Franco. Veio para o Brasil em 1957 para morar com sua irmã que já estava instalada no país. Seu cunhado Raia frequentava o Centro de Cultura Social, então Maruja passou a acompanhá-lo e, assim, conheceu Chico Cuberos, seu companheiro. Em entrevista concedida a Nildo Avelino, Maruja diz que ao conhecer o Centro de Cultura Social e ao participar das atividades, como palestras e discussões, libertou-se de entraves enfrentados no cotidiano, como comentários maldosos da vizinhança sobre sua vida pessoal. Sobre o contato com os militantes e com as palestras do CCS, comenta:

Porque eu os achava seres humanos diferentes, eles falavam coisas que eu nunca tinha escutado falar, liberdade sexual, amor livre, essas coisas. Nunca na minha vida eu tinha escutado falar, então essas coisas me entusiasmavam, era muito diferente para mim aquilo, que na Espanha não era, na Espanha não tínhamos de jeito nenhum, era trabalhar e, quando se namorava, sair com o namorado e pronto, porque lá não tinha... a vida de lá não tinha essas coisas e aqui o Centro de Cultura era diferente, cada um tinha uma cabeça

<sup>27</sup> RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 48.

diferente, cada semana tinha uma palestra diferente, tinha teatro, era uma vida diferente.

Os jornais libertários *A Plebe* e *Dealbar* – este último criado em 1966, dirigido por Edgard Leuenroth e, após sua morte, em 1968, por Pedro Catallo – traziam matérias sobre autoritarismo, educação, notícias sobre o Centro de Cultura Social e a Associação Naturista Amigos Nossa Chácara, e também atualidades da época, como a Guerra do Vietnã e o Movimento Estudantil, sob uma ótica libertária – possuíam a mesma caixa postal e endereço do CCS, o que indica que o grupo que estava à frente da redação dos jornais, o qual contava com Edgard Leuenroth, Pedro Catallo, Jaime Cubero e Liberto Reis, também atuava no Centro de Cultura. Esses periódicos divulgavam as atividades do Centro, como a realização de festivais promovidos pelo Grupo de Teatro Social, cursos gratuitos de Higiene Mental e esperanto. Há notas no jornal *A Plebe* de 1950, sobre um curso de esperanto oferecido no CCS, nas quais os anarquistas argumentavam que o idioma unificaria e facilitaria a comunicação entre trabalhadores de todo o mundo. Quarenta anos depois, os cursos de esperanto voltaram a acontecer no Centro.

Em 1966, tiveram início as atividades do Laboratório de Ensaios, iniciativa que reuniu, em um teatro de arena construído dentro do CCS, jovens militantes do Centro de Cultura que encenavam peças teatrais. Essa prática é considerada como sendo uma resistência do grupo frente à Ditadura Militar, já que o teor das peças era crítico à situação política que atravessavam. O anúncio referente à inauguração do Laboratório dizia: “Através do diálogo, conseguir uma linguagem na arte que atinja o público de fazer com que a arte sem deixar de ser arte, lute também, cumprindo seu papel de soldado nestes tempos... filhos do absurdo”<sup>28</sup>. As apresentações teatrais têm espaço na programação do Centro desde seus primeiros anos de funcionamento. Na década de 1930, foram encenadas peças como o *Primeiro de Maio*, de Pietro Gori, *O Pecado em Simonia*, de Neno Vasco e *Uma Mulher Diferente*, de Pedro Catallo. Chico Cuberos recordou que o grupo de teatro encenava anualmente a peça *Primeiro de Maio* como parte das comemorações pelo Dia do Trabalho, data tão cara aos anarquistas.

O Centro de Cultura Social não era apenas um espaço de formação e debates intelectuais, era um espaço de convivência intensa entre seus militantes, que faziam dele um instrumento de difusão do anarquismo. Embora as atividades públicas estivessem marcadas para o sábado, alguns cursos e as reuniões da Comissão de Gestão para discutir assuntos sobre

---

<sup>28</sup> O DEALBAR. São Paulo, n. 4, jan. 1967.

a gestão do Centro – como a programação das palestras, as atividades e questões administrativas – eram realizados durante a semana.

O CCS ocupava um lugar especial na vida de seus militantes, pois além de conceber o anarquismo como base para uma transformação social futura, as práticas realizadas em torno do Centro de Cultura e em outros espaços como teatros, piqueniques, festivais libertários e congressos revelam a sociabilidade libertária como algo presente e possível de ser vivenciada. Portanto, a luta pela liberdade não era somente um projeto para o futuro, mas algo construído no decorrer das experiências cotidianas.

Em entrevista realizada em julho de 2009, o militante Chico Cuberos, ator e anarquista que integrou o Grupo de Teatro Social e o Laboratório de Ensaios (atividades teatrais do CCS), e sua esposa Maruja comentaram que seu casamento foi realizado no Centro de Cultura Social, contando com um discurso de Pedro Catallo a respeito do “amor livre”. As experiências políticas estavam imbricadas na vida pessoal; as práticas realizadas no Centro recriavam o cotidiano sob uma ótica libertária.

O CCS fechou suas portas em 1969, antecipando-se ao fechamento arbitrário que certamente aconteceria pelas forças repressivas da Ditadura Militar, que já havia fechado e prendido militantes do Centro de Estudos Professor José Oiticica, no Rio de Janeiro. Os militantes do CCS e o Movimento Anarquista mantiveram suas atividades clandestinamente por meio de reuniões em locais como o *Nosso Sítio*, pois “ali se podia falar de anarquismo à vontade: o ECO das palavras perdia-se no meio da mata, no cantar dos pássaros”<sup>29</sup>, e na loja de calçados da família Cuberos, que era um ponto de encontro de anarquistas e de envio de materiais (publicações e periódicos) para outros grupos, a fim de driblar a censura. A loja era considerada como anteparo do Movimento Anarquista<sup>30</sup>.

\*\*\*

A rearticulação do Movimento Anarquista começou ainda na década de 1970. Em 1977 era lançado o jornal *O Inimigo do Rei*<sup>31</sup> por um grupo de estudantes da Universidade Federal da Bahia, que inseriu novas temáticas no debate político e no Movimento Anarquista.

<sup>29</sup> RODRIGUES, Edgar. *Lembranças Incompletas*. Guarujá (SP): Opúsculo Libertário, 2007.

<sup>30</sup> José Carlos Orsi Morel. Cf. AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004. p. 178.

<sup>31</sup> “*O Inimigo do Rei* era, no princípio, a voz dos estudantes descontentes com a prática política autoritária desenvolvida pelas correntes leninistas ou trotskistas dentro do Movimento Estudantil, formando uma frente de orientação anarquista como opção”. PAGANOTTO, Waldir. *O Pensamento Libertário no Brasil: O Inimigo do Rei*. In: BARQUEIRO, Carlos e NUNES, Eliene. *O Inimigo do Rei*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

O jornal se autointitulava “antiautoritário, antimonarquista e anarquista”. Eram abordados nos artigos e matérias temas como a descriminalização da maconha, crítica à esquerda marxista “reacionária” por impor uma militância rígida e unilateral, sexualidade, homossexualismo, violência, ecologia, sindicalismo, educação, entre outros<sup>32</sup>. A presença do Movimento Anarquista nas universidades brasileiras é marcante e vai ao encontro de uma tendência mundial que emergiu com Maio de 1968. Na análise de Francisco Foot Hardman:

A meu ver, entretanto, houve uma ruptura entre o movimento anarquista mundial que interveio na luta de classes até a guerra civil espanhola e início da Segunda Guerra Mundial e, posteriormente, as gerações que reapareceram nos anos de 1960, retomando propostas “anarquizantes”, filiadas, contudo, não mais ao Movimento Operário, e sim a movimentos radicais da pequena burguesia nas Universidades, nos meios artísticos, nas manifestações da juventude na Europa e nos EUA, marcadas pelos signos de Maio de 68 e Woodstock. Essa ruptura marcou uma descontinuidade abrupta, não só entre gerações, mas no ideário e enraizamento nos movimentos sociais. Quando, já no final da década de 1970, era reconstruída na Espanha a CNT, com o surgimento de toda força e tradição do anarco-sindicalismo, tratava-se sem dúvida, da presença libertária no movimento operário; quando no entanto, em maio de 68, Cohn-Bendit declara ser “um marxista como Bakunin o era” e conclui, nessa perspectiva, que os “estudantes revolucionários podem desempenhar um papel primordial no combate”, trata-se de coisa bem diferente, isso é, da radicalidade de um discurso no seio do movimento pequeno-burguês.<sup>33</sup>

No carnaval de 1977, grupos anarquistas de todo o Brasil transformaram o jornal *O Inimigo do Rei* em porta-voz do Movimento. Em um congresso na Nossa Chácara, militantes do Rio de Janeiro e de São Paulo, entre eles muitos dos que viriam rearticular o Centro de Cultura Social na década de 1980, começaram a apoiar e divulgar o *Inimigo do Rei*. Em entrevista à *Revista Verve*, José Carlos Orsi Morel, ex-militante do CCS que se aproximou do Movimento Anarquista ainda na década de 1970 e participou das articulações para a reabertura do CCS em 1985, relembra:

No carnaval de setenta e sete a gente resolve transformar o *Inimigo do Rei* no porta voz dos anarquistas no Brasil. E aí eu acho que há uma marca e o anarquismo toma um novo impulso no Brasil: no Nordeste, em Mato Grosso, e mesmo aqui em São Paulo, com grupos feministas e estudantes muito ativos. São estabelecidos vínculos mais fortes com o movimento sindical e

<sup>32</sup> BARQUEIRO, Carlos; NUNES, Eliene (Orgs). *O Inimigo do Rei: Imprimindo Utopias Anarquistas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

<sup>33</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão – Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. p. 85.

criados grupos anarco-sindicalistas, grupos de homossexuais, grupos ecológicos...<sup>34</sup>

No final da década de 1970, emergiram diversos movimentos sociais que foram silenciados pelos aparelhos repressivos durante a Ditadura Militar. Nas palavras de Eder Sader<sup>35</sup>, esse foi o momento “quando novos personagens entram em cena”, com as greves dos metalúrgicos no ABC e os Movimentos pelo Custo de Vida na periferia de São Paulo. Foi o momento também em que emergiram questões ligadas ao corpo, à sexualidade, à educação, à ecologia etc.

Nos registros da reinauguração do CCS, é nítido o tom de entusiasmo e otimismo, pois o Centro é um espaço de militância anarquista tradicional na cidade de São Paulo e nele iriam circular pessoas de várias tendências do anarquismo. Entre os articuladores da reabertura estavam os militantes Jaime Cubero, Chico Cuberos, Antônio Martinez e José Carlos Orsi Morel, os quais também pertenciam ao Círculo Alfa de Estudos Históricos (CAEH), conhecido como Grupo Projeção, grupo formado no final da década de 1970 que tinha como finalidade a rearticulação do Movimento Anarquista, disperso por conta da repressão policial empreendida durante a Ditadura Militar, e a constituição de um arquivo para preservar a documentação desse Movimento, já que grande parte do seu acervo documental havia sido vendido para a Unicamp pela família de Edgard Leuenroth. A maior parte dos militantes do Grupo Projeção atuava no Centro de Cultura Social, mas tratava-se de um grupo específico, no qual só ingressavam convidados.

Ao lembrar a reabertura do CCS, Jaime Cubero adiantou o perfil dos novos militantes e frequentadores do Centro: professores universitários e estudantes, também jovens vindos de vários locais da cidade como os punks que chegaram à associação a partir de 1985 e conviveram com os militantes remanescentes da *segunda fase*. Alguns dos que chegaram ao Centro na década de 1990 permanecem até hoje, porém o espaço é marcado pela transitoriedade de grupos e pessoas e, desta forma, é difícil saber ao certo quem e quando passou por lá; o que temos são vestígios que nos chegam por meio dos boletins informativos e das falas dos militantes e ex-militantes do Centro de Cultura.

O CCS retomou suas atividades no dia 17 de abril de 1985, em São Paulo-SP, após um período longo de discussões sobre como seria sua reabertura. Conseguiram realocar a mesma sala onde a sede estava instalada anteriormente, na Rua Rubino de Oliveira, 85, no bairro do

<sup>34</sup> MOREL, José Carlos Orsi. Centro de cultura social, uma prática anarquista (entrevista). *Revista Verve*, São Paulo, n. 7, 2005. p. 215.

<sup>35</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Brás. O evento ganhou a atenção de veículos da grande imprensa e, em entrevista concedida a Endrica Geraldo, Jaime Cubero diz:

Jaime Cubero: [...] professores universitários, estudantes. No dia que nós reinauguramos, a abertura, começar as atividades, foi na semana que morreu Tancredo Neves, você imagina, estavam todos os focos em cima do Tancredo, toda a imprensa mesmo assim nós tivemos três estações de televisão lá, na reabertura. Nós demos uma festinha, e o que tinha lá de professores universitários, não tá escrito, viu. Eles se informaram, um passou pro outro, outro passou pra outro. O Maurício Tragtemberg..., então encheu a sala. Tanto que depois nós começamos a fazer estes ciclos com pessoal da Academia.

Endrica Geraldo: Enquanto que nas fases anteriores era mais...

Jaime Cubero: Era mais o movimento, mais trabalhadores, mas também, também tinha intelectuais. Mas predominava mais trabalhadores. Alguns professores, mas o que enchia a sala eram os trabalhadores [...].<sup>36</sup>

Após a reabertura em 1985, o CCS passou a dialogar com diferentes grupos do Movimento Anarquista paulistano, sendo que alguns deles travaram um contato contínuo e duradouro, enquanto outros estiveram na associação em passagens rápidas. Destaco entre esses grupos o Grupo Projeção-Círculo Alfa de Estudos Históricos, Movimento Punk e Movimento Anarco-Punk, Coletivo Brancalone (que desenvolve a somaterapia, uma terapia anarquista criada por Roberto Freire), Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC (NU-SOL), além de professores e estudantes de todos os níveis, especialmente universitários.

Em 11 de fevereiro de 1986, o jornal *Folha de São Paulo* publicou uma matéria intitulada “Os Anarquistas Saem do Limbo”, que destacava a presença de remanescentes do Movimento Anarquista do início do século XX e de intelectuais e jovens que passaram a se interessar pelo anarquismo, mudando o perfil da associação: “Lúcia Barreto Bruno, da PUC, ou Miriam Moreira Leite, historiadora da USP. Desde a reinauguração poucos operários aparecem [...]”<sup>37</sup>. O perfil dos militantes do Centro se diversificou, o repertório cultural e profissional do público sofreu modificações. Na *terceira fase* não são apenas operários influenciados pelo anarco-sindicalismo que atuam na associação, diferente das fases anteriores, em que esse público era predominante.

O jornal *O Inimigo do Rei*, considerado porta-voz do Movimento Anarquista no Brasil, foi criado dentro da universidade, por estudantes; isso nos dá indícios de que uma nova

<sup>36</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a Endrica Geraldo, em 1994, para o projeto “Memórias Anarquistas – Um estudo histórico do Centro de Cultura Social (PIC-CNPq)”, desenvolvido de agosto de 1994 a julho de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar De Decca – UNICAMP.

<sup>37</sup> OS ANARQUISTAS saem do limbo. *Folha de São Paulo*: Banco de Dados da Folha, São Paulo, terça-feira, 11 fev. 1986. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada\\_11fev1986.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_11fev1986.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2009.

perspectiva de militância estava posta. Esse grupo não estava preocupado especialmente com o sindicalismo ou a organização dos trabalhadores. Em entrevista a Carlos Barqueiro<sup>38</sup>, Hilda Braga, uma das articuladoras do *Inimigo do Rei* na década de 1970 e 1980, estudante de Ciências Sociais, contou que o grupo não tinha base sindical e não contava com trabalhadores, salvo um único colega. Era um movimento que tinha saído da universidade preocupado com o contexto político que se atravessava no momento. Terry Eagleton comenta que após o surgimento do pós-modernismo os interesses das Ciências Humanas se voltaram da luta de classes e do movimento operário para preocupações com, por exemplo, a sexualidade. Eagleton aponta que:

O socialismo perdeu lugar para o sadomasoquismo. Entre estudantes da cultura, o corpo é um tópico imensamente chique, na moda, mas é, em geral, o corpo erótico, não o esfomeado. Há um profundo interesse por corpos acasalados, mas não pelos corpos trabalhadores.<sup>39</sup>

O deslocamento da luta de classes para temas voltados à cultura no seu sentido mais amplo, assim como o enfraquecimento da ideia de vida coletiva e o declínio da classe trabalhadora tiveram reflexos no Centro de Cultura. A ausência de trabalhadores-operários e a chegada de um público que estava incorporando novas reflexões nas Ciências Humanas e sobre anarquismo eram indícios significativos da configuração que a associação toma a partir de 1985. A reflexão proposta por Terry Eagleton nos ajuda a compreender este deslocamento:

Valor, fala, imagem, experiência e identidade são aqui a própria linguagem da luta política, como são em todas as políticas éticas ou sexuais. Modos de sentir e formas de representação são, a longo prazo, quase tão cruciais quanto a provisão de creches e o atendimento infantil, ou pagamentos iguais para os sexos; são uma parte vital do projeto de emancipação política.<sup>40</sup>

Por outro lado, existiram práticas que buscaram preservar a tradição do CCS de interagir com os trabalhadores e os “meios populares”. Algumas delas procuraram retomar e refletir sobre o anarco-sindicalismo no Centro, como a criação de um Núcleo de Apoio, a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores) – “Internacional Sindical que mantém vivos os

<sup>38</sup> Carlos Barqueiro e Eliene Nunes produziram um farto material sobre o jornal *O Inimigo do Rei*, que foi tema do Trabalho de Conclusão do Curso de História na Universidade Católica de Salvador. Publicaram o livro *Inimigo do Rei: Imprimindo Utopias Anarquistas* (2007), um documentário e uma série de entrevistas realizadas com pessoas envolvidas na produção ou que tiveram contato com o jornal, disponíveis na Internet através do link: <http://www.youtube.com/watch?v=c7tg3BBdEyM&feature=related>. Acesso em: 20 nov. 2009.

<sup>39</sup> EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 15.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 76.

princípios do anarcosindicalismo”<sup>41</sup> –, que tinha o objetivo de organizar uma ampla comemoração no Primeiro de Maio com a presença de companheiros do exterior que propagariam seus princípios. Em 1986, houve notícias da rearticulação da Confederação Operária Brasileira (COB), formada no início do século XX. Essa iniciativa foi apoiada pelo CCS, que cedeu apoio logístico para uma exposição sobre a Imprensa Operária e espaço para um Congresso Anarco-Sindicalista promovido pela COB. No Congresso, foi discutida a luta pela redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais. A partir de 1989, foram divulgadas nos boletins do CCS as reuniões mensais da Liga dos Trabalhadores de Ofícios Vários, da qual fizeram parte os militantes José Carlos Morel, Antônio Martinez, Oliva, Gil Herrera, Carlo Aldegueri, Antônio Carlos de Oliveira, entre outros. A Liga tinha a intenção de reunir trabalhadores de vários segmentos.

Antônio Carlos de Oliveira conheceu o Centro de Cultura Social na década de 1980 por meio do Movimento Punk. Participou da Liga dos Trabalhadores de Ofícios Vários, comentou as impressões que teve quando chegou ao Centro e as discussões dos militantes atrelados ao anarco-sindicalismo. Essas discussões não correspondiam às propostas dos grupos que se formavam em torno dos “novos anarquismos”, como as ideias veiculadas pelo jornal *O Inimigo do Rei*. Em entrevista concedida a Carlos Barqueiro em 2007, diz:

O Centro de Cultura naquele período ele tava querendo ser aquele Centro de Cultura de 1933 de origem operária, trabalhadora, pra discutir temas do universo do trabalhador e pra ter um espaço de organização para o futuro sindical mesmo, né? Tanto é que se não me falha a memória, em 89, tenta se fazer, tenta-se não, se articula a Liga de Trabalhadores de Ofícios Vários, a LTOV, então vem aquela história da COB, o Centro de Cultura tem esse rompimento, o pessoal do Centro de Cultura entendia que tinham de fazer os núcleos de base que eram os sindicatos de trabalhadores, pra depois você fazer uma confederação, o pessoal que tava na COB achava que não, fazia a Confederação e essa ia estimular o surgimento dos núcleos e por fim nesse rompimento, é, quando eu cheguei lá era isso que tava acontecendo, então eu acho que os artigos do jornal, a matéria do jornal acabava não refletindo muito isso, que esse pessoal mais antigo estava interessado em fazer, que era um veículo de comunicação com característica mais sindical mesmo e talvez essa tenha sido a grande dificuldade ali.<sup>42</sup>

Essa passagem de Antônio Carlos expressa o momento atravessado pelo CCS após sua reabertura em 1985, em que um grupo entendia o anarco-sindicalismo como forma de luta e estimulava iniciativas como a criação da Liga de Trabalhadores de Ofícios Vários. Porém a

<sup>41</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 3, nov. 1985.

<sup>42</sup> BARQUEIRO, Carlos; NUNES, Eliene (Orgs). *O Inimigo do Rei: Imprimindo Utopias Anarquistas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

ausência de trabalhadores “operários” no Centro de Cultura Social fez com que essas propostas enfrentassem dificuldades para serem implantadas. O Centro retomou suas atividades e preservou algumas estratégias de luta, inspiradas pelo anarco-sindicalismo; articulou “cultura” com a ideia de formação intelectual e pessoal dos militantes e trabalhadores. Na interpretação de Jaime Cubero:

O aumento do saber tanto individual como coletivamente é uma garantia da plenitude maior do ato humano. Mas é preciso que esse conhecimento não seja viciado pelos moedeiros falsos da cultura, presentes em todas as instâncias do ensino inclusive ostentando o brilho das academias universitárias. À proporção que adquirimos conhecimentos sentimo-nos mais livres. A grande força criadora do homem está no conhecimento. Conhecer é vencer obstáculos, é abrir espaços à liberdade.<sup>43</sup>

Em entrevista à *Revista Verve*, José Carlos Orsi Morel comentou o perfil dos militantes do Centro nas fases anteriores, o que sugere que uma tendência mais ligada ao anarco-sindicalismo predominava entre os anarquistas e no CCS. Sobre seu contato com militantes remanescentes do Movimento Anarquista do início do século XX, ele recorda:

Eu conheci, na loja do Jaime e do Chico, um cidadão chamado J. Antônio que nos anos setenta ele já tinha noventa anos. O J. Antônio se recusou até noventa e tantos anos a ter carteira de trabalho assinada. Ele morreu vendendo creolina no Largo da Concórdia [no bairro do Brás-SP], naqueles hoteizinhos ali embaixo, no Largo da Concórdia. A sua profissão até noventa e tantos anos, era a de vendedor de creolina. Não tinha aposentadoria, não tinha carteira de trabalho assinada. Porque ele se recusava a prestar satisfações ao Estado. Então, era esse tipo de gente, não só os famosos, que formava o Centro de Cultura. Era esse tipo de gente que formava a “Nossa Chácara”, que formava o sindicato anarco-sindicalista em São Paulo e no Rio de Janeiro, até 1935, 1937.<sup>44</sup>

Até o final da década de 1990 eram constantes as atividades como palestras, cursos e exposições que abordavam o anarco-sindicalismo e as experiências dos trabalhadores no início do século XX no Centro de Cultura. Mas essa perspectiva de militância anarquista se mesclou com tendências oriundas de outros espaços, como as universidades. Não são apenas trabalhadores articulados ao anarco-sindicalismo que participam e realizam palestras no CCS, mas também estudantes e professores universitários convidados. Entre eles, Maurício

<sup>43</sup> CUBERO, Jaime. *Concepção Anarquista do Homem*. Extrato de Palestra Pronunciada em 14 de setembro de 1993, no Instituto Metodista Rudge Ramos, São Paulo. (manuscrito).

<sup>44</sup> MOREL, José Carlos Orsi. Centro de cultura social, uma prática anarquista (entrevista). *Revista Verve*, São Paulo, n. 7, 2005. p. 219.

Tragtenberg, Lúcia Bruno, Yara Khoury, Edson Passetti, Edgar De Decca, Margareth Rago, Cristina Lopreato, Doris Acioly e Aziz Simão.

Muitos estudantes e professores universitários tiveram uma participação expressiva no Centro de Cultura; um número considerável das conferências e palestras foram realizadas por professores da PUC-SP, da USP e da Unicamp. Além da participação em palestras, muitos professores universitários integraram o quadro de sócios do Centro a partir de sua reabertura, em 1985. O Centro de Cultura Social se tornou um lugar de debates e comunicações de pesquisa; para além dos muros das universidades, o anarquismo passou a despertar o interesse de muitas pessoas e ganhou projeção no meio acadêmico. O diálogo entre pesquisadores, professores e estudantes universitários com o Centro de Cultura Social foi frutífero; daí surgiram várias atividades em parceria com universidades, especialmente a PUC-SP e a Faculdade de Sociologia e Política (FESP). Essas parcerias renderam eventos como cursos, ciclos de palestras e seminários, e muitos professores e estudantes se aproximaram de Jaime Cubero, que estabeleceu contato com muitos interessados em conhecer, discutir e difundir o anarquismo.

Paulatinamente, diferentes concepções de militância anarquista conquistaram espaço no CCS, com novas preocupações e discussões em torno de autores até então pouco citados, como Michel Foucault. Na apresentação de seu livro *Foucault, Anarquismo e História*, Margareth Rago, sócia do Centro de Cultura desde a década de 1980, comenta seu contato com o autor e como isso lhe forneceu subsídios para refletir sobre História e Anarquismo:

Alguns anos depois, em 1981, já com *Vigiar e Punir* debaixo dos braços, entrei no Arquivo Edgar Leuentroth do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, onde me pus a ler a imprensa anarquista dos inícios do século 20. A crítica radical do poder nas relações cotidianas, exercido nas instituições disciplinarizantes; o questionamento dos códigos morais rígidos e autoritários, introduzidos na modernidade; a defesa do amor livre, da maternidade voluntária, do prazer sexual das mulheres, tal como desfilavam nas folhas amareladas e envelhecidas dos jornais libertários *A Plebe*, *A Lanterna*, *Terra Livre*, *A Voz do Trabalhador* ressoavam nos ataques de Foucault aos micropoderes, ao biopoder, ao dispositivo da sexualidade, ao controle social e individual, invisível e sofisticado, que passava despercebido pelo olhar orientado pelas teorias marxistas e liberais então hegemônicas. Os operadores foucaultianos, sempre surpreendentes e desestabilizadores me permitiram ler a experiência anarquista de maneira profundamente renovada, dando novos sentidos ao passado.<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> RAGO, Margareth. *Foucault, História e Anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. p. 9.

Atribuir novos sentidos ao passado e trazer uma série de questões pouco abordadas até então, como biopoder e micropoderes, certamente fez com que as práticas realizadas no Centro fossem revitalizadas. Emergiram formas de pensar e viver o anarquismo além do âmbito da “questão social”, que contemplava a solidariedade e cooperação entre os trabalhadores e a construção de uma sociedade livre e igualitária. Surgiram práticas voltadas para a reflexão sobre o presente e seus múltiplos desdobramentos, daí apareceram grupos em torno de temáticas como feminismo, abolicionismo penal, contra-cultura, entre outros.

Edson Passetti, professor do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP, aproximou-se do Centro de Cultura entre 1985 e 1986. Após realizar um curso livre de anarquismo em parceria com o CCS e estudantes de Ciências Sociais da PUC-SP, passou a ter um vínculo mais próximo com Jaime Cubero e com o Centro de Cultura. Sobre esse período e sua aproximação com o Centro, Passetti comenta:

[...] comecei a frequentar, fazer palestras; ao mesmo tempo, aqui na PUC, tinha um grupo de jovens que tomou o Centro Acadêmico, e o transformou em Centro Acadêmico Autogestionário. Eram estudantes do curso de História, em que eu dava aulas. E aí também me envolvi com eles e com o Centro Acadêmico, com as atividades de anarquismo que eles começaram a produzir, inclusive criando a Rádio Livre Xilique; foi a primeira rádio livre do Brasil, foi feita aqui na PUC, transmitida aqui da PUC, do Centro Acadêmico de Ciências Sociais. Assim, meu envolvimento como professor, como gente interessada nesse, digamos, nessa nova aparição do anarquismo, depois da Ditadura, depois da Abertura Política.<sup>46</sup>

Novas concepções de militância anarquista foram forjadas em outros espaços de luta, como as universidades, e entraram em contato com as perspectivas existentes no CCS. Jaime Cubero incentivou a entrada das leituras sobre anarquismo nas universidades e afirmou que Maurício Tragtenberg e Edson Passetti foram importantes para que isso acontecesse<sup>47</sup>; por outro lado, alguns militantes ligados à vertente mais “anarco-sindicalista” do Centro receberam com desconfiança o envolvimento de intelectuais no Movimento Anarquista e as novas perspectivas de militância que se inseriram no Centro de Cultura Social. Antônio Carlos de Oliveira, ao lembrar a iniciativa de criarem, em 1989, a Liga dos Trabalhadores de Ofícios Vários, comentou que os militantes queriam que a Liga fosse conduzida por

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

<sup>47</sup> BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista (1945-1954)*. 1996. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

trabalhadores: “Quando a gente criou essa coisa, junto com eles, a ideia é ter trabalhador, não é ter punk, o estudante pode ser um cara que apoia mas ele não pode ser um militante de...”<sup>48</sup>

A atuação do Centro de Cultura Social nas universidades por meio de “cursos livres” é considerada um trabalho importante, pois, como vimos, no final dos anos 1980 e década de 1990, o interesse sobre o anarquismo cresceu consideravelmente, o que gerou uma grande procura por esses cursos<sup>49</sup>. O CCS ampliou o seu espaço de militância e estabeleceu uma aproximação com o meio universitário que perdura até os dias de hoje. Na década de 1980, o Movimento Anarquista se revitalizou, pois muitos jovens buscavam práticas políticas que fugissem do marxismo ortodoxo, sisudo, que predominava nas universidades. Sobre os cursos livres de anarquismo realizados em parceria com o Centro e várias universidades da cidade de São Paulo, como PUC e USP, Edson Passetti diz:

todo mundo fazia curso livre de anarquismo, lotava de moçada, todo mundo muito contente, muito feliz, uma moçada que queria saber de novidades; ainda não tinha o PT pra atrair ou capturar tudo isso; havia uma disposição muito bacana e era muito divertido, porque ia todo mundo e era muito gozado, muito engraçado, as pessoas sem camisa, quando estava calor, sabe? Vida despojada, leve, muito leve, isso era muito bom, muito leve, talvez porque o Jaime desse esse tom de leveza e talvez porque o humor anarquista que nós todos tínhamos, fazia com que a coisa ficasse mais leve, mais engraçada, e às vezes desbocada.<sup>50</sup>

A parceria para a realização de cursos livres sobre anarquismo motivou um grupo da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, do qual fazia parte Edson Passetti, e o Centro de Cultura Social a organizarem um Encontro chamado “Outros 500 – Pensamento Libertário Internacional”, que aconteceu no período de 24 a 29 de agosto de 1992 na PUC-SP. Esse encontro reuniu expoentes do pensamento libertário de várias partes do mundo e do Brasil. É considerado um evento importante por todos aqueles que participaram, pois naquela ocasião muitos militantes e simpatizantes entraram em contato e estreitaram laços. Alguns falaram que nesse momento, embora houvesse várias concepções de anarquismo sendo gestadas, existia um diálogo entre todos, “todo mundo era amigo”<sup>51</sup>.

Edson Passetti se envolveu, em 1993, com um estudo sobre violência contra crianças, do qual participaram alguns estudantes que formavam o Centro Acadêmico Autogestionário da PUC. O resultado desse estudo culminou no livro *Violentados – Crianças, adolescentes e*

<sup>48</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Antônio Carlos de Oliveira. São Paulo, 15 fev. 2010.

<sup>49</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a José Maria de Carvalho. *Revista Utopia*, n. 8, 1997.

<sup>50</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

<sup>51</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009

*justiça*. Durante esse período, o grupo de trabalho ficou muito ligado e ao final dessa experiência foi considerada a possibilidade de formar-se um grupo de pesquisa. No mesmo ano, Passetti participou com Jaime Cubero de um Encontro Internacional de Anarquistas em Barcelona, onde teve contato com algumas leituras sobre Abolicionismo Penal. As reflexões sobre o fim das prisões e sobre a cultura do castigo foram sendo incorporadas por esse grupo entre 1994 e 1997. Em 1998, organizaram um evento internacional sobre Abolicionismo Penal, “aí que o NU-SOL, digamos assim, mostrou definitivamente a sua cara, foi nesse momento, isso aqui chama NU-SOL.<sup>52</sup>”

O Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP (NU-SOL) está vinculado ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, e entre suas práticas estão: pesquisas que resultam em dissertações de mestrado e teses de doutorado, sobre temas como abolicionismo penal e pensamento libertário; publicação mensal do boletim eletrônico *Hypomnemata* e semestral da *Revista Verve*, que reúne artigos e resenhas de várias vertentes do anarquismo; apresentação de aulas-teatro; “conversações” e cursos; produção de vídeos; entre outras. É possível notar que essas práticas estão centradas no presente, preocupam-se com intervenções no cotidiano e não mais com a ideia de transformação social proposta por correntes anarquistas do século XX. Para o grupo, não existe uma fórmula para definir a militância anarquista, pois suas práticas são inventadas no decorrer das experiências vividas. Podemos captar um pouco dessa ideia no trecho publicado no boletim *Hypomnemata*, que diz:

Pouco importa se o destino do anarquismo coletivista for aproximar-se do marxismo repaginado. Pensar é uma forma de ação, mas praticá-la como ação direta requer aumentar o fogo com a presença daqueles que fazem de si uma estética da existência. E estes o fazem em seus locais de trabalho, no trânsito para o trabalho, nas experimentações culturais libertárias, afirmando novas práticas, e evitando extasiar-se com a concentração de *massa*, produzir invenções inacabadas.<sup>53</sup>

O NU-SOL dialoga com autores e temáticas do pensamento libertário contemporâneo, como Michel Foucault e Louk Hulsman, e encontra uma tendência diferente do mais tradicional do anarquismo inspirado pelo sindicalismo revolucionário, que tinha como finalidade a “emancipação da classe trabalhadora”, tendência essa que vigorou durante muitos anos no CCS. Para Passetti, as utopias de uma transformação social ampla para estabelecer uma “nova sociedade anárquica”, frequente no discurso dos militantes anarquistas do século

<sup>52</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

<sup>53</sup> BOLETIM HYPOMNEMATA. São Paulo: Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP – NU-SOL, n. 121, maio 2010.

XX, não dão conta do presente. Por outro lado, o NU-SOL vive a heterotopia libertária como a utopia efetivamente realizada, “é a invenção de lugares, de existências, demandando crítica à sociedade e gestão da nova sociedade”<sup>54</sup>. Para ele:

Fazemos como os anarquistas faziam ou fizeram naquela época, são práticas diretamente relacionadas com a utopia e outras com a vida cotidiana. Como abdicamos da utopia há muito tempo, por outras leituras, outras vivenciadas no decorrer do tempo, o que nos interessa muito mais, é agora, como faço agora, como atuo agora, qual atitude tomo agora diante de alguns acontecimentos, e que práticas libertárias queremos. E como fazemos elas acontecerem com regularidade nós as chamamos de heterotopia: fazer a utopia agora. Então se o mundo ficará igualitário, se o mundo ficará maravilhoso, se Deus estava certo, eu não vou discutir, não tenho tempo pra isso, não vou brigar com as pessoas sobre qual é o melhor meio pra criar o paraíso terrestre, mas procuramos fazer com que a nossa existência seja um combate constante, no espaço em que vivemos; é uma perspectiva diferente.<sup>55</sup>

A partir de 1999, os boletins do Centro de Cultura Social passaram a trazer notícias sobre parcerias realizadas com o NU-SOL, como uma leitura dramática da peça *Colônia Cecília*, de Renata Pallottini, realizada no Tucarena, cursos de introdução ao anarquismo, assim como notas e divulgação das atividades do Núcleo, como palestras e vídeos-debate. Muitos membros do NU-SOL integraram o quadro de sócios do CCS e alguns deles tiveram uma participação intensa nas Comissões de Gestão, realizaram palestras, oficinas e participaram de atividades. Porém, em 2008, alguns dos integrantes do Núcleo se afastaram do Centro de Cultura por não concordarem com a proposta da Comissão de Gestão de “desligamento” de um sócio que deixou de frequentar a associação. As práticas e debates propostos pelo NU-SOL certamente influenciaram as perspectivas atuais do CCS. Nos últimos anos, boa parte das palestras apresentadas foram realizadas por integrantes do Núcleo, especialmente sobre temas ligados às suas pesquisas de mestrado e doutorado.

As estratégias de luta influenciadas pelo anarco-sindicalismo – expressas nas lembranças da atuação dos anarquistas nos sindicatos por meio de cursos, palestras e exposições, e nas tentativas de criação de escolas e ligas operárias voltadas para trabalhadores – não estavam totalmente em harmonia com as novas perspectivas de militância que surgiram na década de 1980, anunciadas por novos grupos que se formaram e que, como apontei anteriormente, não estavam preocupados somente com a emancipação dos trabalhadores, mas com questões como educação e pedagogia libertária, ecologia, feminismo, homossexualismo,

<sup>54</sup> PASSETTI, Edson. Heterotopias anarquistas. *Revista Verve*, São Paulo, n. 2, 2002.

<sup>55</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

abolição da punição, violência e cultura alternativa, diante de um contexto político de uma sociedade recém-saída de uma ditadura militar marcada por repressão, censura e autoritarismo.

Isso gerou tensões e rupturas na *terceira fase* do Centro, especialmente a partir de 1998, após a morte de Jaime Cubero. Havia um grupo que buscava retomar as práticas de militância mais próximas ao anarco-sindicalismo e que teve a hegemonia durante muitos anos. Enquanto outros se formavam em torno de novas perspectivas de militância, Antônio Carlos de Oliveira comentou que havia certa ressalva dos militantes do Centro em considerar a militância empreendida pelos novos grupos, como os punks e universitários. Um exemplo disso é que as ideias vinculadas pelo jornal *Inimigo do Rei*, talvez pelo tom debochado do periódico, não eram percebidas como importantes pelos militantes mais velhos. Por muitas vezes o trabalho realizado pelo jornal não foi valorizado, sendo ele estigmatizado como algo produzido pelo “grupo de homossexual lá da Bahia”; os militantes mais antigos aceitavam parcialmente a discussão de certas questões como o homossexualismo. Antônio Carlos de Oliveira diz que temas como esse

Causavam uma certa estranheza, principalmente esse pessoal mais velho que era muito de uma geração diferente dos militantes que vão surgir depois, era um pessoal muito certo mesmo, muito correto naquelas posturas deles e muito tradicionais de acordo com essas posturas também.<sup>56</sup>

Em entrevista, Nildo Avelino afirmou que no Centro de Cultura Social, na década de 1990, existiam questões como as transformações sociais amplas e a difusão do anarquismo que eram muito valorizadas, e, embora os militantes buscassem reinventar o cotidiano e as relações cotidianas diárias, existia uma espécie de hierarquia de lutas. Ele explica que:

Aquilo que era mais parecido com a Revolução merecia mais atenção, isto era muito perceptível, era muito presente na época para mim. E hoje não, ao contrário, se eu ver alguma coisa que nos interesse que se distancie da Revolução, a gente vai praticar, até porque a Revolução é um grande mito, enfim, uma bobagem. Percebe? Tem uma diferença de geração, não sei se de geração é a palavra certa, mas existe uma... entre este Centro de Cultura dos anos 90 e o Centro de Cultura hoje, tem uma diferença bastante presente, bem visível.<sup>57</sup>

<sup>56</sup> Entrevista concedida a Carlos Barqueiro por Antônio Carlos de Oliveira, 2007. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=c7tg3BBdEyM&feature=related>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

<sup>57</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

Para os militantes remanescentes da *segunda fase*, o afastamento da tendência ligada ao movimento operário é muito clara. Chico Cuberos e Maruja comentaram a inserção de militantes vindos do meio acadêmico e o distanciamento do que chamam “o movimento”, “os trabalhadores”, do Centro de Cultura. Com o seu sotaque espanhol, Maruja contou que antigamente, no Centro, predominavam os trabalhadores, “gente que tinha sua profissão não era assim que nem é hoje, a turma dos que frequentava faculdade [...]”<sup>58</sup>. Chico lembra que antigamente, ao abrir a casa de um anarquista, era comum se deparar com uma biblioteca, pois eles liam, se informavam. Para ele, atualmente são somente estudantes e intelectuais “que deram um certo desprezo pelos trabalhadores”<sup>59</sup>.

As experiências desses militantes estão articuladas ao trabalho em feiras, fábricas e no comércio de São Paulo. Jaime e Chico trabalharam desde meninos em fábricas de calçados e tiveram lojas de calçados nos bairros do Brás e Pari. Quando chegou ao Brasil no final da década de 1950, Maruja trabalhou como alfaiate. Em entrevista a Nildo Avelino, contou uma passagem em que teve um embate com o patrão na fábrica em que trabalhava, porque teve injustamente um desconto no seu salário por chegar atrasada em um dia de chuva. Conseguiu reaver esse desconto para o “grupo de espanholas que trabalhavam na oficina”<sup>60</sup>. Lourdes Gabriel, companheira do militante Lucca Gabriel, relembrou que seu primeiro trabalho foi no Laboratório Santana, mas quando se casou, passou a trabalhar com o marido Lucca em uma pequena fábrica de porta-retratos e espelhagem que tinham. Maria Cubero começou a trabalhar aos 18 anos em uma fábrica de tecelagem e relembra: “Eu fui mandada embora da fábrica porque fui defender as coleguinhas”<sup>61</sup>.

O Centro de Cultura é percebido por esses militantes como um espaço de formação, de militância e de lazer nos horários livres do trabalho. Lourdes Gabriel comentou que ela e Lucca Gabriel decidiram estudar, por isso se aproximaram do CCS: “Vamos estudar... então vamos para o Centro”. Ao falar sobre o que lhe atraía e a configuração da associação nos últimos anos, Lourdes Gabriel diz:

Era muito pessoal, parece que agora não tem pessoal nenhum [...]. Ia a Maria, a Maruja, agora tem o Cid, o Zeca, Paulo Henrique [...]. O que mais motivava a gente a ir no Centro era justamente sair do trabalho, porque a gente também trabalhava muito, era mais um refresco. Tinha aquelas pessoas

<sup>58</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Maruja Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

<sup>59</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Chico Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

<sup>60</sup> Entrevista concedida a Nildo Avelino por Maruja Cuberos em 17 abr. 2002. Cf. AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004.

<sup>61</sup> Entrevista concedida a Nildo Avelino por Maria Cubero em 15 jun. 2001. Cf. AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004.

que a gente gostava, né? E ia falar de um ideal gostoso e agora o que acontece?<sup>62</sup>

Os militantes que acompanharam as fases anteriores do Centro e sua retomada em 1985 perceberam mudanças no perfil do público que passou a frequentar a associação na *terceira fase*. Eles ressentem o distanciamento da militância que empreendiam com a formação de novos grupos e reconfigurações da associação. Isso causou impacto para alguns deles, que viam no Centro um espaço voltado para trabalhadores e para o debate das “questões sociais”. Quando indaguei sobre as mudanças que percebeu no CCS a partir da década de 1980, Chico Cuberos apontou: “O Centro de Cultura, não sei se por intermédio de quem foi, teve uma invasão de punk lá, uma invasão, todo mundo vinha, eu já comecei a me sentir meio... Eu não sou contra eles, mas fazer disso aqui um Centro de Punk?”<sup>63</sup>

Alguns militantes do Movimento Punk e do Movimento Anarco-Punk tiveram uma participação expressiva no Centro de Cultura Social. O Movimento Punk surgiu em São Paulo no final da década de 1970. Fazia referências ao anarquismo e tinha um caráter contestatório contra todos os “autoritarismos” presentes no Estado, nas escolas, nas famílias e nas instituições militares e contra as mazelas sociais, como a violência e o desemprego. Essa contestação acontecia por meio de sua expressão musical, da produção e distribuição de fanzines, da realização de manifestações e protestos. O Movimento foi marcado por brigas e rachas entre diferentes grupos punks da cidade de São Paulo e Grande São Paulo.

Em setembro de 1987, foi realizada a palestra “Movimento Punk” no Centro de Cultura Social durante o ciclo *Cultura, Contra Cultura e Cultura Alternativa*. Apresentaram e participaram da palestra Falcão, da banda Excomungados, Gurgel, do Núcleo Consciência Punk do Itaim Paulista, Carlão (Antônio Carlos de Oliveira), na época editor dos fanzines *Anti-Sistema* e *Aborto Imediato para Renascer um Novo Espermatóide*, de São Mateus, e Praxedes. Na apresentação da palestra, Jaime Cubero comentou que o debate tinha a intenção de esclarecer e trazer informações sobre o Movimento Punk.

Durante a palestra foram evidenciadas algumas práticas realizadas pelos punks. Antônio Carlos de Oliveira foi um dos primeiros que vieram do Movimento Punk e ingressaram no CCS, ainda na década de 1980. Ao falar sobre a aproximação dos jovens com o Movimento, afirma que eles buscavam se encontrar: “essa procura passa pela arte, música, cultura alternativa, que é o movimento punk, também criam seus fanzines que é uma forma de

---

<sup>62</sup> Entrevista cedida a Nildo Avelino por Lourdes Gabriel, [s/d].

<sup>63</sup> Entrevista cedida a Michelle Tito por Chico Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

expressar suas ideias”<sup>64</sup>. Essas práticas são contestadas por militantes do Centro, especialmente pelos mais velhos, que dizem que é preciso organização para superar os problemas existentes na sociedade e afirmam que a música não é suficiente para operar transformações sociais. Nas palavras do militante Carlo Aldegueri:

Toda juventude é admirável, não sabia, mas vocês disseram que existiam 15 ou 20 mil punks em São Paulo. Se esses 15 mil se dedicassem a uma organização de realmente espalhar a sua idéia dentro da fábrica e mostrar o que é a burguesia, não só através da música, a música é superficial; ir dentro da fábrica e fazer os trabalhadores compreenderem o que é a exploração diária, o que são os governos e todos os seus partidos que eleitos cuidam dos seus próprios interesses e não da classe trabalhadora, isso seria muito mais útil. Tenho convicção absoluta que com o atual sistema, se é que existem 15 mil jovens em São Paulo, mas se esses não se dedicam a esse tipo de organização, isso não resolve absolutamente nada. A questão econômica não será resolvida assim, será com organização e uma filosofia e de uma preparação para amanhã destruir essa sociedade e criar outra nova, mas não com autoridade, sem autoridade, essa é a única sociedade que pode dar ao mundo alguma esperança. Anarquia é a raiz dessa sociedade, falar que não é possível com esse sistema que vive o mundo inteiro hoje de seguir adiante, não com a música, a música é relativa.<sup>65</sup>

A postura dos punks, a vestimenta (chamada de visual) e suas propostas de luta foram questionadas e criticadas pelos militantes mais antigos, como Jaime Cubero, Antônio Martinez, Francisco Cuberos e Carlo Aldegueri. O militante Antônio Carlos de Oliveira, em um Boletim Informativo de 1995, em que faz uma homenagem póstuma a Carlo Aldegueri, conta que o contato travado com este militante em 1987 o levou a questionar o movimento do qual fazia parte: “Fiquei intrigado e pela primeira vez constatei que as coisas eram mais profundas e complexas de que meu imediatismo percebia [...]”<sup>66</sup>. Posteriormente, distanciou-se do Movimento Punk e passou a dedicar-se à militância no Centro.

Em entrevista, Antônio Carlos de Oliveira comentou que, quando começou a frequentar o CCS, percebeu que os “velhinhos” tomavam decisões e tinham discussões as quais os mais novos não tinham acesso. Ao se oferecer para realizar atividades no Centro, passou a trabalhar na biblioteca e no arquivo e, posteriormente, formou, com seus companheiros punks, grupos que atuaram na associação. Alguns anos depois, Antônio Carlos passou a fazer parte da Comissão de Gestão. Na década de 1990, aproximaram-se do Centro

<sup>64</sup> CADERNO PALESTRA: O Movimento Punk – O arquivo punk do Centro de Cultura Social. São Paulo, ano 1, n. 1, nov. 1996.

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 32, 3º trim. 1995.

de Cultura os militantes do Movimento Anarco-Punk (MAP), que foram acolhidos pelos punks que chegaram anteriormente.

O Movimento Anarco-Punk foi criado por um grupo de pessoas de diferentes regiões da cidade de São Paulo e do Grande ABC que tinham a preocupação em conhecer e discutir o anarquismo e se diferenciar do Movimento Punk, que foi marcado pela violência e briga entre gangues. O grupo discutia e debatia autores anarquistas, realizava reuniões, organizava protestos e manifestações públicas, produzia fanzines, panfletos. Dessa vontade em aprofundar os conhecimentos e discussões sobre o anarquismo é que aconteceu a aproximação desses grupos com o Centro de Cultura Social.

Nildo Avelino<sup>67</sup>, que na época tinha o apelido de Nildo Batata, conheceu o Centro de Cultura pelo Movimento Anarco-Punk no início da década de 1990, quando tinha 17 anos, e permanece até hoje na associação. Para ele, naquela época, o anarquismo estava centrado nas atividades do MAP, que era um grupo pequeno que foi incorporando muitos jovens de várias regiões da cidade de São Paulo, tais como a Zona Oeste, Zona Leste, Zona Sul, Zona Norte e o Grande ABC. Os anarco-punks costumavam se encontrar no centro da cidade e na Estação da Luz, da qual não saíam a fim de economizar o dinheiro da volta. Lá, bebiam vinho e discutiam propostas de ação. Eles realizavam uma crítica social e criavam estratégias próprias de luta segundo seu entendimento sobre anarquismo, que estava vinculado ao combate ao Estado, ao capitalismo e ao militarismo. Nos encontros, surgiam as ideias sobre o que iriam realizar: manifestos escritos para serem distribuídos para a população, fanzines, protestos de rua contra o consumismo, contra o Natal e contra o 7 de setembro. Eles produziram e encenaram uma peça de teatro para as manifestações que realizaram no Dia do Trabalho. Aos sábados, reuniam-se para sair para beber, ir a shows punks, “que era a parte mais divertida da coisa”. Sobre essa experiência, Nildo diz:

Nós resolvemos formar um grupo, fundar um grupo, né? Inclusive para distinguir aquilo que nós éramos como Punk, do movimento Punk em geral que era super ganguista, bairrista, fascista, que tinha uma violência muito forte. Então nós resolvemos fundar um grupo, este grupo chamou “Movimento Anarco Punk”, o MAP. Aí eu me lembro que em uma das reuniões alguém comentou assim: “Ah! Vamos para o Centro de Cultura no próximo sábado”, porque nós nos reuníamos no meio da semana, não sei que dia, à noite, “sábado nós vamos para o Centro de Cultura”. E eu: “O que é Centro de Cultura?” “Ah! Centro de Cultura é um lugar de anarquistas. Anarquistas velhos”. E aí eu falei: “Puxa vida! Anarquistas velhos, mas como é que é possível? Como pode?...” eu te juro esta foi a minha impressão, entendeu: “Como é que pode haver anarquista velho?”, falei,

---

<sup>67</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

fiquei super curioso, para mim não existia, para mim era aquele universo que era o anarquismo, o universo Punk. Aí eu falei: “Putz não! Então vamos conhecer”.<sup>68</sup>

Nilton Melo<sup>69</sup>, militante desde o início da década de 1990 e integrante do Movimento Anarco-Punk, conta que essa foi a via pela qual muitos jovens chegaram ao CCS. Diz que o MAP era uma vertente do Movimento Punk que buscou superar o caráter ganguista e “pensar mais”; interessaram-se pelo anarquismo e procuraram articular um grupo político organizado. Nas palavras de Nilton, “coisa de ímpeto de juventude mesmo, né?”. Antes de conhecer o Movimento Anarco-Punk, ele já tinha realizado algumas leituras de textos de Bakunin e Proudhon nas Casas de Cultura de Santo Amaro, mas lembrou que eram escassas as publicações de textos anarquistas na época. O que havia eram alguns fragmentos dos autores clássicos. Ele soube, por meio do pessoal do Movimento Anarco Punk, da existência do Centro de Cultura Social: “Eu acabei conhecendo o Centro de Cultura porque eu já sabia que era o lar de anarquistas, né?” Os únicos grupos vinculados ao anarquismo que ele conhecia anteriormente eram os “punks da Luz” e o pessoal da COB (Confederação Operária Brasileira), que se encontraram na região central da cidade durante alguns meses.

Conhecer os “velhinhos” do Centro de Cultura foi algo curioso para esses jovens anarco-punks, que associavam a ideia de anarquismo com a juventude, com o universo punk. Sobre tal experiência, Nilton Melo comenta:

Você chega lá tinha um respeito enorme, nossa, moleque, numa época que não era, digamos assim, não era tão impetuosa a juventude né? Ah... então chegava assim, nossa que coisa, hein! Tô aqui num recinto, essa ideia da juventude, molecada conhecer os resquícios dos velhinhos era uma coisa bem...<sup>70</sup>

Nas entrevistas, os ex-militantes do Movimento Anarco-Punk disseram que existia uma preocupação com a leitura e discussões de textos anarquistas, com a circulação de livros e cópias “xerocadas”, já que o acesso a essa literatura era escasso. A única possibilidade de militância conhecida até então eram as práticas dos punks – que estavam muito vinculadas à ação por meio de protestos que em muitas ocasiões resultavam em repressão policial – e a sociabilidade dentro do Movimento, que acontecia nos encontros semanais e na ida aos “sons

---

<sup>68</sup> Ibidem.

<sup>69</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

<sup>70</sup> Ibidem.

punks”, que traziam em suas letras posicionamentos críticos sobre política, sociedade e cotidiano.

Permeava como proposta de luta dos anarco-punks a noção de que era preciso destruir a “sociedade capitalista”, destruir “o sistema”, o Estado e suas regras. Nildo Avelino lembra que “no Punk, esta coisa é muito, sabe, a destruição, pela destruição, a negação pela negação. O que é muito saudável, né? Até porque nós éramos muito jovens, então fazia sentido, né?”<sup>71</sup>. Porém a vontade de ler, conhecer, saber mais sobre o anarquismo, gerou o interesse desses jovens nas práticas do Centro de Cultura Social. A biblioteca, as discussões apuradas, as palestras e o funcionamento autogestionário da associação eram uma nova possibilidade que se abria diante daqueles que se posicionavam como anarquistas.

No encontro entre alguns punks, anarco-punks e os “velhinhos” surgem novas perspectivas de militância anarquista para esses jovens paulistanos. Desperta-nos a atenção a passagem em que Nilton Melo diz durante nossa entrevista: “Antes, na verdade quando estavam os velhinhos, era na verdade uma certa necessidade de se saber o que era anarquismo de verdade, o que se achava, nós achávamos que era [...]”. Eles começaram a participar intensamente das atividades do Centro e o contato que travaram com os militantes mais experientes levou-os a uma reflexão sobre as práticas e sobre a militância anarco-punk, e também a se voltarem para a atuação no CCS.

Esse é o caminho pelo qual outros integrantes do MAP que se aproximaram do CCS percorreram. Ao serem interpelados pelas críticas dos militantes do Centro ao Movimento Anarco-Punk, repensaram suas práticas e suas concepções sobre o anarquismo. Se a proposta de luta que defendiam incluía destruir todas as regras e convenções sociais, os “velhinhos” questionavam o motivo pelo qual elas existiam e o que deveria ser construído no lugar do que foi destruído. Além de argumentarem a favor de uma reflexão e de um debate mais consistente sobre o anarquismo, eles tinham a preocupação de formar esses jovens para a militância anarquista. Para isso, houve iniciativas como o Núcleo de Militância, que promovia encontros que aconteciam separadamente das atividades de sábado, para os quais apenas alguns frequentadores do Centro eram convidados. Nildo Avelino participou desses encontros. Sobre o contato dos punks com o Centro de Cultura, Nilton Melo recorda:

Como integrantes do grupo, dentro de um outro grupo anarquista, né? Então, só com o Antônio Carlos, que também era punk, por isso tinha muita afinidade conosco, os velhinhos... eles viam com certa ressalva aquela punkaiada toda, bem certo eles na época [...] porque eles achavam realmente

<sup>71</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

que era uma coisa pueril, uma coisa assim inconseqüente. Sem profundidade, e falavam “Ó pessoal, eu gosto muito de vocês, vocês realmente têm muito ímpeto, são muito viscerais, né? Vocês realmente vão pra frente, mas vocês precisam realmente ter um pouco mais de conhecimento, mais leitura, não é só ação, né? [...] E quem acolhia mais a gente no tête-à-tête, era o Antônio Carlos, e acaba acolhendo, nos entrosando no Centro de Cultura.”<sup>72</sup>

Em entrevista publicada no livro *Três Depoimentos Libertários*, Jaime Cubero contou que sempre teve uma relação boa com os anarco-punks e que constantemente era procurado pelos jovens para uma conversa. Na sua opinião, embora tivessem o vigor da juventude, anseio por liberdade e força de trabalho, existia uma série de práticas do Movimento Anarco-Punk que considerava contraproducentes, como a destruição de equipamentos públicos, como semáforos e telefones, e as manifestações de rua que motivavam prisões e repressão policial. Um protesto que sempre acabava em prisões era uma manifestação antimilitarista que os anarco-punks realizavam no dia 7 de setembro, próximo ao desfile dos militares na Avenida Tiradentes, na cidade de São Paulo. Para Jaime Cubero, faltava uma reflexão maior sobre essas ações e um conhecimento mais profundo sobre o anarquismo. As muitas conversas que teve com os militantes punks motivou alguns a reverem algumas dessas práticas.

Pude constatar que, até 1993, os integrantes do Movimento Anarco-Punk utilizaram o espaço do Centro de Cultura Social para realização e difusão de suas práticas. Se, inicialmente, o Centro tinha uma corrente “mais sindicalista”, após a aproximação dos jovens anarco-punks uma nova vertente passou a atuar e imprimir sua marca no CCS, por meio de palestras, divulgação de suas manifestações nos boletins informativos, articulação de correspondências com grupos afins, o que chamaram de “Nô”, e da iniciativa de constituir o Arquivo Punk para preservar documentos produzidos pelos punks paulistanos, como fanzines, cartazes, correspondências, panfletos, atas de reuniões, recortes de jornal e discos de vinil.

As atividades realizadas no Centro, como as palestras, não agradavam a alguns militantes mais jovens que tinham outras preocupações e perspectivas de luta. Antônio Carlos de Oliveira comentou, em entrevista, que um lugar que oferece somente palestras deixa de satisfazer o público em determinado momento, e que a militância punk estava voltada para ações mais diretas, como invasões e enfrentamentos com a polícia. Sobre seu contato inicial com o Centro de Cultura, um militante do Movimento Punk que conheceu a associação no final da década de 1990 lembra as primeiras vezes que esteve no Centro:

---

<sup>72</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

As primeiras, as primeiras assim, eu não tive muito... tinha mais uma coisa assim, lá tinha os anarquistas mesmo, os caras mais velhos do movimento, mas como eu tava muito envolvido com a questão do punk, com essa coisa da cidade, com a música, experimentação com droga, sexo, não tava muito interessado em ficar vendo palestra, sabe?<sup>73</sup>

O entendimento sobre o anarquismo para os jovens punks não estava imbricado a uma formação intelectual e à valorização do conhecimento, bem como à necessidade de se ter um movimento organizado (como era chamada por alguns militantes a formação e a militância em grupos específicos). Para eles, o anarquismo tinha outras interpretações e era permeado por práticas próprias. Na palestra sobre o Movimento Punk, realizada no Centro em 1987, Falcão comenta como percebe a relação dos punks com o anarquismo:

O punk também tem muito de classe social, tem visão de classe social, são na maioria anarquistas, além de anarquista, são a anarquia, não tem a mesma visão. Não, todos, em geral, que tem um rapaz que se dedica em ler Bakunin a fundo, 4 ou 5 obras, conhece alguma coisa, mas, a anarquia está presente nele, são muito próximos daquele que foi guilhotinado na França, que jogava bomba.<sup>74</sup>

Os anarco-punks e punks que passaram a atuar no Centro reconsideraram sua militância a partir do contato com os “velhinhos”, pois a presença dos militantes mais jovens faz com que a associação ganhe novos contornos devido às suas experiências de vida, suas maneiras de ver o mundo, de vivenciar a cidade de São Paulo e suas perspectivas de militância inovadoras frente ao que estava posto pelos militantes mais velhos, defensores de uma militância mais atrelada ao anarco-sindicalismo. Isso provoca tensões e estranheza para ambas as partes, mas também resulta em parcerias para a realização de muitas atividades no CCS.

Roberto Freire e o grupo de somaterapia, que formaram em 1992 o Coletivo Brancaleone, também passaram pelo CCS. Freire foi médico psiquiatra, dramaturgo, escritor e militante anarquista. Abandonou a psicanálise por divergências ideológicas e criou a somaterapia na década de 1960 em decorrência do atendimento que realizou a militantes clandestinos com conflitos emocionais e psicológicos durante a Ditadura Militar, após 1968: “foi nesses momentos que a Soma descobriu e confirmou na prática, seus fundamentos

<sup>73</sup> Optei por omitir o nome do entrevistado nessa passagem.

<sup>74</sup> CADERNO PALESTRA: O Movimento Punk – O arquivo punk do Centro de Cultura Social. São Paulo, ano 1, n. 1, nov. 1996.

teóricos e políticos, bem como encontrou uma força motivadora para uma ação verdadeiramente revolucionária”<sup>75</sup>.

A Soma é uma terapia anarquista criada a partir das reflexões sobre a pesquisa de Williem Reich, da Gestalterapia, da Antipsiquiatria e da Capoeira Angola. Busca a revolução no microcotidiano, e o corpo é percebido como uma unidade viva, arma contra os autoritarismos, assim como o tesão e a paixão são concebidos como instrumentos de ação política. Entre as atividades do Coletivo Brancaloneone estão a realização de oficinas e grupos de Soma em todo Brasil e no exterior, cursos de pedagogia libertária, produções culturais autogestivas em teatro, jornalismo e vídeo, publicações de livros, participação em congressos políticos e científicos e um curso de extensão de “Introdução em Somaterapia” na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)<sup>76</sup>.

Desde 1987 há notícias da parceria entre o Centro de Cultura Social, Roberto Freire e o Coletivo Anarquista Brancaloneone. Várias palestras sobre a Somaterapia foram realizadas no CCS, da mesma forma como ocorreram atividades no espaço do Coletivo Brancaloneone chamado “Tesão – A Casa da Soma”, localizado em Perdizes, São Paulo, como leituras dramáticas e ciclos de palestras. Já em 1995, aconteceu o 1º Ciclo de Anarquismo da USP. No programa do evento, havia palestras de Antônio Carlos de Oliveira, Jaime Cubero e José Carlos Morel, militantes do CCS, assim como de Roberto Freire, Edson Passetti e Edgar De Decca; atividades como vivência de Soma e roda de capoeira realizadas pelo Coletivo Anarquista Brancaloneone e encerramento com a apresentação teatral da peça Antônio das Mortes.

Em 1996, quando o CCS inaugurou sua sede na Rua dos Trilhos, no bairro da Mooca, Roberto Freire esteve presente. Após o evento, foi publicado no Boletim um pequeno artigo, no qual, com um tom de entusiasmo, Roberto Freire comentou que desde que conheceu o Centro de Cultura Social e se tornou companheiro e discípulo de Jaime Cubero sua solidão anarquista terminou. Freire aponta que:

A inauguração da nova sede do C.C.S, na Mooca, abriu a perspectiva da permanência intocada de sua função irradiadora da história do anarquismo no Brasil, de continuar sendo o ponto de encontro para as comunicações e as formações culturais e políticas libertárias em S. Paulo.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> Prefácio da 1ª edição do livro *O Tesão pela Vida*, de 1988. Cf. FREIRE, Roberto. *O Tesão pela vida – Soma, uma terapia anarquista/Roberto Freire e Coletivo Anarquista Brancaloneone* João da Mata, Jorge Goia, Vera Schoroeder. São Paulo: Francis, 2006.

<sup>76</sup> MATA, João da. Roberto Freire e o Coletivo Anarquista Brancaloneone. *Revista Utopia*, Lisboa, n. 26, 2008. p. 67.

<sup>77</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 37, 1996.

As atividades do Núcleo de Teatro do CCS tiveram orientação de Chico Cuberos e supervisão de Roberto Freire. O Núcleo apresentou uma série de leituras dramáticas de peças teatrais no Centro e em outros espaços, como a PUC–SP, Tesão – A Casa da Soma e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Junto com Alberto Centurião<sup>78</sup>, Freire coordenou a 1ª Oficina de Dramaturgia Libertária, realizada na Sociedade Naturista Amigos Nossa Chácara, promovida pelo CCS.

O Coletivo Brancalone e Roberto Freire se afastaram do CCS no ano 2000, após o Encontro Internacional de Cultura Libertária que aconteceu em Florianópolis. Nessa ocasião, a ideia de Roberto de fundar uma Federação Anarquista foi duramente criticada por participantes do evento, que o acusaram de querer tomar a frente do Movimento Anarquista.

No prefácio da obra *O Tesão pela Vida*, Roberto Freire diz que embora tenha tido relações com o Movimento Anarquista nacional e internacional, no Brasil, as relações com o Centro de Cultura foram especiais, pois, para ele, Jaime Cubero “exercia sua radicalidade por meio de um humanismo sem preconceitos, sempre crítico e estimulador aos mais diversos tipos de anarquismo”<sup>79</sup>. Após a morte de Jaime Cubero em 1998, o relacionamento com o CCS não foi fácil, pois a Soma tinha outras visões e práticas libertárias ligadas a questões como a sexualidade e o corpo. A somaterapia tem como público muitos jovens oriundos das classes média e alta, por isso alguns militantes do CCS entendiam que essa era uma prática pequeno-burguesa, direcionada a pessoas com alto poder aquisitivo. Roberto Freire comentou a falta de receptividade da somaterapia por militantes do Centro de Cultura: “Parece-nos, por vezes, haver da parte deles alguns preconceitos em relação à Soma, especialmente pela ideologia do prazer, nossa principal arma contra a ideologia do sacrifício”<sup>80</sup>.

Ponto de convergência de diferentes anarquismos: é assim que o Centro de Cultura Social é percebido na década de 1980 e 1990 por muitos militantes de grupos anarquistas ou libertários que lá estiveram. Nesse período, novas perspectivas de anarquismo surgiram, mas é possível constatar um diálogo frutífero e parcerias entre elas. Para alguns, no começo da década de 1990 havia um fio condutor que unia a todos, pelo fato de todos os grupos terem saído da repressão causada pela Ditadura Militar; para outros, Jaime Cubero tinha a

---

<sup>78</sup> Ator e diretor de teatro que integrou o CCS no final da década de 1990 a convite de Chico Cuberos para participar das atividades teatrais.

<sup>79</sup> FREIRE, Roberto. *O Tesão pela vida – Soma, uma terapia anarquista/Roberto Freire e Coletivo Anarquista Brancalone* João da Mata, Jorge Goia, Vera Schoroeder. São Paulo: Francis, 2006. p. 12.

<sup>80</sup> *Ibidem*, p. 12.

capacidade de agregar e fazer convergir várias perspectivas de militância anarquista, o que foi perdido após sua morte.

\*\*\*

Jaime Cubero nasceu na cidade de Jundiaí em 1927 e veio para São Paulo ainda criança. Chegou ao Centro de Cultura Social aos dezoito anos de idade convidado pelos militantes Edgard Leuenroth, Pedro Catallo e Rodolfo Felipe<sup>81</sup>. Logo passou a participar das Comissões de Gestão como Secretário Geral e desde então teve uma militância intensa na associação<sup>82</sup>. Autodidata, considerou o CCS sua escola, o espaço onde aconteceu sua formação. Além de integrar as Comissões de Gestão, realizou inúmeros cursos e palestras, participou das atividades teatrais, produziu com seus companheiros jornais libertários como *A Plebe* e o *Dealbar*, estabeleceu contato com grupos anarquistas internacionais e nacionais e integrou outros grupos específicos que atuaram dentro ou em parceria com o Centro de Cultura, como a Associação Naturista Amigos Nossa Chácara e o Grupo Projeção.

Sua aproximação com o anarquismo aconteceu a partir de suas experiências com as injustiças sociais e com a corrupção – da qual foi vítima certa vez quando um fiscal pediu propina para não derrubar a casa em que vivia com sua família, alegando que a construção era irregular –, e também a partir das leituras e discussões que realizava no Centro Juvenil de Estudos Sociais. Entre essas leituras, os militantes dessa geração sempre comentam uma obra chamada *Manolin* (livro muito divulgado nos meios anarquistas na primeira e segunda décadas do século XX). No Centro de Cultura Social, estudou e debateu Ciências Humanas, assim como o anarquismo e temas do seu interesse; manteve um contato estreito com Edgard Leuenroth e o filósofo Mário Ferreira Santos, e com outros militantes que reabriram o Centro após a queda de Getúlio Vargas em 1945. Ao começar a estudar o anarquismo que apresenta uma proposta de sociedade igualitária, Jaime diz que começou a encontrar um caminho para suas inquietações:

Eu me sentia revoltado contra todas as injustiças que eu tinha visto. Daí depois tive a vivência com os outros militantes, lá no Centro. A própria

---

<sup>81</sup> Fundadores do Centro de Cultura Social em 1933.

<sup>82</sup> Jaime Cubero se afastou do Centro de Cultura Social apenas no período de 1954 até 1964, quando foi convidado por Edgard Leuenroth para trabalhar no jornal *O Globo*, no Rio de Janeiro. Mesmo nos períodos de repressão os militantes anarquistas realizavam reuniões clandestinamente, muitas delas na Loja de Calçados da família Cubero.

responsabilidade de passar a secretariar, logo de início, o Centro dava-me uma certa responsabilidade, um envolvimento, um compromisso.<sup>83</sup>

Para Jaime, a ideia de revolução como uma maneira de operar transformações sociais estava muito arraigada aos militantes do Movimento Anarquista do início do século XX, que acreditavam que a revolução era algo palpável. Porém, em sua opinião, a ideia de derrubar o Estado é algo difícil de concretizar, não é preciso esperar que a revolução aconteça: “Você começa a criar, aqui e agora, no seu cotidiano, na tua casa, nas rodas de amigos, práticas de novas formas de relações sociais não-autoritárias”<sup>84</sup>. Segundo Jaime, o anarquismo não é uma doutrina fechada, rígida, mas algo sempre aberto a novas contribuições, que tem como postulados básicos a igualdade e a liberdade no universo das múltiplas e alternativas atividades libertárias<sup>85</sup>.

Jaime tinha um conhecimento profundo da História do Anarquismo e das lutas sociais, e estava sintonizado, ao mesmo tempo, ao presente, à sociedade de seu tempo. Para ele, o anarquismo “evolui com a evolução do mundo e das técnicas. Ele só tem uma coisa que é imutável, que é a sua essência, o princípio da liberdade, da justiça e da igualdade”<sup>86</sup>. Sendo assim, conseguiu acolher e dialogar com os diferentes grupos anarquistas que circularam no CCS. Ao relembrar a postura de Jaime frente aos diferentes anarquismos, Edson Passetti diz que após sua morte o Centro perdeu muito da capacidade de convivência com as várias diferenças: “Um é punk, o outro é professor, o outro é sapateiro, operário, sei lá, o outro é vagabundo, ele pouco se importava”<sup>87</sup>.

Na concepção de Jaime, não existe um único caminho para ser seguido, mas há caminhos que vão sendo construídos no combate contra a injustiça, e a militância anarquista não é algo rígido, regrado: “militância anarquista é uma doação que o sujeito faz, ele se doa, se dá”<sup>88</sup>. O saber é algo valorizado na busca pela liberdade, garantia de plenitude que promove a grande força criadora do homem, pois ao conhecer é possível vencer obstáculos e abrir espaços para liberdade. Para Jaime:

---

<sup>83</sup> JEREMIAS, Marcolino (Coord.). *Três Depoimentos Libertários*: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Giménez Moreno. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002. p. 118.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 122.

<sup>85</sup> CUBERO, Jaime. *Razão e paixão na experiência anarquista*. Extrato de palestra pronunciada em 1994, na Universidade Federal de Uberlândia. (manuscrito).

<sup>86</sup> *Op. cit.*, 2002, p. 127.

<sup>87</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

<sup>88</sup> JEREMIAS, Marcolino (Coord.). *Três Depoimentos Libertários*: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Giménez Moreno. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002. p. 130.

Como a concepção anarquista é a do homem livre. Decidindo o próprio destino. Buscando sempre um novo caminho. O homem é sempre um viandante (*homo viator*) um caminheiro incansável em busca de novos horizontes. Em busca da superação. Essa sua recompensa mais gratificante.<sup>89</sup>

Durante a *terceira fase*, o CCS estabeleceu um diálogo profícuo com professores universitários do país, especialmente do estado de São Paulo, que frequentemente realizavam palestras no Centro. Como Jaime Cubero tinha a preocupação em levar as leituras e debates sobre anarquismo para as universidades, participou de cursos livres, palestras, seminários, bancas de defesas de dissertações e teses. Muitas produções acadêmicas foram realizadas com seu apoio, já que fomentava discussões, dava indicações bibliográficas e facilitava o acesso à documentação do arquivo Projeção e do CCS a pesquisadores.

A militância de Jaime Cubero foi muito importante para o Centro de Cultura Social, especialmente na *terceira fase*. É consenso entre os militantes e ex-militantes entrevistados que, após a morte de Jaime Cubero em 1998, o CCS passou por transformações e perdeu muitos associados. No mesmo ano, o Movimento Anarquista de São Paulo também perdeu outros dois militantes expressivos, Antônio Martinez e Maurício Tragtenberg.

Talvez por perceber o anarquismo como algo aberto a contribuições e que se fez no decorrer das atividades libertárias, Jaime conseguiu enxergar os muitos anarquismos que se fizeram e passaram pelo Centro de Cultura Social como práticas libertárias, sem privilegiar um ou outro grupo como portador “de um anarquismo verdadeiro”. Também não tinha uma fórmula pronta para definir a militância anarquista; para ele, eram vários os caminhos que poderiam ser percorridos para se atingir uma sociedade libertária e igualitária. Sobre a postura de Jaime Cubero em relação à Soma, Roberto Freire diz:

Exercia sua radicalidade por meio de um humanismo sem preconceitos, sempre crítico e estimulador aos mais diversos tipos de anarquismos. Logo que conheceu a Soma, respeitou-a e a apoiou de todas as maneiras possíveis, e nos estimulava com críticas profundas e transformadoras.<sup>90</sup>

Críticas profundas e transformadoras também iriam chegar aos militantes do Movimento Anarco-Punk, que, para Jaime, tinham potencial, mas promoviam ações que não tinham uma capacidade de contestação e transformação social efetiva. Como comentei

---

<sup>89</sup> CUBERO, Jaime. *Concepção Anarquista do Homem*. Extrato de Palestra Pronunciada em 14 de setembro de 1993, no Instituto Metodista Rudge Ramos, São Paulo. (manuscrito).

<sup>90</sup> FREIRE, Roberto. *O Tesão pela vida – Soma, uma terapia anarquista/Roberto Freire e Coletivo Anarquista Brancalione João da Mata, Jorge Goia, Vera Schoroeder*. São Paulo: Francis, 2006. p. 12.

anteriormente, muitos militantes desse grupo repensaram suas perspectivas de militância e se afastaram do Movimento Punk, incorporando novas concepções de anarquismo e de luta.

Na opinião de alguns militantes, em 1998, encerra-se uma fase do Centro de Cultura Social em que várias concepções de militância anarquista convergiam motivadas pela postura agregadora e acolhedora de Jaime Cubero. Para Alberto Centurião, em seguida, assumiram os papéis de gestão pessoas que haviam sido formadas e que tiveram um contato estreito com Jaime, com uma grande capacidade intelectual, mas que tinham uma disponibilidade maior para confrontos. Em consequência disso, o CCS sofreu desgastes internos e muitos associados se distanciaram<sup>91</sup>.

\*\*\*

Dos dias 4 a 7 de setembro de 2000, aconteceu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o Encontro Internacional de Cultura Libertária, promovido pelo Núcleo de Alfabetização Técnica e coordenado pela professora Maria Oly Pey. O encontro reuniu aproximadamente 500 participantes do Brasil e exterior. Compareceram grupos anarquistas e libertários de São Paulo, entre eles: Anarco-Punks, Coletivo Anarquista Brancalone, Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP (NU-SOL), Centro de Cultura Social de São Paulo, professores e alunos da PUC-SP, Unicamp e UNESP.

Na programação do evento, constava a realização de palestras, mesas-redondas, exposições, distribuição de fanzines, lançamento de livros, mostras de vídeo, oficinas, grupos de discussão. O Núcleo de Teatro 6 de abril, do CCS, realizou leituras dramáticas de três peças de teatro: *O Último Programa de Cubanacan*, de Alberto Centurião, *Colônia Cecília*, de Renata Palottini, e *Liberdade, Liberdade*, de Millôr Fernandes.

Para muitos que participaram, o encontro mostrou as tensões do Movimento Anarquista naquele momento, especialmente as divergências entre os grupos de São Paulo. O último evento que tinha reunido várias vertentes anarquistas e libertárias tinha sido o seminário *Outros 500: Pensamento Libertário Internacional*, realizado na PUC-SP em 1992. No final da década de 1990, emergiram novos grupos e concepções de anarquismo que formaram um mosaico de grupos preocupados com a intervenção em movimentos sociais, grupos formados em universidades, grupos mais alinhados ao sindicalismo ou à educação, somaterapia e o Movimento Punk, que ganhou força a partir de 1992<sup>92</sup>.

<sup>91</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Alberto Centurião. São Paulo, 1º maio 2009.

<sup>92</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

O ponto de divergência que surgiu no Encontro foi a proposta de criação de uma Federação Anarquista que havia sido discutida, dias anteriores ao evento em São Paulo, por Roberto Freire, pelo Coletivo Brancalone, pelo NU-SOL, por Plínio Coelho (Editora Imaginário) e pela Resistência Popular<sup>93</sup>, que pretendiam apresentar a proposta para ser discutida com outros grupos em Florianópolis. Previamente ao encontro, integrantes do Centro de Cultura Social souberam da reunião e decidiram se colocar contra essa proposta. Ao chegarem ao evento, articularam-se com outros grupos que tinham a mesma posição.

A proposta de criação de uma Federação Anarquista foi interpelada pela apresentação de um manifesto contrário lido por um militante do Centro de Cultura Social. Isso gerou uma discussão virulenta que, segundo os participantes, teve um tom agressivo e desrespeitoso. Em consequência disso, muitos sócios do CCS se afastaram; Roberto Freire rompeu definitivamente. Nildo Avelino, ao lembrar a posição do CCS durante esse evento, comentou que nas reuniões prévias foi colocado que essa federação não tinha legitimidade, porque era proposta por um “grupo de intelectuais”<sup>94</sup>. A ideia de federação, muito cara aos anarquistas, consistia na articulação de grupos autônomos, na livre associação: os grupos deveriam ser organizados “debaixo para cima”, da “circunferência para o centro”<sup>95</sup>. Segundo os militantes contrários à criação de uma Federação Anarquista, essa proposta não poderia surgir unicamente de um grupo. Por outro lado, o grupo que pretendia apresentar a proposta tinha a intenção de propor um debate, e não de impor suas ideias.

As discussões em tom de hostilidade continuaram no decorrer do encontro. Edson Passetti apelidou o evento de “Setembro Negro”, pelo clima de desentendimento entre os grupos que predominou durante aqueles dias. Frente aos novos grupos que surgiam e se consolidavam, algumas vertentes preocupavam-se em legitimar as práticas dos grupos emergentes como anarquistas ou não.

Na avaliação de Nilton Melo, o Encontro Internacional de Cultura Libertária evidenciou os grupos anarquistas que surgiram na década de 1990 e as diferenças existentes entre eles. Anteriormente, o que se notava era um anarquismo mais “clássico”, como o do Centro de Cultura, em que as pessoas formavam grupos para estudar o anarquismo e fazer propaganda. Esses “novos grupos” tinham outras formas de atuação, como a intervenção no Movimento Sem-Terra, o trabalho em ONGs, com ecologia, além dos estudiosos do anarquismo que, segundo Nilton, confundiam-se com os anarquistas, por isso percebeu esse

---

<sup>93</sup> Grupo formado em São Paulo em 1999.

<sup>94</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

<sup>95</sup> GUÉRIN, Daniel. *O anarquismo* – da doutrina à ação. Rio de Janeiro: Garamond, 1968. p. 70.

evento como um momento em que as diversas tendências do anarquismo se explicitaram. Em sua opinião:

Foi um divisor de águas, tudo isso existia, já existia, acho que depois que começou a ver, existia primeiro, existia formas diferentes de se trabalhar o anarquismo, existia formas diferentes de se classificar o anarquismo, por exemplo. A partir daí, começou um tal de gente cobrando carteirinha anarquista um do outro, “mas você, você trabalha com ONG, o que você tem anarquismo?”, ou “Uma associação que trabalha com ONG e faz campanha pro Betinho do Fome Zero, que isso tem haver com o anarquismo?” Tem isso daí também, aí até o Sérgio Norte ficava... aí começou a operar os anarcômetros, começou medir o seu nível de anarquia. O Sérgio Norte, eu gosto dele porque ele faz piada de tudo, né? [...]  
Porque começou, um outro termo que o Sérgio Norte também fala, né? Que tem o anarquista, né? E os estudiosos do anarquismo, eles se confundiam muito, a gente vê, inclusive, pessoas que estão aqui nesse idos, que são universitários falando sobre anarquismo, mas que, politicamente não se colocam, não se posicionam, não tem uma atuação dentro do movimento, ação política anarquismo, mas o tema de estudo dentro da Universidade é anarquismo [...].<sup>96</sup>

O contato e as tensões entre o Centro de Cultura e as “novas” tendências anarquistas não ficaram limitados ao Encontro de Cultura Libertária de Florianópolis. Ainda no ano 2000, o CCS se aproximou dos grupos inspirados pela Ação Global dos Povos para discutir a preparação de manifestações antiglobalização na cidade de São Paulo. Esses grupos integraram os *Dias de Ação Global*, que consistiam em protestos simultâneos em diversas cidades do mundo, contra as reuniões de organizações como o Fundo Monetário Internacional, a Organização Mundial do Comércio e o Banco Mundial. Vários grupos de São Paulo realizaram manifestações nos Dias de Ação Global inspirados pela AGP. A manifestação que reuniu maior número de participantes foi a de 26 de setembro de 2000, conhecida como S26<sup>97</sup>. Participaram de reuniões realizadas no Centro cerca de 60 pessoas ligadas a diversos grupos e coletivos da cidade, como o Movimento Anarco-Punk, a Ação Local, o Centro de Mídia Independente (CMI), o Movimento Ambiental Revolucionário, a Juventude em Luta Revolucionária, o Comitê Avante Zapatista e o Coletivo Libertário. A AGP tem sua filosofia organizacional<sup>98</sup> baseada na descentralização e na autonomia, com

<sup>96</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

<sup>97</sup> ANDREOTTI, Bruno Leonardo Ramos. *Poder e Resistências: movimentações da multidão – uma cartografia dos movimentos antiglobalização*. 2009. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

<sup>98</sup> Princípios organizacionais da Ação Global dos Povos (AGP), modificado em Cochabamba em 2001. Disponível em: <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/manifesto.htm>>. Acesso em: 19 set. 2010.

estruturas centrais mínimas. Isso significa que não há representantes e sim grupos que se identificam e se inspiram pelos princípios da AGP.

A Ação Global dos Povos (AGP) começou a ser idealizada após um primeiro *Encontro pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo*, que reuniu mais de 6 mil pessoas de diversos movimentos sociais do planeta, convocado por militantes zapatistas em 1996. A AGP foi lançada em Genebra no ano de 1998 e é uma coordenação mundial de resistência contra o mercado globalizado, que tem como objetivo servir como um instrumento de comunicação e coordenação das lutas contra o mercado global e de construção de alternativas locais<sup>99</sup>.

Nas reuniões com grupos inspirados pela AGP, que foram realizadas no CCS, foi colocada a importância de um programa anarquista para orientar as ações durante as manifestações. A organização entre os grupos era valorizada pelos militantes do Centro de Cultura, por isso foram utilizados como referências autores como Malatesta e Luigi Fabbri para se discutir a necessidade de uma “organização anarquista”, o que gerou desacordos entre os grupos que defendiam uma prática descentralizada e sem um programa definido. A posição de alguns militantes do Centro de Cultura Social era a de que a AGP deveria ter caráter organizativo com critérios de participação, inclusão e exclusão claros, princípios definidos, métodos de ação específicos, objetivos e membros (grupos e/ou indivíduos) reconhecidos<sup>100</sup>. Sobre a defesa de uma ação organizada durante as manifestações inspiradas pela AGP, o Boletim Informativo do Centro de Cultura, do ano 2000, que neste período contava com militantes como José Carlos Morel e Nildo Avelino, traz a seguinte informação:

Não compreendemos o pânico em que se atiram várias pessoas quando se tenta propor um caráter organizativo para AGP; uns por ingenuidade e outros por má fé, são partidários da “fluidez”, da informalidade e do espontaneísmo. E agem nessa direção como se esses fossem princípios anárquicos, quando o inverso é verdadeiro: quanto menos organizados, mais se sente a influência do “militantismo” autoritário que prepondera sob a influência do orador e do ativista de plantão; ao contrário, a consciência individual se desenvolve e se eleva quanto mais são seus contatos, discussões e trabalhos em comum, quanto mais esteja organizada.<sup>101</sup>

Ao falar sobre as reuniões dos grupos inspirados pela AGP no Centro de Cultura, os quais chamou de reuniões do “coletivo multi-étnico-ideológico”, Alberto Centurião lembra

<sup>99</sup> Op. cit., 2009, p. 62.

<sup>100</sup> Resumo da discussão ocorrida na sede do Centro de Cultura Social em 2 de junho de 2001, entre os grupos e indivíduos inspirados pela AGP. Acervo do Centro de Cultura Social de São Paulo.

<sup>101</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 13, jul./ago. 2000. p. 2.

que em um dos encontros houve uma discussão que por pouco não acabou em agressão física: “Foi uma briga assim, porque... aquilo era uma Arca de Nóe ideológica, né? E os anarquistas queriam, os caras do Centro de Cultura queriam que aquilo fosse uma mobilização anarquista”<sup>102</sup>. A ideia de “mobilização anarquista” deveria seguir as premissas de um programa anarquista que estava posto nos “clássicos” que eram discutidos e estudados no CCS. Para alguns militantes que acreditavam na “organização” como um ponto significativo para a militância anarquista, houve resistência em aceitar as novas perspectivas de luta que se colocaram com a emergência do movimento antiglobalização, em que muitos jovens agiam por “espontaneísmo”.

Porém, um outro grupo desejava que o CCS tivesse uma abertura maior para as novas concepções de militância anarquista e/ou libertária que circulavam na cidade de São Paulo. Essa discussão gerou uma tensão que motivou o afastamento de um dos últimos militantes alinhados à vertente anarco-sindicalista do Centro, assim como a aproximação do CCS ao NU-SOL. Segundo Nildo Avelino, a partir daquele momento começou-se a variar os temas das palestras e dos cursos: “Tem uma série de coisas que começam a atravessar o Centro de Cultura, dá uma abertura”<sup>103</sup>.

\*\*\*

É interessante notar como as perspectivas de anarquismo e os significados atribuídos ao Centro de Cultura por seus militantes passaram por transformações no decorrer do tempo. Para a geração que chegou em 1945, o Centro era um espaço de militância e formação intelectual voltado para trabalhadores. O conhecimento era visto como um caminho para se alcançar a liberdade. O Centro era um espaço do saber, do conhecer, de se “fazer anarquista” a partir das leituras, das discussões e do contato com o outro. Prezava-se a sociabilidade, mas também havia um olhar voltado para uma transformação social ampla, e a vida se moldava através disso. O surgimento do CCS foi inspirado pelos ateneus libertários, associações autônomas e livres criadas na Europa a partir da segunda metade do século XIX que tinham como finalidade fomentar a cultura entre o proletariado. Segundo Jaime Cubero:

Neles convergem as tendências libertárias nos aspectos e nas formas diferentes de interpretar a luta contra o capitalismo e o Estado, nos aspectos diversos, mas inseparáveis da mesma realidade. [...] foram sempre um

<sup>102</sup> Entrevista concedida a Michele Tito por Alberto Centurião. São Paulo, 1º maio 2009.

<sup>103</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

espaço de lazer e cultura para os trabalhadores, após o horário de trabalho [...] <sup>104</sup>.

Chico Cuberos <sup>105</sup> contou que teve contato com atores que foram trabalhar na indústria televisiva, porém ele nunca se interessou por isso e durante sua trajetória profissional se recusou a atuar em peças teatrais que não tivessem a ver com a “questão social”. Ao refletir sobre a configuração atual do Centro de Cultura Social, afirmou: “lá não tem anarquistas”. A atividade desses militantes era intensa, havia uma preocupação em propagandear o anarquismo, em intervir nos meios populares <sup>106</sup> e em levar a militância para todos os lugares possíveis. Sobre essas atividades, temos a seguinte passagem, também de Jaime Cubero:

Tínhamos uma actividade tremenda. Não havia descanso. Trabalhávamos de segunda a segunda. Fazíamos a nossa propaganda via teatro, jornais e comícios que convocávamos para recintos mais ou menos fechados porque nessa altura e ainda hoje só se pode falar em local público pedindo autorização/alvará de ordem política e social. Na onda política do pós-ditadura os anarquistas procuraram ocupar um espaço de destaque e conseguiram-no consideravelmente. <sup>107</sup>

Para a geração que chegou nas décadas de 1980 e 1990, o Centro também cumpriu a função de ser um espaço de formação intelectual, de estudos, e proporcionou uma oportunidade de aprofundar os conhecimentos sobre anarquismo. Na leitura de Nilton Melo <sup>108</sup>, atualmente o anarquismo pode ser conhecido por outras vias, como a internet; o CCS não tem mais a finalidade de formar militantes e difundir conhecimento, é principalmente um local de sociabilidade, de crítica ao *status quo*, de resistência e que atualmente recebe poucos trabalhadores, sendo que a maioria dos frequentadores são estudantes universitários, pois, segundo ele, “a fase do trabalhador acabou mesmo”. Afirma ainda que talvez o debate e as palestras devessem atingir um público mais amplo, pois hoje o Centro está mais intelectualizado, os temas das palestras são mais voltados para a academia e atingem um público “mais seletivo”. Reconhece que possivelmente seja uma voz discordante por não descartar totalmente a intervenção social como proposta, considerando importante o diálogo e

---

Depoimento de Jaime Cubero a Antonio José Romera Valverde, 1989. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, maio/ago. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022008000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022008000200013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 5 mar. 2009.

<sup>105</sup> Entrevista concedida Michelle Tito por Chico Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

<sup>106</sup> Uma das iniciativas de intervenção social foi a Universidade Popular Presidente Roosevelt, criada em 1946 e ligada ao CCS. Tinha como finalidade promover a continuidade dos estudos para os meios populares. Assim, o único requisito para participar era o candidato ser alfabetizado. Os cursos aconteceram em vários locais da cidade de São Paulo. Cf. BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista (1945-1954)*. 1996. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

<sup>107</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a José Maria de Carvalho. *Revista Utopia*, n. 8, 1997.

<sup>108</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

a interação com um público vindo de outros espaços, além do meio acadêmico. Ao pensar sobre o anarquismo, constata a mudança de perspectiva dizendo que hoje não existem propostas, respostas e fórmulas prontas; no seu lugar há resistência, crítica e sociabilidade, “nada da Grande Revolução das Massas”.

Como comentei anteriormente, essa mudança de perspectiva emergiu com o deslocamento de questões políticas para questões culturais que passaram a se ocupar de temas como a sexualidade e etnicidade após o surgimento do pós-modernismo. Na análise de Terry Eagleton:

a emancipação que não havia sido conquistada nas ruas e nas fábricas, podia ser alcançada, em vez disso, em intensidades eróticas ou no significativo flutuante. Discurso e desejo vieram ocupar os lugares do Godard e do Guevara que haviam falhado. Ao mesmo tempo, algumas das novas ideias eram os primeiros sinais do vento do pessimismo pós-político que estava prestes a soprar por todo o ocidente.<sup>109</sup>

O alargamento das práticas anarquistas e/ou libertárias e o surgimento de uma infinidade de “anarquismos” contrastaram com as perspectivas de alguns militantes que tiveram um contato intenso com os remanescentes da *segunda fase* e buscavam preservar uma “tradição anarquista”. Colocava-se a necessidade de não se descartar totalmente as práticas apreendidas no passado para pensar e atuar na sociedade contemporânea. Acredito que se recorria à memória do Movimento Anarquista para legitimar ou deslegitimar outras formas de atuação; frequentemente, intelectuais eram vistos como donos de um saber sem práticas e os jovens punks e dos grupos do movimento antiglobalização eram percebidos como espontaneístas desprovidos do saber, sem o conhecimento do “programa anarquista” que envolve crítica social e organização da militância, fundamental para se alcançar uma transformação social a longo prazo. O ex-militante do CCS, José Carlos Orsi Morel, comenta:

O importante é saber aliar a tradição anarquista com os desafios políticos do momento. Se você for acompanhar a movimentação do Centro de Cultura isso é claro, acho que desde o começo isso é uma tradição, é uma contribuição que a gente gostaria de passar as novas gerações.<sup>110</sup>

Forma-se um campo de tensões no CCS entre um grupo que desejava uma abertura maior para outros “anarquismos” – conectados às discussões e às novas formas de pensar a

<sup>109</sup> EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 51.

<sup>110</sup> MOREL, José Carlos Orsi. Centro de cultura social, uma prática anarquista (entrevista). *Revista Verve*, São Paulo, n. 7, 2005. p. 223.

militância, incorporando a reflexão de autores contemporâneos como Foucault e Deleuze –, e entre aqueles que buscavam manter as práticas e o posicionamento teórico “herdado” das gerações anteriores, tensões estas que culminaram em rupturas e afastamentos. Daí novos significados foram atribuídos ao Centro de Cultura Social no início do século XXI.

As práticas libertárias e a reflexão sobre o anarquismo não aconteceram somente no Centro de Cultura Social; essas experiências estão fluídas em diversos espaços. Atualmente, o militante ou frequentador do Centro de Cultura pode ser uma pessoa que transita por outros grupos anarquistas, atua como profissional em escolas de ensino fundamental e médio, em universidades, empresas, ONGs e traz suas experiências para a associação.

Em fases anteriores, o campo de atuação girava em torno do mundo do trabalho e do Centro de Cultura Social. Não havia tantos lugares para falar e pensar sobre as práticas libertárias, ainda mais em um período atravessado por regimes ditatoriais. Hoje, a reflexão e o debate podem acontecer em qualquer lugar. Há uma grande oferta editorial de textos sobre anarquismo e pensamento libertário; a internet possui uma infinidade de informações e pode aproximar grupos que estão distantes. O acesso ao conhecimento por meio de leituras e discussões e a formação de militantes eram objetivos do CCS; hoje, a formação e o acesso à informação podem acontecer em outros espaços. Então, quais são as perspectivas de luta presentes no CCS e como elas se transformam? Por que os militantes atuais dão continuidade a essa prática que começou em 1933? Em que pontos eles se encontram ou se afastam dos militantes das fases anteriores?

Para algumas pessoas que estão na gestão, o Centro é um espaço de sociabilidade, de existência coletiva, características que foram apagadas durante muito tempo por um projeto de transformação social; a perspectiva se deslocou de uma militância rígida e da percepção do anarquismo como cura para as mazelas universais para uma militância prazerosa, voltada à sociabilidade, à amizade. Ao comentar uma palestra que iria acontecer no CCS com o autor João Silvério Trevisan, em 2009, Nildo Avelino nos dá indícios desta perspectiva:

A gente vai fazer uma atividade com alguém que a gente gosta de fazer, né? A gente vai beber depois, ele vai falar coisas bacanas certamente, porque ele é uma pessoa super competente, um grande escritor, tal. É gostoso isto, sabe? Chamar isto de militância, eu acho que esta é a militância, esta militância que faz sentido, sabe? Que interessa. Não é aquela coisa triste, sabe? De querer participar, né? Fazer campanha popular sabe? Triste demais, lidar com miséria, eu acho que este aspecto da militância do Centro de Cultura é aquilo que interessa, nos interessa no sentido de [...] dar prazer, de

ser uma militância alegre, né? De poder existir através dela, sem utopia de redenção, não tem sentido isto.<sup>111</sup>

Alguns militantes esperam que o CCS se consolide como um local de irradiação de ideias, onde circulem pessoas de diferentes grupos e correntes de pensamento. Entretanto, ele continua enfrentando revezes financeiros e sofrendo cisões internas e rupturas. Embora tenha sido colocada a disponibilidade em dialogar com os muitos “anarquismos”, talvez haja uma dificuldade prática em articular diferentes tendências e posicionamentos na gestão da associação.

É possível constatar que nos últimos anos houve um desprendimento daquele compromisso de pensar a construção de uma “nova” sociedade. Em 2006, em meio ao entusiasmo vindo com a aquisição da sede própria, a vontade de situar o anarquismo no tempo presente é evidenciada, o CCS é colocado como um espaço libertário onde se pode vivenciar e praticar os “anarquismos”<sup>112</sup>. Já não se almeja destruir o Estado para implantar uma “sociedade anárquica”, mas coloca-se a possibilidade de fazer do Centro um lugar para se viver “anarquias”: “A anarquia não espera pelo futuro, acontece agora!”<sup>113</sup>. Novos grupos ganharam destaque no CCS nos últimos anos, e os militantes são desobrigados a assumir um compromisso com projetos futuros. Mas o passado continua lá, à espreita, aparecendo nos textos dos boletins, em temas de palestras, lançamento de livros e conversas. Esse é o tema que explorarei no próximo capítulo.

---

<sup>111</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

<sup>112</sup> MARTINEZ, Fabrício. Breve relato cronológico da terceira fase do CCS. *Boletim informativo do Centro de Cultura Social*, São Paulo, n. 22, 2006.

<sup>113</sup> PASSETTI, Edson. A anarquia no Centro de Cultura Social. *Boletim informativo do Centro de Cultura Social*, São Paulo, n. 22, 2006.

## CAPÍTULO 2

### **As muitas tramas das memórias**

Neste capítulo, pretendo discutir a importância das memórias e os significados atribuídos ao passado em diferentes momentos da trajetória do Centro de Cultura Social. Procuo lidar com as memórias que permeiam o CCS como algo vinculado ao presente, já que pude perceber que o Centro está atravessado por memórias que permanecem em constante movimento e que se fazem no transcorrer da vida cotidiana. Procuo, ainda, problematizar o processo de construções de memórias deste Centro para compreender como dimensões do passado da militância anarquista são (re)significados pelos diferentes grupos que lá atuaram, e como cada um lida e investe nas memórias da associação. Investigo as iniciativas empreendidas nos últimos anos em torno da preservação das memórias do Centro e de seus militantes, como as rememorações de datas expressivas para os militantes anarquistas, a constituição de bibliotecas e acervos documentais e as disputas em torno de conjuntos documentais do Movimento Anarquista.

Lidar com a questão da preservação de memórias é algo delicado. Pude perceber, em minha experiência de vida e de trabalho como historiadora e arquivista, que essa é uma questão permeada de tensões e dissensos, e que, por mais que falemos acerca da preservação de memórias, é difícil e complexo compreender seus significados para as pessoas que compõem grupos e instituições.

Ao travar contato com a experiência vivida pelos militantes do Centro de Cultura Social e por meio da leitura de autores que nortearam este trabalho, como Yara Khoury, Déa Ribeiro Fenelon, Beatriz Sarlo e Grupo Memória Popular, concluí que não é possível lidar com história e memórias como algo apartado e distante, pois ambas são intrínsecas e interligadas.

Para o Grupo Memória Popular, no ensaio “Memória Popular: política, teoria e método”, memória social é um estudo relacional que deve incluir tanto a representação histórica dominante no âmbito público quanto procurar ampliar ou generalizar experiências subordinadas ou privadas. Nessa abordagem, memória não é exterior a história, mas sim matéria-prima para produzir o saber histórico sob as perspectivas do presente. É interessante perceber como as memórias populares são construídas e reconstruídas como aparato de uma

consciência contemporânea, dialogando constantemente com a memória dominante, seja incorporando, reformulando ou negando suas representações do passado.

Por meio da leitura dos textos de Yara Khoury e de conversas durante a orientação de pesquisa, passei a apreender as relações entre história e memória como um campo atravessado por lutas sociais e a atentar-me para como os processos sociais criam significações que se instituem em memórias. Desta maneira, é preciso explorar com profundidade os múltiplos sentidos e significados nas relações sociais vividas. Concordo com Yara Khoury que:

Nesse sentido, estamos dizendo que processos sociais criam significações e que essas se instituem em memórias; por isso procuramos explorar os processos sociais de constituição da história e da memória em suas mútuas relações e como essas alimentam e realimentam poderes, dominações, sujeições e resistências.<sup>114</sup>

Ao lidar com as fontes de pesquisa, constatei que no CCS as dimensões do passado são utilizadas como projetos que evidenciam um modelo de militância a ser seguido e retomado ou como algo que pode consolidar identidades. Entretanto, também existe uma desvalorização desse passado para fortalecer outras formas de militância, em outras dimensões e direções que repercutem na atuação do Centro de Cultura Social.

Como comentei no capítulo anterior, após a reabertura do Centro de Cultura Social em 1985, houve uma forte influência do anarco-sindicalismo, que inspirou e direcionou fazeres e práticas no CCS, com foco na “questão social”, cujos objetivos eram o fim da opressão dos trabalhadores e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os estatutos do CCS apontam que algumas de suas finalidades eram o desenvolvimento da solidariedade e a criação de elementos favoráveis à elevação da pessoa, cultural e profissionalmente, nos meios populares, objetivos estes que foram tomados de períodos anteriores. Outra finalidade do Centro era formar militantes e servir como um instrumento para difusão de conhecimento, para, assim, livrar as classes trabalhadoras da opressão. Os jornais libertários da década de 1940 e 1950 já evidenciavam essa preocupação. Em 1949, o jornal *A Plebe* trouxe a seguinte passagem:

É preciso desenvolver entre os trabalhadores o sentimento reivindicador, despertando o seu desejo de melhorar, por seu próprio esforço as suas condições sociais. É preciso que todos juntos, unidos e solidários entre si,

---

<sup>114</sup> KHOURY, Yara Aun. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. M. et all. *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006. p. 24.

sustentem uma luta sem tréguas para a obtenção de seu bem estar e de sua liberdade.<sup>115</sup>

Para os militantes remanescentes da *segunda fase* do CCS (1945-1969), como Chico Cuberos, Jaime Cubero, Antônio Martinez, Lourdes Gabriel e Maruja Cuberos (Maria Martinez), que participaram da rearticulação do Centro em 1985, continuava sendo um objetivo e uma perspectiva de militância que ele continuasse voltando sua atuação para os trabalhadores. Ao comentar sobre a retomada do Centro naquele ano, Jaime Cubero afirma:

Então ele reabriu já com uma retomada das atividades culturais e educativas, que a preocupação grande do Centro de Cultura foi sempre essa, de procurar desenvolver, no meio dos trabalhadores, uma educação e uma cultura não institucionalizada. Para que no sentido de formar uma consciência crítica nas pessoas, as pessoas aprenderem a analisar por si mesmas a realidade em que elas estão inseridas.<sup>116</sup>

De acordo com esses objetivos, foram forjadas as práticas do Centro de Cultura Social entre as décadas de 1980 e 1990, inspiradas pelo anarco-sindicalismo, como palestras, cursos, apoio a grupos – como o Núcleo de Apoio à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e à Confederação Operária Brasileira (COB), fundada em 1906 e rearticulada em 1986 –, criação de grupos – como a Liga dos Trabalhadores de Ofícios Vários (LTOV) em 1989, que tinha como finalidade articular trabalhadores de várias profissões –, e também artigos e programação cultural publicados nos boletins informativos do Centro, que traziam temas como o Primeiro de Maio, a Greve de 1917, releituras sobre as grandes revoluções, como a Revolução Russa (1917), a Revolução Francesa (1789) e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Duas datas eram lembradas constantemente no CCS de 1985 até 1997: o Primeiro de Maio e a Greve Geral de 1917. O Primeiro de Maio é colocado como uma data especial e que teve a sua história deturpada pela imprensa e por políticos. Nos textos dos boletins, durante anos consecutivos, houve artigos sobre a história dos “Mártires de Chicago”, proletários anarquistas que lutaram pela redução da jornada de trabalho e acabaram assassinados pelo governo americano no final do século XIX. Para os militantes do Centro, o Primeiro de Maio não deveria ser visto como um dia de festa, mas como um dia de luta e de conscientização. Para isso, organizavam ciclos de palestras, publicavam artigos nos boletins

<sup>115</sup> A PLEBE, São Paulo, ano 33, n. 24, 6 ago. 1949.

<sup>116</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a Endrica Geraldo, em 1994, para o projeto “Memórias Anarquistas – Um estudo histórico do Centro de Cultura Social (PIC-CNPq)”, desenvolvido de agosto de 1994 a julho de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar De Decca – UNICAMP.

informativos e participavam de manifestações junto a outros grupos na cidade de São Paulo. Um grupo atuante nas manifestações do Primeiro de Maio na década de 1990 eram os punks e os anarco-punks. O compromisso de lembrar “o verdadeiro sentido” do Dia do Trabalho, de contar a “história verdadeira”, era percebido como um aspecto da militância. Em 1988, lia-se no Boletim Informativo: “Para os libertários do mundo todo, resgatar o sentido revolucionário desta data, denunciando o seu desvirtuamento faz parte de suas lutas”. Percebe-se que as atividades realizadas durante essa data buscavam evidenciar que ela pertencia ao Movimento Anarquista, que fazia parte do seu histórico de lutas e que era um “dever” não deixar que fosse apropriada por outros segmentos políticos.

A Greve Geral de 1917<sup>117</sup> também foi um tema recorrente nos meses de junho e julho no calendário do CCS. A Greve é vista até hoje como uma experiência de luta bem sucedida, empreendida pelos anarco-sindicalistas. O Centro de Cultura afirma ter a tradição de rememorar os “grandes eventos” das lutas sociais e libertárias do povo. Quanto a Greve de 1917, sua importância está nas questões políticas e sociais que servem para a reflexão sobre a atualidade e para a elaboração de estratégias de lutas pelas camadas oprimidas: “Sim porque a questão central de 1917 é de como lutar”, conforme mencionado no Boletim Informativo de 1987<sup>118</sup>.

As lutas empreendidas no passado são vistas, agora, por um viés pedagógico, e são lembradas por abarcarem questões que podem servir como reflexão sobre a atualidade. Os acontecimentos da Greve de 1917 fornecem subsídios para uma crítica ao movimento sindical de 1987, representado por dirigentes sindicais atrelados ao Estado e a Centrais Sindicais reformistas. Essas experiências são valorizadas por acreditar-se que podem colaborar para a elaboração de projetos futuros. Sobre a importância em lembrar a Greve de 1917, o Boletim Informativo do CCS, diz:

O Centro de Cultura, rememora os 70 anos da Greve de 17, abordando três pontos básicos, ou seja: a história e o cotidiano da luta (dia 11), a autogestão das lutas sociais (dia 18) e as estratégias de luta sindical, para qual convidou CUT, CGT e COB (dia 25), veja o programa e participe, porque a história do futuro se constrói hoje, sem esquecermos as experiências educativas do passado.<sup>119</sup>

<sup>117</sup> Em julho de 1917, a greve paralisou por três dias as atividades industriais, comerciais e o setor de serviços e transportes da cidade de São Paulo. Foi articulada por militantes anarquistas e socialistas. O auge das manifestações foi o cortejo fúnebre do sapateiro espanhol José Iniguez Martinez, atingido por uma bala disparada no confronto entre policiais e trabalhadores em greve. Cf.: LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Anna Blume, 2000.

<sup>118</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 10, jul./ago. 1987.

<sup>119</sup> Ibidem.

A Greve de 1917 e a Guerra Civil Espanhola<sup>120</sup> são acontecimentos que trazem em seu bojo estratégias de luta que podem ser apreendidas para uma reflexão da atuação dos militantes anarquistas no presente, assim como também são uma oportunidade de travarem contato com conceitos caros aos anarquistas de uma forma prática como ação direta e autogestão.

As lembranças de eventos significativos para os anarco-sindicalistas foram uma prática frequente do CCS, pelo menos até a primeira década após sua reabertura. As lutas empreendidas pelos militantes no passado constituem a “tradição anarquista” que alguns militantes defendiam arduamente. É importante observar nessas práticas que a constituição dessa tradição não é algo estático, mas em constante movimento; não há apenas uma finalidade em preservar ou evocar as tradições anarquistas, mas múltiplas. Como informa Stuart Hall<sup>121</sup>, os elementos da tradição podem ser reorganizados para articular diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado ou relevância.

Recentemente, tem sido dedicado algum espaço na programação de palestras ou editoriais dos boletins informativos para lembrar as datas significativas para o Movimento Anarquista, mas as experiências não são concebidas como um fio condutor para se alcançar uma “transformação social”. Elas são percebidas como uma forma de interpelar o presente, tanto que no Boletim do ano de 2007 há uma citação sobre os 90 anos da Greve Geral de 1917, na qual ela é vista como um importante acontecimento na história do anarquismo e do movimento operário. Esse texto também destaca que os anarquistas são contra comemorações; para eles, o que interessa ao repensar fatos é a preocupação com o presente. No Boletim, colocam-se as seguintes questões:

O que nos interessa ao repensar tais fatos é uma preocupação com o presente: de que maneira esses acontecimentos da história do anarquismo repercutem em nossas práticas anárquicas na atualidade? De que modo eles podem provocar uma problematização de nós mesmos, do nosso presente, de nossa conduta e práticas libertárias?<sup>122</sup>

Vimos que há no Centro de Cultura Social uma diversidade de grupos com perspectivas e atuações diferentes. Cada um desses grupos e indivíduos que o compõem tem uma abordagem e percepções diferenciadas acerca das lembranças e memórias que

<sup>120</sup> A Guerra Civil Espanhola, que aconteceu de 1936 a 1939, é vista como um exemplo de experiência e organização autogestionária pelos anarquistas.

<sup>121</sup> HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Unesco, 2003. p. 260.

<sup>122</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 23, 2007.

permeiam a trajetória do CCS, que ora são valorizadas e em outros momentos marginalizadas. Em entrevista, Nilton Melo nos mostra essa perspectiva ao dizer que:

Uma coisa é você cortar o cordão umbilical e preservar essas experiências como experiências anarquistas muito importantes, e outra coisa é você demonizá-las, né? Porque às vezes encontra um pouco disso aí, no caso, em alguns discursos. E então, por exemplo, há divergência nesse ponto, o que existe realmente convergência é que nenhuma das experiências que nós concordamos foram válidas, e foram interessantes preservar a memória. Nós consideramos como repetíveis, mas não se repete nada daquilo que consideramos muito legal e temos até carinho, né? Mas também não abjuramos a História, algumas pessoas, as pessoas... eu, o Fabrício. Mas o anarquismo como eu falei, antigamente ele era um pouco mais unânime, hoje é mais é mais diversificado, e talvez seja bom, talvez seja bom; mas mesmo assim vamos manter as críticas nos seus próprios locais. Eu ainda coloco como válidas e não como execráveis essas experiências, né? Mas ao contrário porque alguns colocam, embora não dá para levar a sério algumas pessoas, por exemplo, o Renato, que teve a ideia de fundar a COB, não sei com que trabalhador, mas na verdade ele copia de cabo a rabo o discurso anarco-sindicalista do início do século, né? Assim não dá, não dá, por exemplo, também para apoiar o sub-comandante Marcos lá em Chiapas, como houve alguns anos atrás, como se aquilo fosse válido para repetir a Guerra Civil Espanhola, alguns anarquistas embarcam nessa, então é colocar as coisas nos seus devidos lugares, no caso, né? A experiência histórica e o que significou é válido para a gente realmente preservar, faz parte da história do anarquismo, mas não colocar isso como algo ainda pra ser repetido, algumas pessoas acham que podem, é mais ou menos isso.<sup>123</sup>

O Centro de Cultura Social contou com a presença de militantes que tiveram participação em diversas lutas empreendidas pelos libertários na primeira metade do século XX. Edgard Leuenroth, um dos fundadores, esteve envolvido na Greve de 1917; Antônio Martinez participou do embate entre anarquistas e integralistas na Praça da Sé em 1934; Diego Gimenez lutou na Guerra Civil Espanhola; os irmãos Jaime Cubero e Chico Cuberos militaram e resistiram durante a Ditadura Militar de 1964. Isso faz do Centro um lugar ímpar na cidade de São Paulo, no qual militantes compartilham suas experiências vividas, desfazendo possíveis fronteiras entre história e memória. Essas experiências são ponto de partida para a articulação de práticas e debates na associação.

Na medida em que os militantes remanescentes foram morrendo ou se afastando do Centro, o modelo de militância inspirado pelo anarco-sindicalismo foi perdendo força. A partir do ano de 1999, as lembranças sobre os eventos “grandiosos” para o Movimento Anarquista e para o CCS se tornaram menos constantes, abrindo espaço para novas

<sup>123</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

preocupações, como o movimento antiglobalização, a articulação com grupos libertários de São Paulo e a preservação das memórias do CCS e de seus militantes.

Alguns autores anarquistas tiveram uma presença constante no CCS. Ao observar a divulgação dos títulos disponíveis no Serviço de Livraria do Centro por meio dos boletins, percebi que há autores que são bastante recorrentes, como Bakunin, Kropotkin, Proudhon e Malatesta<sup>124</sup>. Entre os brasileiros estão Edgard Leuenroth e Edgar Rodrigues. Embora novos autores sejam incorporados à lista, os autores mencionados permanecem ainda hoje disponíveis na livraria do Centro. Livros de Errico Malatesta estão entre os títulos da livraria, assim como há, frequentemente, biografias e textos seus publicados nos boletins. Nildo Avelino lembra que na primeira vez em que esteve no CCS foi presenteado por uma brochura de Malatesta intitulada *A questão agrícola e a questão social*. Lembra ainda que a leitura dos clássicos começou dentro do Movimento Punk, mas foi no Centro de Cultura onde apurou o entendimento sobre eles. Entretanto, ao entrar em contato com as obras de Foucault e Deleuze, passou a fazer outra crítica desses textos.

Essas leituras eram indispensáveis nas discussões e estudos no CCS na década de 1980 e 1990. São consideradas como “clássicos” pelos militantes que foram entrevistados e tiveram contato com esses autores logo que começaram a conhecer o anarquismo. Com relação a isso, Nilton Melo comentou: “quanto à questão dos autores, tem que seguir, qual era a linha ideológica, clássicos. Mais (sic) os clássicos [como] Kropotkin, Proudhon, Bakunin é o que nós tínhamos acesso. Tinha um pessoal chegando também com essas coisas novas [...]”<sup>125</sup>.

Os textos considerados “clássicos”, escritos principalmente a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, apresentam um programa bem definido sobre uma transformação social por meio de uma revolução, e isso alimentou a perspectiva de militância anarquista para um grupo que atuava no CCS. O alcance de uma nova civilização mais justa e igualitária encontrava eco nesses autores. No dizer de Proudhon:

A velha civilização está terminada; um novo sol nasce e logo renovará a face da Terra. Deixemos a velha geração perecer, deixemos os velhos evasivos morrerem no deserto! A terra santa não encobrirá seus ossos. Jovem – exasperado pela corrupção e absorvido em seu zelo pela justiça – se você ama seu país, e se tem na realidade interesses pela humanidade, tenha a coragem de juntar-se à causa da liberdade! Abandone seu velho egoísmo e mergulhe na crescente onda de igualdade popular. Sua alma regenerada

<sup>124</sup> Errico Malatesta (1853-1932), pensador e militante anarquista italiano.

<sup>125</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

ganhará novo dia e vigor; seu espírito receberá uma energia invencível, e seu coração, talvez já fraco, será rejuvenescido.<sup>126</sup>

O conteúdo transmitido por esses textos era trabalhado de maneira que viesse contribuir para a compreensão da atualidade e também trazia elementos para refletir sobre os caminhos para uma revolução, além de provocar o pensamento acerca da construção de uma outra sociedade. Em entrevista, ao ser perguntado se ainda acreditava em uma revolução libertária, Diego Moreno Gimenez<sup>127</sup> diz:

Sim. Todos que estamos envolvidos nessa perspectiva de um mundo melhor temos que trabalhar individualmente e coletivamente. Coletivamente desenvolver um trabalho de propaganda escrita e de boca a boca. Eu acho que a tarefa não é pouca. Sempre houve muitas dificuldades. Mas sempre procuramos vencer essas dificuldades.<sup>128</sup>

Se a retomada do passado do Movimento Anarquista, indicada nas leituras dos “clássicos” ou nas lembranças dos “grandes eventos”, tinha o sentido de orientação para algumas práticas da militância anarquista no Centro, outros significados foram atribuídos a este passado pelos novos grupos que passaram a integrar o Centro de Cultura. Há uma preocupação em refletir sobre a atualidade e trazer concepções de anarquismo contemporâneas. Ao comparar as perspectivas atuais do CCS com as que prevaleciam na década de 1990, Alberto Centurião fez a seguinte avaliação:

É, acho que a gente hoje tá muito mais pra anarquismos do que para anarquismo, a gente não tem mais aquela atitude do anarquismo, é assim, o anarquismo deve ser assim, é... a gente estuda as referências históricas, né? Os Proudhon e Bakunin da vida e Malatesta, mas a gente tá muito interessado em refletir sobre atualidade, principalmente, é um consenso hoje dentro do Centro de Cultura, que o anarquismo deve ser múltiplo, deve ser plural, o que é fundamental é o viver anarquista, que é independente de organizar as classes sociais para a revolução, é preciso buscar maneiras de ser livre dentro dessa sociedade tão estruturada e tão controlada, né?<sup>129</sup>

<sup>126</sup> PROUDHON, Pierre-Joseph. O Nascimento da anarquia: A Morte da Propriedade. In: WOODCOCK, George. *Os grandes Escritos Anarquistas*. Rio Grande do Sul: L & PM, 1981. p. 1985.

<sup>127</sup> Diego Gimenez Moreno lutou na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), veio para o Brasil em 1952 e passou a frequentar o Centro de Cultura Social. Concedeu entrevista publicada no livro *Três Depoimentos Libertários* em 1999.

<sup>128</sup> JEREMIAS, Marcolino (Coord.). *Três Depoimentos Libertários*: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Giménez Moreno. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002. p. 228.

<sup>129</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Alberto Centurião. São Paulo, 1º maio 2009.

Isso não quer dizer que as experiências do passado foram descartadas. É possível perceber um deslocamento do investimento em lembranças de eventos grandiosos e leituras e debates dos “autores clássicos” para uma valorização das experiências dos militantes que constituíram o Centro de Cultura Social, principalmente após 1998, quando morrem Antônio Martinez e Jaime Cubero, dois militantes expressivos da associação. O ano de 1999 começa com as sessões solenes “Uma formosa Liberdade: pensamento e prática de Maurício Tragtenberg”, por Doris Acyolli e Silva, e “Flechas lançadas ao futuro: adeus companheiro Antônio Martinez”, por José Carlos Orsi Morel. Palestras sobre Jaime Cubero, Maurício Tragtenberg e Antônio Martinez aconteceram novamente em outros momentos, além da publicação de textos de Jaime Cubero em boletins do Centro e periódicos anarquistas como a *Revista Verve*, publicada pelo Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP (NU-SOL).

A questão de preservação das memórias do Centro de Cultura não é um ponto de convergência entre os seus militantes. Alguns acham que essas experiências são válidas e devem ser trazidas não como um modelo de militância a ser seguido, mas como algo que faça refletir sobre o papel social do CCS e sobre o presente. Há um investimento na preservação de suas memórias por meio de artigos no Boletim Informativo que abordam a trajetória do Centro e de seus militantes, na tentativa de organização da biblioteca, no projeto de edição de um livro com escritos de Jaime Cubero e reedição do livro *Roteiro para Libertação Social*, de Edgard Leuenroth.

Para outro grupo, havia uma tendência “passadista”, “museológica”, voltada para a continuidade de práticas empreendidas nas fases anteriores do Centro, inspiradas pelo anarcosindicalismo, como a abordagem de temáticas como greves e revoluções e atividades direcionadas exclusivamente para os “trabalhadores”. Essa tendência precisava ser superada para que o Centro pudesse encontrar perspectivas de militância mais voltadas para a atualidade. A associação passou por momentos de crise financeira e baixa em seu quadro de sócios, e a questão de ter suas atividades focadas em eventos do passado foi colocada em discussão. Em entrevista, Alberto Centurião comentou que por volta de 2003, em um momento de crise, propôs uma reflexão com os sócios para discutir a atuação do CCS:

Assim não dá gente, nós temos que discutir a relação, temos que conversar, precisamos parar pra conversar, porque senão... vai acabar, ou senão eu não brinco mais também. Vamos conversar. Então resolvemos marcar algumas reuniões só pra gente conversar abertamente sobre tudo, sobre todas as questões, sobre todos os problemas. Eu me incomodava muito também com uma tendência muito museológica do Centro de Cultura, uma coisa de ficar...

eu dizia: “eu não aguento mais ficar falando sobre a Revolução Espanhola, não aguento mais essa coisa de ficar cultuando o passado, de ficar falando do heroísmo dos velinhos, eu quero saber anarquismo hoje, como é que é.” [...] Há quantas coisas sobre a Greve de 07, a Greve de 17, se falava muito do anarco-sindicalismo, quando eu, não sou, eu larguei do sindicato dos artistas porque não acredito em sindicato, né? Não acredito em sindicalismo, acho que o momento é outro, então muitas soluções que foram válidas em outras épocas, né? E continuavam lá, então havia uma coisa ainda muito tradicionalista, passadista mesmo, isso foi colocado pra discussão.<sup>130</sup>

Desta maneira, é notável que a preservação das memórias não seja uma discussão harmoniosa e homogênea no CCS. Um documento de 1985<sup>131</sup>, sobre sua inauguração, traz a seguinte passagem: “Falar sobre a história do Centro de Cultura Social é desnecessário. Hoje ela está exposta nas nossas paredes de 1933 a 1968”. Isso porque a reinauguração aconteceu no mesmo local em que funcionou no período anterior, na Rua Rubino de Oliveira, no bairro do Brás, e boa parte dos militantes da *segunda fase* estavam presentes.

A partir de 1998, com o afastamento e morte dos militantes mais velhos, como Antônio Martinez e Jaime Cubero, começou a despontar uma certa preocupação com a história do CCS. Os militantes remanescentes da *segunda fase* estavam morrendo e com eles as memórias referentes à trajetória do Centro, marcada por lutas e resistências durante períodos repressivos. Um exemplo dessa resistência no decorrer de regimes ditatoriais foi a atuação de militantes como Chico Cuberos, Jaime Cubero, Maurício Tragtenberg e Antônio Martinez na década de 1960 até a reabertura do CCS, em 1985. Em 1966, publicaram o jornal libertário *O Dealbar* e inauguraram o Laboratório de Ensaios, além de se encontrarem frequentemente com outros companheiros na Nossa Chácara, em Moji das Cruzes.

Os militantes do CCS sempre apresentaram o desejo de formar um arquivo que expressasse a trajetória do Centro e do Movimento Anarquista, mas isso não foi consolidado (aprofundarei essa questão mais adiante). Na falta dos militantes, apelou-se para suas memórias. Com a ausência dos militantes mais antigos, colocou-se a necessidade de investir na criação de espaços para que as experiências vivenciadas por eles não desaparecessem. Assim, é possível notar algumas iniciativas dos militantes mais jovens, preocupados com a preservação das memórias do Centro.

Essas iniciativas são expressas de várias formas, como por meio da publicação de textos nos boletins informativos, de palestras sobre militantes do CCS e “autores anarquistas

---

<sup>130</sup> Ibidem.

<sup>131</sup> Documento datilografado com o título *Centro de Cultura Social – Inauguração*, 14/04/1985. Acervo do Centro de Cultura Social.

clássicos”, de homenagens a antigos militantes com a criação da Biblioteca Social Antônio Martinez e da Livraria Tragtenberg<sup>132</sup>, da realização de publicações como o *Roteiro da Libertação Social*, de Edgard Leuenroth; também houve um projeto para a publicação de um livro com escritos de Jaime Cubero, mas sua realização não foi concretizada. As narrativas dos militantes e ex-militantes do Centro estão repletas de referências a Jaime Cubero e Antônio Martinez. Em um boletim de 2004, a preocupação e a vontade de preservar suas memórias são evidenciadas, e a associação é percebida por seus militantes como um “lugar de memórias”: “Como todo lugar de memória, o Centro de Cultura possui também os seus ‘homens e mulheres memória’”<sup>133</sup>.

Desde 1993 são divulgadas chamadas para mutirões a fim de auxiliar na organização da Biblioteca Social Antônio Martinez, que além de livros abriga documentos textuais, audiovisuais e periódicos referentes ao CCS e a ao Movimento Anarquista. Um dos responsáveis pela Comissão de Biblioteca e Arquivo afirmou que o que há hoje no CCS é uma pequena parcela do que foi produzido durante a sua trajetória, pois boa parte da documentação se perdeu ou está dispersa em outros arquivos.

A decisão em homenagear Antônio Martinez deu-se em assembleia realizada no ano 2000, pois esse militante colaborou para a preservação dos acervos documentais do Movimento Anarquista e do Centro de Cultura Social. Segundo José Carlos Orsi Morel<sup>134</sup>, no artigo “Antônio Martinez, um anarquista” (2002), o militante se dedicou à organização e preservação do arquivo acumulado por Edgard Leuenroth em meados dos anos 1960. Ao lembrar a atuação de Martinez para a organização do arquivo que foi posteriormente vendido para a Unicamp, Morel comenta:

Muito sistemático, tinha aprendido muito sobre almoxarifado na IBRAPE, fez um curso de encadernação e começou então uma tarefa hercúlea que iria tomar os próximos 8 anos: reorganizou, com o auxílio de Jaime Cubero e de outros companheiros, praticamente todo o arquivo, restaurou coleções de documentos, completou e encadernou coleções de jornais e periódicos.<sup>135</sup>

Martinez também atuou na preservação do material acumulado pelo Grupo Projeção, restaurou livros e documentos e procurou incorporar ao acervo bibliotecas e documentos pessoais de companheiros que faleceram ou se afastaram do Movimento Anarquista e do

<sup>132</sup> Homenagem ao professor Maurício Tragtenberg, falecido em 1998.

<sup>133</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, ano LXXI, n. 19, 1º sem. 2004.

<sup>134</sup> MOREL, José Carlos Orsi. Antônio Martinez, um anarquista. *Revista Verve*, São Paulo, n. 2, 2002. p. 34.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 35.

Centro de Cultura. Também era ele quem cuidava de uma banca de livros mantida pelo CCS, que ainda, segundo Morel<sup>136</sup>, auxiliou a divulgação do anarquismo no Brasil.

A prática de manter bibliotecas e arquivos sempre foi valorizada por militantes do Movimento Anarquista, como a formação de um acervo sobre o movimento por Edgard Leuenroth. Em 1967, o militante anarquista Pietro Ferrua, exilado da Suíça, articulou-se no Rio de Janeiro com outros companheiros para formar uma seção brasileira do C.I.R.A.<sup>137</sup>, na tentativa de formar um centro de pesquisas e organizar um acervo sobre o anarquismo no Brasil. Porém, esse arquivo não chegou a acumular um grande volume de documentos e, com a censura empreendida pela Ditadura Militar, parte do material organizado pelo grupo foi interceptado pela polícia. O C.I.R.A. Brasil encerrou suas atividades em 1969<sup>138</sup>.

Durante as primeiras décadas do século XX, era comum militantes anarquistas formarem sua própria biblioteca e colecionarem documentos sobre o anarquismo. Chico Cuberos, em entrevista, comentou: “Você abria a casa de um anarquista na época, operário, ele tinha uma biblioteca, ele lia, ele se informava, entende?”<sup>139</sup>. Assim, os estatutos do CCS apontavam para a finalidade de desenvolver nos meios populares o espírito de solidariedade para a formação de um ambiente social que proporcionasse “elementos favoráveis à elevação da pessoa, cultural e profissionalmente”. Para isso, era indicada a disponibilização de uma biblioteca constituída por obras e publicações periódicas, referentes à questão social, não somente para associados, mas para trabalhadores em geral. Este é considerado um dos meios para o Centro “desenvolver sua obra”<sup>140</sup>.

Atualmente, a biblioteca conta com obras da área de humanidades, especialmente sobre anarquismo, periódicos e um pequeno acervo documental com folhetos, convites, cartas, boletins informativos, cartazes, uma pequena videoteca, entre outros. A necessidade de investimento no trabalho de organização e preservação também respondeu a uma preocupação com a juventude que se aproximou do Movimento, ávida por informações e leituras. No planejamento das atividades do Centro para o ano de 2001, a Comissão de Gestão, da qual faziam parte José Carlos Morel, Parmênides Cuberos, Nildo Avelino e Nilton Melo, aponta

---

<sup>136</sup> Ibidem, p. 37.

<sup>137</sup> O C.I.R.A. (Centre International de Recherches sur l'Anarchisme) foi fundado em Genebra em 1957 com a finalidade de organizar, classificar e conservar em arquivo documentos que reflitam a história das ideias, dos acontecimentos, dos agrupamentos, dos movimentos e dos indivíduos anarquistas de todos os países. Tem, também, por objetivo suscitar e fomentar pesquisas históricas, sociológicas, literárias e bibliográficas sobre o anarquismo. Cf.: ESTATUTOS do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo. *Revista Verve*, São Paulo, n. 15, 2009. p. 161.

<sup>138</sup> FERRUA, Pietro. A breve existência da seção brasileira do centro internacional de pesquisas sobre o anarquismo. [1a parte]. *Revista Verve*, São Paulo, n. 15, 2009. p. 130-148.

<sup>139</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Chico Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

<sup>140</sup> Estatutos do Centro de Cultura Social. Disponível em: <<http://www.ccssp.org/>>. Acesso em: 10 out. 2008.

que “o funcionamento da Biblioteca transforma-se desta forma em um desafio político fundamental que deveremos vencer no corrente exercício”<sup>141</sup>. Hoje, talvez o acervo não tenha a necessidade de suprir as carências culturais e profissionais nos “meios populares”, mas guarda livros e documentos que oferecem indícios dos caminhos percorridos pelo Centro de Cultura Social. Nilton Melo, que integra a Comissão de Arquivo e Biblioteca, fez a seguinte avaliação sobre a importância da biblioteca e seu significado para os militantes mais antigos:

[...] uma coisa muito interessante que a gente tem que ver é que esse pessoal que refundou, eles vinham de uma certa cultura, de uma certa prática, de abordar todo tipo de ideia e de conhecimento, porque é o conhecimento que eles procuravam. Essa questão positivista que os anarquistas tinham na metade do século, de obter esse conhecimento, e é tão óbvio que essa pessoa acaba realmente fazendo um certo uso da sua consciência, basta ter o conhecimento, que é uma visão positivista, cientificista, aí você vai a biblioteca, eu não joga muitos livros aí fora, mesmo sabendo que são uma droga, porque eles guardam um pouco dessa ideia, você vai ver muito livro de educação sexual, ciência aplicada.<sup>142</sup>

No início da década de 1990, Antônio Carlos de Oliveira e outros militantes do CCS formaram a Comissão do Arquivo Punk do CCS, que tinha o objetivo de constituir um arquivo para reunir documentos referentes ao Movimento Punk (fanzines, cartazes, boletins, panfletos etc.), principalmente de grupos da cidade de São Paulo. Antônio Carlos já colecionava esse material antes de decidir criar um arquivo voltado à preservação e disponibilização. As chamadas para receber doação de material começavam com a frase: “Manter a Memória é um dever de todos!”.

O Arquivo chegou a reunir um número expressivo de documentos, porém, em 1994, o CCS perdeu sua sede e esse material ficou sob a custódia de Antônio Carlos, em sua residência. Ele se afastou do Centro em 1996, entretanto, em entrevista, contou que tentou entrar em contato com os militantes do CCS para acertar a devolução do Arquivo Punk, mas, como não obteve resposta, não conseguiu devolvê-lo ao Centro e decidiu ceder o material para o CEDIC<sup>143</sup>, da PUC-SP, para que o acervo pudesse estar disponível para outros pesquisadores. Esse Arquivo não continha apenas material sobre o Movimento Punk, mas

<sup>141</sup> Minuta de ata de Assembleia Geral e Ordinária, de 11 de março de 2001. Acervo do Centro de Cultura Social.

<sup>142</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Mello. São Paulo, 2 jun. 2009

<sup>143</sup> O CEDIC é um Centro de Documentação criado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em 1980, que possui conjuntos documentais referentes a diferentes tendências e expressões da memória social brasileira. Nos últimos anos, acompanhando as tendências de reflexão da Universidade, seu perfil temático vem sendo ampliado em torno de questões sociais, políticas e culturais. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/cedic/principais/quem\\_somos/historia.htm](http://www4.pucsp.br/cedic/principais/quem_somos/historia.htm)>. Acesso em: 3 out. 2010.

muitos documentos produzidos pelo Movimento Anarquista e pelo Centro de Cultura, como os jornais libertários *A Plebe*, *O Dealbar* e o *Inimigo do Rei*.

É importante ressaltar que algumas iniciativas de “preservação da memória” estiveram vinculadas à produção de trabalhos acadêmicos de militantes do Centro de Cultura Social. Em documento de 1995<sup>144</sup>, Antônio Carlos de Oliveira comentou sobre seu objetivo de realizar um curso de pós-graduação no qual pretendia “resgatar” a memória do Movimento Punk, do CCS e dos anarquistas, para contribuir com uma reflexão histórica sobre a relação entre os punks e os anarquistas. O título provisório do trabalho era “Centro de Cultura Social: um espaço de trabalhadores, intelectuais, punks e anarquistas, de 1985-1995”.

Antônio Carlos diz que a constituição do arquivo buscou consolidar o CCS como um espaço produtor e difusor de cultura “no seu sentido mais amplo e plural, sendo parte dessa o próprio Movimento Punk [...]”<sup>145</sup>. Diz que sem o Arquivo Punk seria mais difícil a realização da pesquisa, e destaca que desde 1992 o Arquivo passou a ser procurado por pesquisadores, especialmente punks e estudantes universitários. Ele percebeu a importância da atuação dos punks no CCS e reivindicou o espaço desse grupo dentro da associação, que não é mais percebida como um lugar somente de trabalhadores, mas também de punks e intelectuais. Pensar na formação de um arquivo referente ao Movimento Punk no Centro aponta a constituição de outras memórias, além daquelas direcionadas para a militância, inspiradas pelo anarco-sindicalismo.

As experiências de militantes remanescentes da *segunda fase* do CCS foi o tema do trabalho de conclusão de curso e dissertação de mestrado de Nildo Avelino, intitulada “Antologia de Existências e Ética Anarquista”, em que trabalhou com a questão do posicionamento ético de militantes da *segunda fase* do Centro de Cultura. Nildo realizou entrevistas com homens e mulheres que atuaram no CCS, fato que resultou em diversos registros em fitas cassetes e em iniciativas para difundir as experiências desses militantes. Sobre a realização desse trabalho ele diz:

O cara morre e você perde, você perde tudo. Então precisava organizar a memória do Centro de Cultura que não tem, que não existe, existe o quê? Por esta trajetória que o Centro de Cultura tem marcado, fecha pela ditadura, reabre, fecha, reabre. Quer dizer, não há, de fato, não se conseguiu estabelecer uma memória, enfim, um Arquivo, um Centro de Documentação que respondesse a esta relação da memória com o Centro de Cultura. Eu começo a fazer isto, é... Isto tudo também vem responder ao lugar que eu

<sup>144</sup> Carta de Antônio Carlos dirigida aos companheiros do Centro de Cultura Social em setembro de 1995. Acervo do Centro de Cultura Social.

<sup>145</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Antônio Carlos de Oliveira. São Paulo, 15 fev. 2010.

estou ocupando na universidade também, o mestrado e o TCC foram muito em cima dessa questão da memória, né? Então eu usei estas duas coisas que eu tinha pra fazer, pra tentar dar, sabe? Dar uma organizada no Arquivo do Centro de Cultura ou para tentar consolidar, de alguma maneira, este projeto de consolidação da memória. Eu praticamente fiz, não tinha mais ninguém, foi iniciativa minha e isto não deu muito certo, não deu fruto, tem estas fitas minhas, tem algumas coisas tal...<sup>146</sup>

O contato dos jovens militantes, como Antônio Carlos de Oliveira e Nildo Avelino, com as experiências dos militantes remanescentes da *segunda fase* e com a universidade reacende o interesse pela questão da “preservação das memórias”. Isso vai ao encontro de um movimento que emergiu a partir de 1980, de valorização da história local e regional, assim como da experiência cotidiana, além das militâncias e organizações. Nesse contexto, são criadas as instituições de memória, que visam incentivar as pesquisas históricas e a preservação da memória de determinada localidade ou grupo, como municípios, comunidades, sindicatos e partidos políticos. De acordo com Fenelon<sup>147</sup>, “no social, esta luta se concretiza em diferentes sujeitos históricos, assumindo formas diversas e resultando em diferentes memórias.”

Outra iniciativa que divulga as experiências dos militantes e ex-militantes do Centro de Cultura Social desde 2002, por meio da publicação de artigos e entrevistas, é a *Revista Verve*, do NU-SOL. Alguns membros do corpo editorial da revista fizeram parte do CCS e vice-versa. Esse foi um dos poucos lugares onde foi possível encontrar textos de Pedro Catallo, Florentino de Carvalho, Jaime Cubero e José Carlos Orsi Morel. No número 14, de 2008, há uma seção intitulada “Antropofagias Anarquistas”, dedicada aos militantes Jaime Cubero, Antônio Martinez e Roberto Freire. É uma série de pequenos artigos e um poema nos quais algumas pessoas rememoram a convivência que tiveram com eles. A seção inicia-se com a frase: “nós que vivemos com vocês, vocês que habitam em nós”<sup>148</sup>. Ao conversar com Edson Passetti, coordenador da revista, sobre as práticas que permeiam as memórias de velhos militantes anarquistas, como um vídeo produzido pelo NU-SOL sobre Roberto Freire, ele disse que elas “acontecem em um campo muito subjetivo que é a saudade”<sup>149</sup>.

A convivência com militantes como Jaime Cubero e Antônio Martinez foi central para a trajetória de algumas pessoas que integraram o CCS, como José Carlos Orsi Morel, que

<sup>146</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

<sup>147</sup> FENELON, Déa Ribeiro. Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992. p. 31.

<sup>148</sup> REVISTA VERVE. São Paulo, n. 14, 2008. p. 250.

<sup>149</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

conheceu Jaime Cubero, Antônio Martinez e Ideal Peres ainda na década de 1970 e participou da articulação do Grupo Projeção e da reabertura do Centro de Cultura. Para ele, ao conhecer essas pessoas, iniciou-se uma transmutação em sua personalidade. Em um artigo que rememora a militância de Antônio Martinez, Morel diz:

O leitor será obrigado a perdoar o tom grandemente pessoal destas linhas, mas Martinez foi o último de meus “pais anarquistas”, juntamente com Jaime Cubero e Ideal Perez, que souberam forjar meu caráter político e ético. Não tenho pejo em admitir que se não os tivesse encontrado na altura da vida em que os encontrei, seria certamente um sujeito muito pior do que sou, um tecnocrata de bela alma, mas tecnocrata, ou talvez um petista “ligh” (*sic*) exercendo meu socialismo bienalmente durante as eleições e cuidando de minha vida e carreira no intervalo entre elas, sei lá...<sup>150</sup>

Muitas iniciativas em lembrar os “antigos companheiros” são realizadas por meio de relatos sobre a convivência com eles e sua influência na formação de militantes que passaram pelo Centro de Cultura Social; são lembranças constituídas a partir de experiências vividas. Mas existem projetos pontuais. No Boletim Informativo, número 10, de 2000, há a notícia sobre um projeto chamado “História de Vidas Anarquistas”, que tem a finalidade de evidenciar as memórias de militantes do CCS: “o objetivo desse projeto é resgatar essas experiências e acontecimentos através do depoimento e testemunho pessoal dos seus participantes [...]”<sup>151</sup>. Para retomar a trajetória dos companheiros falecidos, foi proposto um resgate biográfico, inaugurado com a biografia de Liberto Reis. O texto sugere que a reunião de materiais esparsos de militantes do CCS forneceria um panorama de uma época “cujos herdeiros somos nós mesmos”<sup>152</sup>. Porém, nos boletins informativos seguintes, essa iniciativa não teve continuidade.

As lutas empreendidas pelos militantes do Centro de Cultura Social são rememoradas em ocasiões como os dez anos de sua reabertura, em 1995, em que os militantes do CCS destacaram seus vínculos com o movimento operário do início do século XX e consideraram o Centro como uma “herança viva”, enfatizando sua importância em difundir conhecimentos e como lugar onde a ação prática articula suas bases na discussão teórica e vice-versa<sup>153</sup>.

Em 2003 é lançada uma edição comemorativa com o título *Centro de Cultura Social, 1933-2003 - 70 anos de resistência anarquista*. Essa edição é dedicada especialmente à história do Centro, de 1933 até a reabertura em 1985. O texto é uma versão modificada

<sup>150</sup> MOREL, José Carlos Orsi. Antônio Martinez, um anarquista. *Revista Verve*, São Paulo, n. 2, 2002. p. 24.

<sup>151</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n.10, 2000. p. 3.

<sup>152</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>153</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n.32, 1995.

extraída da dissertação de mestrado *Antologia de Existências e Ética Anarquista*, de Nildo Avelino. Afirma-se que o CCS é um lugar onde as tradições anarquistas foram transmitidas de geração a geração:

Edgard Leuenroth, Pedro Catallo, entre outros que lutaram ao lado da primeira geração de imigrantes anarquistas em São Paulo, formaram a geração seguinte dos Cuberos, do Oliva, do Luca, entre outros. A trajetória deste centro de tradição anarquista pode ser dividida em três fases [...].<sup>154</sup>

Acredito que essa noção de tradição esteja relacionada ao convívio com militantes influenciados pelo anarco-sindicalismo, que formaram os jovens como Antônio Carlos de Oliveira, Nildo Avelino e Nilton Melo. Eles deram continuidade às práticas empreendidas pelos “velhinhos” e estiveram à frente do CCS nos últimos anos. Porém, essas práticas são reelaboradas e evidenciam novas perspectivas de militância anarquista diferentes daquelas empreendidas durante a maior parte do século XX. Enquanto alguns militantes desejavam preservar as práticas mantidas no CCS pelos militantes remanescentes, outros buscavam inová-las, daí surgem tensões e rompimentos entre os sócios da associação durante a *terceira fase*.

Retomo novamente Raymond Williams, que afirma: “De toda uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase, enquanto outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados”<sup>155</sup>. É notável nos últimos anos a valorização das experiências e práticas empreendidas por seus militantes “históricos” e um distanciamento daquelas voltadas para a classe trabalhadora como as lembranças do Primeiro de Maio, que incluíam atividades como passeatas, exposições e ciclos de palestras.

Sobre a continuidade das práticas do CCS após a morte de Jaime Cubero, considerado pelos sócios do Centro como um elemento agregador entre diferentes tendências anarquistas que circulavam pela associação, Edson Passetti comenta que Jaime Cubero encerrou uma era da anarquia no Brasil e que houve a tentativa de outros militantes em manter certas práticas, mas, na sua opinião, tais tentativas não foram bem sucedidas. Ao aprofundar essa questão durante nossa entrevista, Passetti diz:

Eu acho que o Jaime encerrou essa era que veio depois do Estado Novo, que experimentou aquela fase que eles chamam de redemocratização do Brasil,

<sup>154</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n.18, 2003.

<sup>155</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 119.

quando ele reativou o Centro de Cultura de uma forma bastante intensa, a Nossa Chácara, e acolheu todas as vertentes contestadoras do Estado. Esse tipo de prática do Centro de Cultura, o Chico Cuberos, depois de sua morte, queria manter numa época que não tinha mais porque ser conservada. Jaime também agregou. Ele tinha o ímã que eu te falei; não há mais esse ímã, acabou, ninguém tem essa capacidade de imantar, não saberia dizer se isso era inerente ao Jaime, mas assim o via e vejo, contudo as condições de vida que nós vivíamos, com a Ditadura, etc., tornou o Jaime uma pessoa importante para trazer toda aquela moçada, jovens e velhos, que ainda tinham prazer pela liberdade, pelo anarquismo. Sua morte não é simbólica, é também o fim desse anarquismo. Assim que ele morreu, certos aventureiros tentaram ocupar o trono (como naquela brincadeira das danças das cadeiras que eu te falei), e todo mundo caiu de bunda no chão, a cadeira também virou, esse lugar não existe mais, o mundo mudou, é isso.<sup>156</sup>

Em assembleia geral e ordinária do CCS em 2001, houve a avaliação do exercício do ano 2000. A Comissão Administrativa, formada nesse momento por José Carlos Morel, Nildo Avelino, Nilton Melo e Parmênides Cuberos, informou o resultado positivo na realização das atividades propostas pelo Centro de Cultura durante aquele ano e afirmou acreditar estar consolidada a transição da “velha guarda administrativa” da entidade, representada pelos saudos Jaime Cubero e Antônio Martinez, para uma geração mais jovem.

Parte dessa “geração mais jovem”, que segue no Centro até os dias atuais, parece ter um vínculo maior com as muitas memórias que permeiam o Centro do que os militantes que chegaram após a ausência dos remanescentes da *segunda fase*. Estes apresentam um desprendimento maior em relação às experiências dos militantes do Centro e do Movimento Anarquista, procuram situar o anarquismo “hoje” e se preocupam em deter uma “tendência passadista”, que teria vigorado durante anos, apontada como causadora de crises e esvaziamentos no CCS.

Os militantes remanescentes da *segunda fase* (1945-1969), que se afastaram da associação, valorizam a atuação dos militantes fundadores do CCS e apontam um estranhamento frente à configuração atual do Centro, que para eles se afastou dos “trabalhadores” e hoje tem uma perspectiva de militância voltada para universitários e intelectuais, que não corresponde a suas expectativas. Sobre sua trajetória, Maruja Cuberos, que conheceu o Centro no final da década de 1950, recorda:

Naquela época tinha muita palestra, muita coisa bacana, a primeira conferência que eu assisti foi do Lucas, ele foi para os Estados Unidos e falou sobre a viagem dele aos Estados Unidos [...] Edgard Leuenroth eu vi um dia na Praça da Sé, num primeiro de maio, todo mundo parava para ouvir ele falar. [...] convivi com as pessoas, se dava bem com as pessoas, se

<sup>156</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

entrava lá e vários companheiros e o Pedro Catallo gostava muito da gente tudo, era tudo uma família, claro que nem todos eram iguais, tinha muito picareta também no Centro de Cultura, sempre tem, em todo lugar, inclusive espanhol, mas Pedro Catallo, Maria Valverde e outras pessoas se davam muito bem, tinha muita amizade com ele, depois a gente se casou, Pedro Catallo vinha na minha casa, ele tinha um ideal maravilhoso com o anarquismo, o Pedro Catallo.<sup>157</sup>

Alguns militantes não abrem mão de citar o CCS como um lugar-referência das tradições anarquistas, embora afirmem que é preciso que esteja aberto para novas práticas e perspectivas de militância para além da tradição ou herança anarco-sindicalista. Para militantes de tendências anarquistas inspiradas por essa tradição, que possuem uma atuação apartada da associação, como os Sindivários-SP<sup>158</sup>, há uma crítica à atuação dos militantes do Centro de Cultura e seu distanciamento da militância voltada para os trabalhadores. Em uma troca de correspondências em 2007<sup>159</sup>, o grupo reivindica o espaço do CCS, apontado como a “casa dos trabalhadores”. Eles afirmam que:

É nossa esperança que o CCS-SP esteja presente (principalmente por sua história de ligação – ou seria nascimento?) com a FOSP nesta batalha. Se estes compas não desejam efetuar a militância sindical, comunitária, estudantil, sem teto ou sem terra, não há problema, que eles fiquem com as atividades culturais. Mas que possam utilizar o Centro em favor do movimento libertário brasileiro como um todo.

É isso que esperamos sinceramente. Que a nossa casa, a casa dos trabalhadores possa estar aberta para recebê-los. Pois como trabalhador da educação filiado ao Sindivários/FOSP/COB - ACAT/AIT ainda não presenciei isso.

Vestígios de convivências e experiências forjadas no passado perscrutam o presente e contribuem para a formação de perspectivas de militância anarquista que são acrescidas de novas experiências no transcorrer da vida, no cotidiano. Mas esse é um processo que afeta cada indivíduo de forma diferente. Seguindo as pistas de Alessandro Portelli:

A memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são

<sup>157</sup> Entrevista concedida a Nildo Avelino por Maruja Cuberos em 17 abr. 2002. Cf. AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004.

<sup>158</sup> Não irei me deter às atividades desses grupos. Segundo a documentação analisada, o Sindivários-SP (Sindicato de Ofícios Vários de São Paulo) está filiado à FOSP (Federação Operária de São Paulo), à COB (Confederação Operária Brasileira), à ACAT (Associação Continental Americana dos Trabalhadores) e à AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores).

<sup>159</sup> E-mail recebido por Antônio Carlos de Oliveira em 26 de maio de 2007. Acervo pessoal de Antônio Carlos Oliveira.

– assim como impressões digitais ou, a bem da verdade, como vozes – exatamente iguais.<sup>160</sup>

As expectativas depositadas nas lembranças são múltiplas, conforme as perspectivas de militância que se expressam em diferentes tendências. Cada grupo atribui significados diferentes às memórias que se cruzam com seus interesses; não há consenso neste campo, e sim tensões. Existe uma forte discussão entre o Centro de Cultura Social e outros grupos anarquistas acerca da abertura de um arquivo referente ao Movimento Anarquista, que atualmente é de acesso restrito. Vestígios de um passado que guarda dimensões e formas de lutas do Movimento Anarquista é motivo de desacordos nos dias de hoje. De quem são as memórias deste Movimento? Quem tem direito a acessar e cuidar dessas memórias? Que significados elas têm para a militância anarquista no presente?

Questões como a fragmentação do acervo do CCS e as disputas pela custódia e acesso ao acervo documental referente ao Movimento Anarquista de São Paulo permearam este trabalho. Compreendo que os acervos documentais são “vestígios” da experiência vivida por vários grupos no transcorrer de suas práticas e que envolvem interesses políticos, valores e sentimentos.

O Centro de Cultura Social manteve uma atividade intensa desde 1933, mas, com fechamentos e mudanças constantes, o que resta na associação nos dias atuais é uma pequena parcela do que foi produzido durante suas atividades. Edgard Leuenroth, fundador do Centro de Cultura Social, constituiu um arquivo substancial, que era considerado um arquivo do Movimento Anarquista, já que muitos companheiros confiavam a guarda de seus acervos pessoais a ele. Após sua morte, o arquivo que ficava instalado em uma sala na Rua Ricardo Gonçalves, no bairro do Brás, foi vendido, à revelia do Movimento, por sua família para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Isso causou a indignação de militantes do movimento e suscitou a criação do Grupo Projeção<sup>161</sup>, que começou a ser articulado no início da década de 1970 e contou com militantes de São Paulo e Rio de Janeiro. Sobre o início do grupo, José Carlos Orsi Morel comentou:

O Projeção foi fundado com a dupla finalidade de preservar e resgatar o que tinha sobrado da memória, porque grande parte tinha ido para UNICAMP;

---

<sup>160</sup> PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história Oral. *Projeto História: Ética e História Oral*, São Paulo, n. 15, 1997. p. 16.

<sup>161</sup> Entrevista de José Carlos Morel publicada em AVELINO, Nildo Avelino. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004. p. 171.

foi fundado com a idéia de se rearticular o movimento naquela etapa, era finzinho dos anos Médici, uma conjuntura muito difícil.<sup>162</sup>

Há versões que relatam que antes do Arquivo ser transferido para a Unicamp, alguns militantes do Movimento Anarquista, que mais tarde formaram o Grupo Projeção, foram até o local e levaram os documentos que conseguiram a fim de manter o acervo em local considerado seguro, até que o Projeção, oficialmente chamado Círculo Alfa de Estudos Históricos (CAEH), pudesse funcionar legalmente, fato que aconteceu apenas em 1986. A partir de então, passou a contar com doações de documentos de seus sócios-fundadores, de outras entidades e grupos e, à medida que companheiros faleciam e deixavam suas bibliotecas e arquivos, suas coleções iam sendo incorporadas a esse acervo. Em 1998, Jaime Cubero falou sobre essa questão:

É uma coisa curiosa, no começo do século todos os militantes do movimento faziam sua pequena biblioteca em casa, tinham seus livros, colecionavam seus jornais, revistas. Tanto é que um acervo hoje me veio desses companheiros, famílias que não queriam mais, eu acabei juntando tudo. Até estamos organizando, com o tempo é claro, um projeto de criar um grande centro de documentação libertária. Você não pode tornar muito público porque está sujeito a muitas “tempestades”. Juntar esses livros, que são obras raríssimas, algumas até do século passado, exemplares únicos.<sup>163</sup>

Muitos militantes do Grupo Projeção também pertenciam ao Centro de Cultura Social e foram responsáveis pela rearticulação e pela gestão do Centro a partir de 1985, entre eles Antônio Martinez, Chico Cuberos, Jaime Cubero e José Carlos Orsi Morel. Durante alguns anos, as relações entre Projeção e CCS foram estreitas. No início da década de 1990, quando novos militantes começaram a se aproximar e a integrar a Comissão de Gestão, o Projeção passou a ter uma atuação mais apartada do Centro. Até então os dois grupos utilizavam a mesma Caixa Postal. Acredita-se que parte considerável do acervo do Centro de Cultura Social esteja sob a custódia do Grupo Projeção. Nildo Avelino comenta esse processo e as dificuldades em acessar esse acervo:

E aí isto é constituído em 73, 72, né? E começa a conservar uma série de materiais, sobretudo materiais privados das pessoas, os velinhos iam

<sup>162</sup> MOREL, José Carlos Orsi. Centro de cultura social, uma prática anarquista (entrevista). *Revista Verve*, São Paulo, n. 7, 2005.

<sup>163</sup> JEREMIAS, Marcolino (Coord.). *Três Depoimentos Libertários*: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Giménez Moreno. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002. p. 111.

morrendo, né? Imagina, cada anarquista tem um mundo de biblioteca. Aí aquilo se tornou de fato um arquivo muito interessante, valioso. E o Jaime, como ele tinha esta ligação com os professores universitários, tinha muita coisa na casa dele, que as pessoas iam lá pesquisar e ele não podia emprestar. Para alguns ele emprestava, tinha uma relação bastante de confiança, pra outros não, então o cara tinha que ir na casa dele, né? Então ele tinha muito material com ele, inclusive do Centro de Cultura dos anos 30, os panfletos, meu! Tem muita coisa do Centro de Cultura. Quando o Jaime morre, tudo isto vai pra sede do Projeção que é no Brás, existe uma casa desse grupo. E aí o Zeca é o grande herdeiro do Projeção, e aí nós perdemos este material, é impossível, entendeu?<sup>164</sup>

O Grupo Projeção contou com dez sócios-fundadores, quase todos, hoje, já falecidos, e os que estão atuantes se afastaram do CCS; os dois grupos romperam completamente. Em 2007, Edgar Rodrigues, um dos sócios-fundadores, que também foi sócio do Centro de Cultura Social e da Sociedade Naturista Amigos Nossa Chácara, publicou em seu livro autobiográfico, *Lembranças Incompletas*, seu relato sobre a situação do acervo do CAEH. Segundo ele, é conduzido apenas por um dos três remanescentes que constituíram o Grupo com a intenção de formar um Centro de Pesquisas após o fim da Ditadura. O relato é acompanhado por uma série de críticas e fotografias do acervo com a documentação doada por Edgar, que afirmou ter perdido o acesso ao local onde está depositado o Arquivo<sup>165</sup>.

No ano seguinte, o Centro de Cultura publicou, em seu Boletim Informativo, uma moção em apoio e solidariedade a Edgar Rodrigues em razão de sua exclusão do quadro social do CAEH. Em um artigo intitulado “Sobre a inaceitável expulsão de Edgar Rodrigues do Círculo Alfa de Estudos Históricos”, o CCS critica a “expulsão” de Edgar e a forma como o acervo é gerido; defende que o patrimônio político e cultural cabe aos anarquistas e, para isso, propõe a renovação dos quadros associativos do CAEH e uma gestão anárquica dos seus conjuntos documentais. Os militantes do CCS afirmam que: “Um acervo que não alimenta o fogo da liberdade é pouco mais do que papel velho. Um acervo que só alimenta vaidades e ânsias de poder, não merece chamar-se de anarquista”<sup>166</sup>. Eles se colocam contra as restrições para o acesso ao acervo custodiado pelo CAEH, que, para eles, muitas vezes segue critérios pessoais. Avaliam que, embora o acervo acumulado por Edgard Leuenroth tenha ido para a Unicamp indevidamente, este tem mais utilidade, pois a partir dele foi escrita boa parte da história do Movimento Anarquista. Alberto Centurião expõe seu ponto de vista a respeito:

<sup>164</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

<sup>165</sup> RODRIGUES, Edgar. *Lembranças Incompletas*. Guarujá (SP): Opúsculo Libertário, 2007. p. 10.

<sup>166</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 26, 2008.

É a grande memória. Fora o Arquivo do Edgard Leuenroth que foi parar lá na universidade, esse é, assim, é o grande arquivo, a grande memória, o grande acervo, que as quatro pessoas que detém o poder sobre esse Arquivo consideram que o Centro de Cultura Social não tem direito a ele, não tem acesso, porque ele pertence ao é... Centro de Pesquisas Alfa, Centro Alfa de Pesquisas Históricas, que hoje são quatro pessoas: José Carlos Morel, Cid Gabriel, Parmênides Cuberos e Chico Cuberos, e tinha o Edgar Rodrigues, que foi expulso.<sup>167</sup>

O acervo foi acessado por pesquisadores por mediação de Jaime Cubero. Em entrevista, Nilton Melo mencionou que Jaime Cubero forneceu uma farta documentação para pesquisadores universitários produzirem teses sobre anarquismo no final dos anos 1980 e início dos anos 1990<sup>168</sup>. Em entrevista realizada com Chico Cuberos<sup>169</sup>, ele afirmou que os documentos do Acervo do CAEH podem ser disponibilizados mediante solicitação do interessado e avaliação do pedido pelo Grupo.

O direito à memória do Movimento Anarquista perpassa as disputas dentro deste movimento, que, como já mencionei, se desdobrou em diferentes tendências. Tenho a impressão de que para o grupo que detém este acervo atualmente, a restrição significa resistência diante das mudanças de perspectivas e militância que passaram a incorporar novos elementos que estão em desacordo com seus princípios. Deslocar as atenções da “questão social” para uma militância ligada “ao prazer e à alegria” parece causar estranheza para este grupo mais “tradicional”, que acabou se afastando completamente do Centro de Cultura Social.

Para Chico, o grupo que cuida do acervo tem o objetivo de preservar a memória do Movimento. O acesso deve ser restrito, pois muitas pessoas têm interesse em conhecer o Arquivo, mas é muito complicado permitir o acesso para interessados que não estejam afinados com as ideias anarquistas. Segundo ele, o acesso “tinha que ser [de] quem for especificamente anarquista, que sente no fundo da alma o que é ser anarquista, o que é a ideia anarquista, senão não adianta”<sup>170</sup>. Seu ideal de anarquista militante engajado está arraigado à resistência que ele e seus companheiros empreenderam durante os períodos ditatoriais, especialmente na Ditadura Militar, entre 1964-1985. Chico fez as seguintes considerações sobre as restrições de acesso ao arquivo do Projeção:

<sup>167</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Alberto Centurião. São Paulo, 1º maio 2009.

<sup>168</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

<sup>169</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Chico Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

<sup>170</sup> Ibidem.

Não, o Projeção tem documento de tudo quanto é parte do mundo, o Projeção, não é, Michelle? O Projeção não é um grupo anarquista que pode ser aberto pra qualquer um, você não sabe o que é uma reação, mas eu vou te falar, a reação é terrível, quando vem uma reação aqui se o cara não tiver convicção mesmo, ele dança, ele vai preso, ele apanha e não sabe por que tá apanhando, entende?<sup>171</sup>

Após o Centro interromper suas atividades em 1969, militantes se reuniam em outros locais que não despertassem a atenção do aparato repressivo, como a loja de calçados da família Cubero e o Nosso Sítio, em Moji das Cruzes. Para Chico Cuberos, os jovens hoje não têm a noção de como é viver sob um regime repressivo, o que faz com que suas perspectivas de militância deixem a desejar. O receio de que o Arquivo do Movimento caísse em “mãos erradas”, ou seja, fosse alvo de repressão policial, é algo que transparece em sua narrativa.

Quando conversamos sobre a realização de pesquisas no acervo, ele falou sobre a possibilidade do acesso a documentos por meio de um membro do Grupo, mas que levar pessoas até lá é fora de cogitação. Ele disse: “Você vai dizer, ‘mas por que essa desconfiança?’ É claro porque, se você soubesse o que é o Movimento Anarquista, o que já sofreu através da História Social, você ia dar razão pra gente.”

Ultimamente há poucas notícias sobre pesquisas realizadas com a documentação do acervo do Círculo Alfa de Estudos Históricos. O que é muito recorrente são publicações que trazem notícias sobre a necessidade da abertura do arquivo ao público, sobre processos judiciais e ataques pessoais entre militantes do Movimento Anarquista. Em carta aberta<sup>172</sup>, o CAEH se defendeu das acusações levantadas por Edgar Rodrigues; o grupo afirma que sempre se negará a divulgar seu acervo a pessoas que visem apenas promoção ou lucro pessoal com documentos libertários.

As disputas em torno do acervo documental do Movimento Anarquista revelam perspectivas de militância anarquista, onde um grupo que teve hegemonia no Movimento em determinado momento defende a continuidade de modelos e estratégias de luta apreendidos no passado, reafirmando as experiências adquiridas e consideradas válidas, impondo resistências em aceitar outras concepções de militância.

A preocupação com a preservação das memórias e a vontade em se colocar na História foi um dos aspectos que motivou a formação de acervos documentais dentro do Movimento Anarquista, como aconteceu com Edgard Leuenroth. Um exemplo disso foi a iniciativa de Antônio Carlos de Oliveira e de seus companheiros em formar o Arquivo Punk do Centro de

---

<sup>171</sup> Ibidem.

<sup>172</sup> CARTA ABERTA – Círculo Alfa de Estudos Históricos, maio de 2009. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2009/05/447146.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

Cultura Social, que também atualmente não pertence ao CCS, mas está disponível para consulta a qualquer interessado. É evidente que as memórias que permeiam a trajetória do Centro e do Movimento Anarquista estão além de seu acervo documental, elas estão fragmentadas em diferentes acervos, estão impregnadas nas narrativas das pessoas, delineando fazeres e práticas no presente e apontando direções da militância anarquista dos grupos libertários da cidade de São Paulo.

### CAPÍTULO 3

#### **As memórias na cidade, a cidade nas memórias...**

Neste capítulo, exploro aspectos da relação entre os militantes do Centro de Cultura Social e a cidade de São Paulo, como os significados e sentidos atribuídos por eles a certos espaços da cidade, a luta pelo acesso aos espaços públicos e os muitos usos que fizeram desses lugares. Abordo a ligação dos militantes mais antigos com o bairro do Brás, que acolheu a sede durante muitos anos. Busco, ainda, compreender o Centro como um espaço onde transitam e transitaram militantes anarquistas vindos de várias localidades de São Paulo, que forjaram uma cultura urbana “anarquista” que se modifica no decorrer do tempo.

Na década de 1980, além dos chamados “anarquistas do Brás”, passaram a frequentar a associação jovens vindos de vários bairros da cidade de São Paulo, com novas perspectivas sobre o anarquismo, fato este que acaba trazendo uma mudança na configuração da associação.

É interessante percebermos o CCS não como um lugar limitado ao espaço de sua sede, pois seus militantes estabeleceram uma relação dinâmica com a cidade de São Paulo e percorreram seus espaços públicos, como universidades, escolas públicas, bibliotecas e as ruas, para a realização de suas atividades. Destaco, dentre os espaços públicos (re)significados pelos anarquistas, a região central, lugar escolhido para as práticas dos militantes em diferentes períodos, lugar de disputas com outras tendências políticas e com o poder público. Por fim, abordo a movimentação da sede do Centro de Cultura Social por diferentes bairros e a luta de seus militantes para adquirir um espaço próprio.

Concordo com Raquel Rolnik<sup>173</sup> quando afirma que o espaço pode ser uma fonte de pesquisa, como um documento de arquivo, que nos deixa entrever formas de organização do trabalho e formas de relação social. A autora diz que ao trabalhar a questão do urbano em transformação e em movimento, existe uma relação entre os homens e os grupos sociais e entre o espaço. Para ela, a noção usada para pontuar essa questão é o conceito de território, ou de territorialidade, que se trata do espaço real vivido. A relação dos sujeitos com a cidade vai

---

<sup>173</sup> ROLNIK, Raquel. História Urbana: história na cidade? In: FERNANDES, A.; GOMES, M. A. F. *Cidade & História: Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador (BA): FAU-UFBA, 1992.

além das relações funcionais, do espaço-função, que delimita locais para morar, para trabalhar ou para circular. Sobre isso, a autora afirma que:

Estas relações seriam puramente funcionais; só que a cidade não é isso, ou não é só isso. Para além delas existe todo o processo de significação, de percepção e de construção desta territorialidade. Então, uma rua, para além de ser um lugar onde se passa ou se deixa de passar, uma rua está carregada de história, está carregada de memória, está carregada de experiências que o sujeito teve, que seu grupo teve e que a história de seu grupo naquele espaço teve.<sup>174</sup>

As reflexões da professora Déa Ribeiro Fenelon<sup>175</sup>, que afirma que as relações sociais definem a paisagem urbana e compõem a imagem da cidade, e que tal imagem está impregnada de memórias e significações, também foram valiosas para abordar as experiências vividas pelos militantes do Centro de Cultura Social na cidade de São Paulo e para perceber como as práticas culturais deste grupo estão imbricadas com as muitas memórias constituídas por seus militantes e espalhadas pela cidade.

O Centro de Cultura Social, fundado em 1933 na Rua Quintino Bocaiúva, reabriu em 1945 – após o fechamento em 1937 – na Rua José Bonifácio, centro de São Paulo, mas funcionou, durante a maior parte de sua trajetória, no Brás, bairro operário da cidade. Em 1985, ao retomar suas atividades depois de um intervalo de 16 anos, reabriu na Rua Rubino de Oliveira, nº 85, na mesma sala em que funcionara na fase anterior. A associação passou por diferentes bairros da cidade de São Paulo, como Mooca e Vila Buarque, até se instalar na Rua General Jardim, também na Vila Buarque, região central, após uma intensa campanha para aquisição de uma sede própria, que comentarei adiante.

A reabertura do CCS em 1985 aconteceu no mesmo espaço em que a associação funcionou anteriormente. Segundo Jaime Cubero, por coincidência, no mesmo período em que aconteceram as reuniões para discutir a rearticulação do Centro de Cultura Social, realizadas na União Brasileira dos Escritores, na Rua 24 de Maio, ele e seu irmão Chico Cuberos foram procurados pela Rede Cultura – que realizou um programa sobre “Teatro Operário”, dentro de uma série sobre teatro em São Paulo – para relatarem as experiências do teatro amador operário empreendidas pelo CCS, o chamado “Laboratório de Ensaios”. A equipe sugeriu que fizessem algumas tomadas na antiga sede da associação. Ao procurar o local, Jaime viu que a sala estava disponível para ser alugada, então fecharam o contrato de aluguel e fizeram a ata de reinauguração em cartório; assim, o Centro pôde retomar suas

---

<sup>174</sup> Ibidem, p. 28.

<sup>175</sup> FENELON, Déa Ribeiro (Org). *Cidades*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999. p. 6.

atividades. Alguns veículos da grande imprensa, como a revista *Isto É* e o jornal *Folha de São Paulo*, divulgaram a reabertura do Centro de Cultura Social e destacaram as referências históricas de seus militantes com o bairro do Brás, citado como “antigo bairro operário da zona Leste de São Paulo”<sup>176</sup>.

O bairro do Brás, lugar de trabalhadores operários entre o final do século XIX e parte do século XX, está em evidência na trajetória do CCS e muito presente na memória de seus militantes, especialmente nas dos mais antigos, tanto que o espaço escolhido para a reabertura do Centro carrega a história de trabalhadores e suas lutas políticas. Em um estudo sobre o bairro, Maria Celestina Torres nos mostra qual era o perfil dele nos primeiros anos do século XX, quando a cidade de São Paulo passava por uma intensa industrialização:

Fábricas de todos os tipos, com máquinas aperfeiçoadas, com aparelhamento elétrico ou a vapor, ou pequenas oficinas irão se instalando dia a dia nesse bairro populoso, mas ainda despido de conforto, principalmente para o proletário. No Brás, como no Bom Retiro, Água Branca, Lapa e Ipiranga, multiplicaram-se também as ruas infectas, sem calçamento, as casinhas, os cortiços, não obstante o lindo jardim do Frances J.J Joly “uma das coisa mais notáveis” vistas por Koseritz no Brás.<sup>177</sup>

Torres aponta as transformações que o espaço sofreu no decorrer do tempo, destacando que onde predominavam indústrias, operários e imigrantes, passou a ser composto pela paisagem do comércio e dos migrantes vindos de várias regiões do país. Certamente o Brás, que abrigou o CCS durante a *segunda fase* de sua existência (1945-1969), apresenta características bem diferentes na década de 1980. A autora aponta:

Nas vizinhanças da Estação, Presidente Roosevelt (antiga Estação do Norte, que teve sua denominação alterada após a morte do presidente dos Estados Unidos da América do Norte, em 1945) e do Largo da Concórdia concentra-se a área do comércio varejista, rodeada de hotéis, restaurantes e pensões de todos os níveis e padrões. Um borbórinho de gente atarefada. Pregões. Vendedores de bilhetes de loteria. Pontos de táxis. Apitos de trem e de guarda-civis. Fachadas reformadas de casa antigas revelam, com novas vitrines, lojas a vender os mais variados artigos. Mistura de línguas estrangeiras e de regionalismos brasileiros – italianos, espanhóis, sírios, portugueses, japoneses, judeus e... nordestinos, mineiros e paulistas.<sup>178</sup>

<sup>176</sup> OS ANARQUISTAS saem do limbo. *Folha de São Paulo*: Banco de Dados da Folha, São Paulo, terça-feira, 11 fev. 1986. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada\\_11fev1986.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_11fev1986.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2009.

<sup>177</sup> TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Brás*. São Paulo: Gráfica Municipal de São Paulo para a Divisão do Arquivo Histórico do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1981. p. 167.

<sup>178</sup> *Ibidem*, p. 219.

Nos bairros populares de São Paulo, foram forjadas muitas associações de bairro e de classes na primeira metade do século XX, tema que foi abordado por Maria Célia Paoli e Adriano Duarte em *São Paulo no plural: espaço público e redes de sociabilidade*. Eles trabalharam com a experiência dos Comitês Democráticos e Populares (CDPs) de 1945, que foi precedida por clubes e associações. Ao analisar essas organizações, autores afirmam que:

[...] De modo geral, essas organizações podiam ser ao mesmo tempo, núcleos de reivindicação, espaços de lazer, centros de aprendizagem, espaços para atuação política e muito mais. Suas funções eram intercambiáveis, ao sabor das necessidades, exigências e condições locais.<sup>179</sup>

Os apontamentos de Paoli e Duarte mostram que na primeira metade do século XX “vida social e vida política não se separavam”<sup>180</sup>. Eles evidenciam que o mundo do trabalho e a vida nos bairros estavam profundamente ligados às experiências populares e, ainda, que os dramas e solidariedades cotidianas forneciam matéria-prima para que se constituísse a luta pelo acesso ao espaço público da cidade<sup>181</sup>. Acredito que foi nesse contexto que o Centro de Cultura Social iniciou suas atividades e se colocou como um espaço voltado aos trabalhadores inspirados pelo anarco-sindicalismo na cidade de São Paulo.

Se os objetivos iniciais do Centro de Cultura Social eram fomentar cultura e conhecimento para os trabalhadores, as características de bairro proletário do Brás convergiam para a realização desse intuito, constituindo modos de viver na cidade de São Paulo e forjando uma cultura urbana que foi reelaborada, com o passar do tempo, pelos militantes anarquistas.

As narrativas dos militantes remanescentes do Centro, que participaram da rearticulação na década de 1980, estão repletas de referências aos bairros da Mooca, do Brás e da região central da cidade paulistana. As práticas da associação aconteciam em sua sede, mas extrapolavam esse espaço. Eles realizavam visitas à Nossa Chácara, situada em Moji das Cruzes, faziam comícios na região central e realizavam apresentações teatrais de peças libertárias no Teatro Colombo e Teatro João Caetano.

O Teatro Colombo funcionou em um prédio que acolhia o mercado do Largo da Concórdia, adaptado para se tornar uma casa de diversões em 1907. Foi utilizado pelos militantes do Centro de Cultura Social para a apresentação de muitas peças libertárias, muitas

<sup>179</sup> DUARTE, Adriano; PAOLI, Maria Célia. São Paulo no Plural: espaços públicos e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: A cidade de São Paulo na primeira metade do século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 98.

<sup>180</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>181</sup> *Ibidem*, p. 99.

delas dirigidas por Pedro Catallo. O Teatro foi demolido após um incêndio em 1966. Segundo Torres<sup>182</sup>, “o Teatro Colombo foi ‘teatro do Brás’, único no gênero, tradicional e querido por todos, abrigando companhias nacionais e estrangeiras, particularmente italianas, que encontravam sempre um público entusiasta e amigo”.

Esse teatro foi citado nas narrativas de vários militantes, como Lourdes Gabriel, Maria Cubero, Jaime Cubero, Maruja Cubero e Chico Cuberos, pois eles encenaram e assistiram a muitas peças libertárias no Colombo e no João Caetano, mais no primeiro do que no segundo. Uma das práticas recorrentes do CCS durante a *segunda fase* foi o teatro militante voltado para “questões sociais”. Ao falar dos primeiros encontros que teve com sua esposa Maruja, Chico Cuberos lembrou o encontro que aconteceu no Teatro Colombo e enfatizou ao entrevistador Nildo Avelino a importância em registrar essa passagem. Chico Cuberos disse:

Depois conheci a Maruja e vamos fazer quase 40 anos de casado. Com a Maruja foi uma coisa interessante, registra isso aí que é importante para mim [novamente apontando o gravador]: nós estávamos fazendo uma peça no Teatro Colombo, e eu tinha uma cena em que eu caía bêbado em uma mesa, então o segundo ato da peça era um cabaré, e o Pedro Catallo que dirigia a peça falou: ‘Vamos fazer um ato de variedade dentro do espetáculo’ e era um cabaré aí montamos as mesinhas, o garçom, e não tinha figuração para pôr nas mesas, não tinha recursos. Ai eu falei para o meu cunhado Raia, e o Raia falou assim: ‘pô, tem minha cunhada aí que chegou há poucos dias da Espanha’, falei pô, manda ela sentar em uma mesa!’ E eu tinha uma marcação que eu caía bem na mesa dela e ela quase que ria. Depois que terminou o espetáculo fomos apresentados, começamos a conversar e depois de um certo tempo, de uns certos encontros no Centro de Cultura resolvemos morar juntos, nós fizemos uma festa no Centro de Cultura Social, demos um cunho de casamento, de união, o Pedro Catallo fez um discurso no Centro de Cultura. Nossa união foi feita no Centro de Cultura, união oficial mesmo.<sup>183</sup>

Em 1994, em entrevista a Endrica Geraldo, Jaime Cubero comentou a importância do Teatro Colombo, que estava desativado, e sua iniciativa e de seus companheiros em recuperá-lo na década de 1960, a fim de realizar atividades nesse espaço, pois, como ele enfatiza, o Teatro poderia ser utilizado para promover “cultura”. Em tom de indignação, disse que se discute tanto sobre patrimônio histórico, mas por vezes “tombam” prédios que não tem nenhum sentido. O Teatro Colombo, tão significativo para os militantes do Centro de Cultura e para a população do Brás, foi perdido. Jaime Cubero explicou esse processo e realizou uma

<sup>182</sup> TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Brás*. São Paulo: Gráfica Municipal de São Paulo para a Divisão do Arquivo Histórico do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1981. p. 175.

<sup>183</sup> AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004. p. 143.

avaliação crítica sobre edificações que possuem um sentido histórico, e que, por isso, deveriam ser tombadas como patrimônio histórico da cidade:

O Centro de Cultura era no Brás, já tinha uma tradição no Brás, achamos que nós poderíamos recuperar o teatro, nós falamos com arquitetos, eles foram lá e: ‘Olha, isso aqui, pouca pintura, reparo, pouquíssima coisa, o teatro tá lindíssimo’. Falamos com outras entidades do bairro, no caso os espanhóis, Centro Galego, algumas associações, que daria certo. Então eu fiz, o prefeito era o Faria Lima. O Teatro Colombo era um dos melhores teatros de São Paulo, uma acústica incrível, extraordinária. Um teatro, eu tenho toda a história do teatro porque eu cheguei a fazer tanta palestra, debates na televisão, tudo, sobre isso, se fala tanto em patrimônio, né, patrimônio histórico, tombamento, eles ficam tombando às vezes prédios que não tem nenhum sentido. Então eu fiz uma exposição de motivos extraordinários das atividades culturais etc, nós dissemos: ‘Fica sob a supervisão da prefeitura, a prefeitura não vai gastar nada, apenas nós teríamos um teatro e nós colocamos o teatro a serviço do povo, da cultura’. E abaixo assinado. Eu assinava em nome de todos, eu fiz um requerimento e juntei muitos documentos que provavam as atividades do Centro de Cultura, e mesmo até de outras entidades, originais, alguns eram uma cópia só que eu tinha: foi o erro. Olha, aquilo alertou alguém lá, porque havia interesses ali na..., dois meses depois tocaram fogo no teatro, destruíram o teatro [...] Depois demoliram e hoje tem um agência da Caixa Econômica Federal.<sup>184</sup>

Podemos notar que a atuação dos militantes do Centro de Cultura extrapolou o espaço de sua sede. Eles lutaram pelo acesso a espaços públicos da cidade, como o Teatro Colombo, que poderiam servir para suas práticas e que remetiam às memórias da militância anarquista. Fica evidente nessa passagem de Jaime Cubero a tensão existente entre aqueles que reivindicaram seu direito a espaços da cidade de São Paulo e o poder público. Em uma matéria sobre o CCS, publicada na *Folha de São Paulo* em 11 de fevereiro de 1986, pode-se notar essa tensão. O texto sugere que os trabalhadores não tinham o direito de usufruir dessas edificações. Ao falar sobre as atividades da associação, o jornal diz:

Nos anos 30, peças escritas por eles eram normalmente encenadas no teatro Colombo, inaugurado em 1908 e demolido após um incêndio na década de 60. Os jornais, na época, criticavam o fato de a municipalidade ceder o luxuoso teatro, localizado na avenida Rangel Pestana (zona Leste de São Paulo), a operários.<sup>185</sup>

<sup>184</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a Endrica Geraldo, em 1994, para o projeto “Memórias Anarquistas – Um estudo histórico do Centro de Cultura Social (PIC-CNPq)”, desenvolvido de agosto de 1994 a julho de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar De Decca – UNICAMP.

<sup>185</sup> OS ANARQUISTAS saem do limbo. *Folha de São Paulo*: Banco de Dados da Folha, São Paulo, terça-feira, 11 fev. 1986. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada\\_11fev1986.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_11fev1986.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2009.

Muitos dos remanescentes da *segunda fase* viveram e circularam pelos bairros da Mooca e do Brás. Antes de conhecer o Centro de Cultura em 1945, Jaime Cubero e Chico Cuberos viviam na Vila Bertioga (região da Mooca), onde formaram o Centro Juvenil de Estudos Sociais. Em outra passagem, Chico Cuberos recorda momentos de sua juventude na Mooca:

Eu sempre fui mais irrequieto que o Jaime... o Jaime sempre foi mais de falar. Eu saía de madrugada pregando jornais, dando... a gente às vezes combinava de panfletar nas ruas, e a gente pegava o jornal Ação Direta e colava nos postes. Tinha um cara na Moóca que era oficial do exército e tinha a caixa do correio que eu enfiava o jornal... só que comprometia o Centro, era provocação e eu não tinha essa responsabilidade.<sup>186</sup>

Após o fechamento do Centro de Cultura em 1969, motivado pela repressão empreendida pela Ditadura Militar, era na loja de calçados da família Cubero, instalada no Brás e depois no Pari, que vários militantes do Movimento Anarquista se encontravam clandestinamente. Maruja Cuberos comentou que os companheiros faziam muitas reuniões na loja localizada na Rua Celso Garcia e depois no Pari. Lá, eles também ensaiavam peças de teatro<sup>187</sup>.

É notável a predominância de trabalhadores entre o público que frequentava o CCS. Entre as décadas de 1940 e 1960, após a reabertura em 1985, o perfil dos frequentadores da associação modificou-se. Embora estivesse localizado no Brás, o Centro passou a receber militantes de vários locais, incluindo a periferia da cidade de São Paulo. A associação esteve instalada na Rua Rubino de Oliveira, 85, até 1992, quando um aumento exorbitante no aluguel inviabilizou a manutenção da sede. O CCS, então, mudou provisoriamente para uma sala na mesma rua, mas essa não atendia a suas necessidades. Logo, ficou sem espaço para suas atividades e, como alternativa, foram sublocados espaços, como uma garagem onde funcionava a editora Archipélago – de integrantes do Grupo Experimental Soma, na Rua Borges Lagoa, 245 – e a sala da sede do Sindicato dos Químicos, até reabrir, em 1996, na rua dos Trilhos, 1365, na Mooca, nos fundos da casa de Lourdes Gabriel, que integrou o Centro nas fases anteriores, bem como seu marido Lucca Gabriel e seu filho Cid Gabriel. No período em que esteve sem sede, as atividades da associação também eram realizadas em locais públicos da cidade.

<sup>186</sup> AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004. p. 147.

<sup>187</sup> Entrevista concedida a Nildo Avelino por Maruja Cuberos em 17 abr. 2002. Cf. AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004.

Na palestra “Memória e Cidadania”, apresentada pelo professor Edgar De Decca, em 1992, no Centro de Cultura Social, há um trecho sobre a perda da sede do Centro na Rua Rubino de Oliveira e como aquele espaço era considerado um “lugar de memórias”, significativo para o Movimento Anarquista. Podemos perceber que certos lugares da cidade estão imbricados com as memórias desses militantes. Vejamos:

O Jaime no início dessa palestra dizia – “Olha, nós vamos perder o lugar da memória: quer dizer, por quantos anos esse foi o lugar de uma determinada memória e essa depende do lugar para sobreviver, pois é através dos lugares da memória que criamos identidade de grupo e identidade com relação ao nosso passado. Ao perder desses lugares significa também perder o espaço onde a memória pode sobreviver.

Pensem um bairro como o Brás, imaginem as reformas urbanas, as intervenções do poder público sobre os espaços da memória, veremos que, sem perceber, lugares muito importantes de encontro de pessoas, lugares onde você costuma passar e evocar coisas da sua vida, que quando esses desaparecem a memória vai sendo mais fraca e a tendência ao esquecimento é muito grande.<sup>188</sup>

A preocupação com as memórias que envolvem os bairros que guardam dimensões da militância anarquista na cidade de São Paulo foi tema de palestras e discussões no Centro de Cultura, onde foi possível constatar uma preocupação com as transformações da cidade e com a perda de espaços significativos para seus militantes. Em 1986, foi proposto um ciclo temático de palestras para discutir a reurbanização do bairro do Brás. Nessa discussão, chegou-se à conclusão de que a cidade não é apenas o local em que habitamos, é também espaço de debate e de interferência, onde há a preocupação em manter as tradições culturais e a memória de bairros que foram lugares de reivindicações sociais e espaço de convivência de trabalhadores no século XX.

Ao divulgar o ciclo de palestras, é citado no Boletim Informativo que, por causa da construção do metrô na região central, moradores desses bairros estavam sendo expulsos de suas casas. Entretanto, não se tratava apenas do passado, mas também do presente daquele período; eram questões que surgiam e que precisavam ser esmiuçadas. No Boletim Informativo do CCS, de 1986, é possível notar como essa preocupação se manifestava entre os militantes do Centro de Cultura Social. Ao propor um ciclo para discutir a questão da urbanização, eles anunciaram:

---

<sup>188</sup> CADERNO PALESTRA: O Movimento Operário, Edgard Leuenroth (1965) e Memória e Cidadania, Edgar De Decca (1992). São Paulo, ano 1, n. 2, mar. 1997. p. 26.

Este ciclo de conferências aborda a questão da urbanização de São Paulo, tendo como foco os planos de reurbanização do Prefeito de São Paulo, visando bairros como o Brás, Bela Vista e Santa Efigênia.

Esses bairros constituem reservas de tradições culturais, de memória histórica, de comunidades cuja identidade com o passado social representa muito para o presente. Não se trata somente do espaço urbano. Dos prédios tradicionais, das vilas operárias, etc. Trata-se principalmente das pessoas que ocupam esses espaços.

A construção do Metrô e os planos de reurbanização sempre atingem os trabalhadores, 20.000 pessoas foram expulsas do bairro.

Continuando a promover os Ciclos de debates sobre assuntos da atualidade e considerando a importância desse tema, iniciaremos a partir do dia 17 uma programação sobre Urbanismo.<sup>189</sup>

É interessante perceber até que ponto o debate era *para* a população ou *com* a população. Até que ponto os militantes do CCS sentiam-se comprometidos com os sujeitos que eram alvos de suas discussões? Ao afirmarem “A construção do Metrô e os planos de reurbanização sempre atingem os trabalhadores, 20.000 pessoas foram expulsas do bairro”, procurei saber para quem e com quem estavam dialogando e pude constatar que os convidados para ministrar as conferências eram especialistas em assuntos ligados a instituições reconhecidas, como o Sindicato dos Arquitetos de São Paulo e os professores da Universidade de São Paulo (USP). Entre os palestrantes não estavam presentes representantes ou moradores dos bairros em questão. É possível que isso seja reflexo da dificuldade dos militantes do Centro de Cultura Social em interagir com a população paulistana, ou, segundo seus estatutos, com os “meios populares”. No entanto, a intenção de discutir os problemas da cidade de São Paulo mostra o quanto esses sujeitos estavam atentos ao espaço em que viviam.

A sede do CCS funcionou em outros bairros da cidade de São Paulo e voltou para o bairro do Brás, na Rua Inácio de Araújo, em 2004, com a seguinte chamada no Boletim Informativo: “Os anarquistas voltam ao Brás”. Os militantes do Centro anunciaram que essa mudança carregava um simbolismo, porque “durante décadas o grupo anarquista ligado ao Centro de Cultura Social foi conhecido como os anarquistas do Brás”<sup>190</sup> e apontavam o CCS como um lugar de memória que possuía seus “homens e mulheres memória”. Esse novo espaço foi dedicado aos militantes remanescentes da *segunda fase*: Vírgilio da Loca e Anita Aldegheri, Diego Gimenez Moreno, o casal Francisco Cuberos Neto e Maria Gimenez Martinez, e Maria Aparecida Cubero. Para os militantes do CCS, nesse momento:

Apesar do Brás não ser mais “um reduto anarquista”, a meta do CCS ainda continua sendo o resgate e a difusão dos valores libertários. O Centro de

<sup>189</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 05, 1986.

<sup>190</sup> Idem, n. 19, 2004.

Cultura continua sendo um dos lugares de memória e de resistência anarquista... lugar de prática dos valores anarquistas, lugar onde esses valores são retomados no presente, onde podem ser re-actualizados; numa palavra, lugar para se correr o risco da liberdade e de se colocar em risco a própria liberdade.<sup>191</sup>

\*\*\*

A partir da década de 1980, como comentei em outros momentos, um público jovem, especialmente universitários, punks e anarco-punks, vindo de várias localidades da cidade de São Paulo e de municípios próximos, passou a frequentar o Centro de Cultura Social. Em um contexto de pós-ditadura militar, a cidade guardava ranços de uma polícia autoritária e repressiva. Logo, para os jovens punks (que frequentemente sofriam com a repressão policial), o CCS se tornou um lugar onde poderiam transitar, discutir e conhecer os muitos anarquismos forjados nesse período. Alguns deles se tornaram militantes ativos da associação, jovens punks e anarco-punks que procuraram o Centro encontraram um espaço de atuação em uma cidade que oprimia e obscurecia suas práticas. Lá se reuniam, participavam dos debates e palestras. Claro que suas práticas, vestimentas e perspectivas de anarquismo despertavam críticas dos militantes mais antigos.

Nildo Avelino, que na época tinha o apelido de Nildo Batata, era anarco-punk e passou com seus companheiros por situações de repressão policial que incluíam intimidação e torturas. Ao comentar com os militantes mais velhos no Núcleo de Militância do Centro de Cultura sobre uma situação que ele e seus companheiros tinham passado com a polícia, foi estimulado a denunciar formalmente o acontecimento. Em um relato escrito em 1992, jovens do Movimento Anarco-Punk, que também frequentavam o Centro de Cultura Social, fizeram a seguinte denúncia, incentivados por militantes do CCS:

Compomos o Movimento Anarco-Punk, um grupo de caráter cultural, formado em maio de 1990, o qual tinha como ponto de encontro para as suas periódicas reuniões, a pça. Alfredo Issa, situada no bairro da Luz, centro de São Paulo.

Tais reuniões desenvolviam-se todas as quartas e sextas-feiras, tendo início por volta das 19h00, sendo nas mesmas discutido assuntos gerais de interesse do grupo. Este quadro repetiu-se por quase dois anos consecutivos, quando à janeiro do corrente, fomos vítimas do seguinte crime:

Estávamos aproximadamente cerca de 10 pessoas, fomos revistados e obrigados a entrar no compartimento de presos da viatura; havia duas garotas conosco e uma delas, a Ruthe, se manifestou contra a nossa prisão, alegando que nós não estávamos fazendo nada. [...]

---

<sup>191</sup> Ibidem.

O companheiro Luiz que havia argumentado o livro da constituição foi vítima de golpes de cassete nos calcanhares, e quando este não mais se aguentava em pé devido a dor, o carrasco civil, que não havia saciado o seu sadismo, o mandou tirar os tênis, sentar-se encostado na parede, pisou em seus joelhos e começou a golpeá-lo com o cassete nas solas dos pés, várias vezes, sem apelar pelas gritarias da vítima. [...].<sup>192</sup>

Foi realizada uma denúncia formal por integrantes do Movimento Anarco Punk (MAP). Nildo Avelino foi chamado pela polícia para reconhecer os policiais responsáveis pela ação, mas, diante da dificuldade em apontá-los em inúmeros álbuns de fotografias 3x4, não prosseguiu com a denúncia, pois não poderia perder muitas horas de sua jornada de trabalho para apurar o acontecimento. A atitude dos policiais mostra o quanto o espaço público é algo controlado e como grupos são alvos de ações repressivas ao utilizar esse espaço para suas práticas. Em uma sociedade que se diz “democrática”, alguns grupos, como os anarco-punks, são marginalizados pelos poderes instituídos.

Os punks e anarco-punks têm uma relação estreita com a cidade de São Paulo. Como não tinham um local fixo para suas reuniões, buscavam usufruir dos espaços públicos para seus encontros e práticas. Os primeiros punks que conheceram o CCS na década de 1980 vinham de várias localidades. No Caderno de Palestra que possui a transcrição de uma palestra sobre o Movimento Punk ocorrida em 1987, há, no cabeçalho, apresentações dos participantes com a indicação do nome, do grupo ao qual pertenciam e do local de onde vieram. Assim, temos Gurgel, do Núcleo de Consciência Punk, do Itaim Paulista, e Carlão, editor dos fanzines *Anti-Sistema* e *Aborto Imediato para Renascer de um Novo Espermatozóide*, de São Mateus.

Determinados lugares da cidade agregavam sujeitos que vinham de várias regiões dela, algumas muito distantes. Os encontros dos anarco-punks na década de 1990 aconteciam em diversos locais públicos da cidade, como na Estação da Luz. Segundo Nildo Avelino, esses jovens vinham de bairros da Zona Leste, da Zona Oeste, do ABC, da Zona Norte e da Zona Sul. O grupo começou pequeno, mas aumentou e chegou a cerca de duzentas pessoas que se reuniam na plataforma da Luz para discutir e planejar suas ações, como manifestações e confecção de fanzines. Quando conversamos sobre as práticas dos anarco-punks e sobre esses encontros, ele comentou:

---

<sup>192</sup> Relato sobre repressão policial ao Movimento Anarco-Punk. São Paulo, 1992. Acervo do Centro de Cultura Social.

Olha, nós, basicamente, nos reuníamos. Primeiro nós nos reuníamos dentro da estação da Luz. Por quê? Porque era um bando de gente miserável, absolutamente miserável, que não tinha dinheiro nem para voltar. Então a gente não saía do trem, porque a gente tinha que voltar pra casa. Então nós nos reuníamos na estação da Luz, é de semana à noite, depois era de sábado à noite, aí nós saíamos pra beber tal.<sup>193</sup>

De acordo com Nilton Melo, antes de conhecer o Centro de Cultura, no início da década de 1990 os principais pontos de encontro dos militantes punks e anarco-punks era a Estação da Luz e a Praça do Mappin, que suponho ser a Praça Ramos de Azevedo, onde se reunia o pessoal da COB (Confederação Operária Brasileira, rearticulada em 1986). Era comum os punks perguntarem uns aos outros de que bairros vinham, assim como era frequente se depararem com a pergunta: “Você é punk da onde?” Eram vários grupos que se identificavam com o lugar de onde vinham, e a leitura do Movimento Punk variava de acordo com estes locais. Pode-se dizer que os movimentos punk e anarco-punk não eram constituídos por grupos homogêneos.

Na época em que ingressou no movimento anarco-punk, Nilton Melo morava em Santo Amaro e Nildo Avelino em Pirituba. A região central era frequentada pelos punks, pois muitos deles trabalhavam como “office boys” e, devido a isso, o centro da cidade estava, também, ligado ao cotidiano de trabalho. Em entrevista, Acácio Augusto, que passou a frequentar o CCS no ano 2000, comentou sobre sua experiência com a cidade de São Paulo:

[...] porque o punk me jogou pra cidade, uma coisa muito legal do punk pra mim é isso, o punk me jogou pra cidade, enquanto a maioria dos meus amigos até iam em alguns lugares, o punk de um lado e também a necessidade de trabalhar, eu trabalhei de office boy, eu rodei muito a cidade. Então, pelo punk, eu conheci muita gente da Zona Leste, da zona Sul, da zona Oeste, playboy, burguês ou vagabundo de perifa, moleque de rua, o punk me botou em contato que é a loucura da cidade e com as ruas da cidade, então uma sedimentação intelectual que veio depois, começa a ver esse anarquismo do punk, que é essa revolta visceral, de quem está andando pela cidade na madrugada e se sente meio dono dela tal, é foi mas isso que rolou, por isso eu tinha muita vontade de sair do bairro, de não ficar confinado naquele espaço, embora tivesse muitos amigos lá, ficasse lá, a banda toda era com o pessoal que morava perto da minha casa, mas tem essa coisa assim, de rodar a cidade...<sup>194</sup>

Para os militantes mais jovens, o CCS era um lugar de passagem; para outros, tornou-se um espaço de militância para além do movimento punk ou anarco-punk. Esses grupos tiveram uma presença constante no Centro, que, como apontei no primeiro capítulo, foi

<sup>193</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

<sup>194</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Acácio Augusto. São Paulo, 3 jun. 2009.

permeada de tensões. Ao comentar a renovação do público a partir de 1992, Antônio Carlos diz que chegou o “Batata” e um grupo muito grande (que acredito ser de universitários e jovens anarco-punks). Porém, o contato entre esse novo público e os militantes remanescentes não foi isento de conflitos. Ele afirmou que houve situações de tensões e exemplificou: “isso não quer dizer que seja uma coisa tranquila, imagina o cara chegar lá alcoolizado caindo [...]”<sup>195</sup>.

O CCS é um lugar de referência sobre o anarquismo para jovens que estão situados em vários locais da cidade, do estado e de todo o país. Constantemente procurado por pessoas e grupos em busca de informações e para a divulgação de suas práticas, pude identificar que durante as décadas de 1980 e 1990 havia uma troca intensa de cartas e materiais como fanzines, boletins informativos e convites para eventos entre militantes do Movimento Anarquista de todo país e militantes do Centro. Há correspondências trocadas entre coletivos, grupos e indivíduos anarquistas de várias localidades do estado de São Paulo, como Santo André, Cubatão, Piracicaba, Jandira, Campinas e Barueri, e do país, como Brasília, Salvador, Rio de Janeiro e Uberlândia. Em 1998, um coletivo formado por libertários de Campinas e Hortolândia encaminhou uma carta ao CCS para divulgar a iniciativa de formar um centro de cultura libertário chamado Espaço Cultural Dona Tina, na periferia de Campinas. Na carta, encaminhada para os militantes do CCS, o grupo pede ajuda para sua formação política, e, em um trecho dela, eles dizem:

Somos pessoas de idade variada, entre 17 e 24 anos, e uma coisa que nós sentimos carentes é com relação a formação política. Não que não tenhamos convicção no que falamos, mas sentimos a necessidade de uma maior estrutura a nível pessoal e coletiva nesse aspecto. Gostaríamos de saber se vocês poderiam nos auxiliar nesta questão e naquilo que precisarem estaremos dispostos ajudar dentro do que nos for possível.<sup>196</sup>

Os coletivos libertários (como são chamados os grupos que se reúnem para práticas e discussões referentes ao anarquismo) e as pessoas que estabeleceram contato com o CCS frequentemente o procuravam para solucionar impasses do cotidiano, pois certamente contavam com a experiência dos militantes do Centro. Um membro de um coletivo chamado Facção Socialista Libertária “Impacto Punk”, que desenvolvia um trabalho social com a comunidade da Cidade Tiradentes, entrou em contato com o CCS, por meio de cartas, para

<sup>195</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Antônio Carlos de Oliveira. São Paulo, 15 fev. 2010.

<sup>196</sup> Carta encaminhada ao Centro de Cultura Social em 4 de agosto de 1998. Acervo do Centro de Cultura Social.

convidar seus militantes para as atividades promovidas pelo coletivo e para pedir orientação sobre como agir um membro de coletivo. O remetente diz:

ele está mudado, ele era super ativo entre nós e tinha até um zine seu independente, mas acho que os malditos militares estão transformando ele ou ele está partindo para o outro lado da barricada. Gostaria da opinião de vocês sobre o que deve ser feito.<sup>197</sup>

Muitos coletivos e indivíduos libertários não conheciam o CCS pessoalmente ou compareciam com pouca frequência devido à distância, mas procuravam manter contato com seus militantes por meio de correspondências. É possível perceber o Centro em contato com militantes anarquistas e interessados em anarquismo de várias tendências, o que nos indica que as relações entre o Centro de Cultura e outros grupos do Movimento Anarquista do país, especialmente do estado de São Paulo, foram dinâmicas após a reabertura em 1985.

Durante a *terceira fase*, o CCS não esteve circunscrito ao espaço de sua sede. Há indicações de atividades em diferentes locais, como um debate sobre o tema “Educação e Constituinte”, em 1985, que contou com a participação de representantes da Secretaria da Educação, do Partido Socialista Brasileiro, do Partido dos Trabalhadores e do Centro de Cultura Social, realizado no Salão da Associação dos Funcionários de Diadema como parte das atividades da II Semana Cultural da Escola Estadual Senador Filinto Muller<sup>198</sup>. Em 1993, aconteceu uma palestra sobre Movimento Punk em uma escola pública de São Mateus, na Zona Leste. Após a reabertura, o CCS realizou atividades em diversos espaços da cidade.

O Centro de Cultura Social é um espaço de resistências na cidade de São Paulo e, segundo Jaime Cubero, “Os Centros de Cultura são espaços de luta contra o autoritarismo existente, que se manifesta através da repressão que permeia todas as esferas de nossa vida, seja na família, na escola, no exército ou na fábrica.<sup>199</sup>” Levando em consideração esse discurso de Jaime, penso que o Centro está na esfera de lugar onde se dá a luta por “direitos”. Concordo com Antônio Augusto Arantes quando diz que os direitos culturais não se restringem à possibilidade de informar-se, instruir-se e expressar-se a partir de lugares sociais implicitamente postulados como fixos, assim como não se restringem à possibilidade de compartilhar um conjunto bem delimitado e universal de direitos. Esses direitos incluem, necessariamente, aquele de constituir e reordenar diferenças, identidades e identificações: o

<sup>197</sup> Carta encaminhada ao Centro de Cultura Social em 7 de maio de 1997. Acervo do Centro de Cultura Social.

<sup>198</sup> Programação da II Semana Cultural da E.E.P.S.G Senador Filinto Muller, 1985. Acervo do Centro de Cultura Social.

<sup>199</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n, 15, 2002.

direito a mudar, a rejeitar ou a reinventar tradições e também a atuar no sentido de procurar garantir a liberdade de criar e modificar fronteiras, alianças e formas estabelecidas (ou *tradicionais*) de identificação<sup>200</sup>.

O Centro de Cultura Social é um espaço onde passaram e ainda hoje circulam pessoas de várias partes da cidade. Nilton Melo diz que em uma conversa sobre esse tema com o historiador Carlo Romani, que frequentava o CCS, este comentou que “existia o anarquismo de Perdizes e o anarquismo de São Miguel, todos se encontram no Centro de Cultura, o Centro de Cultura é onde passam todas as classes sociais do anarquismo, porque isso realmente existia mesmo<sup>201</sup>”. Foi um espaço forjado em um contexto de uma sociedade pós-ditatorial, que acolheu os muitos “anarquismos”; já na década de 1980, é perceptível um diálogo com outras tendências políticas.

Professores e alunos universitários foram um público presente na *terceira fase* do Centro. Se nos períodos anteriores os militantes da associação tinham seu cotidiano atrelado principalmente às fábricas e indústrias situadas nos bairros operários, nos anos 1980 boa parte dos frequentadores do CCS vieram das universidades paulistanas, especialmente da área de Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Faculdade de Sociologia e Política. Professores e alunos não somente frequentavam o Centro como receberam os militantes para a realização de atividades nas universidades.

Também nos anos 1980 foi constante a realização de cursos livres oferecidos pelo Centro de Cultura Social nas universidades da cidade de São Paulo. Jaime Cubero, em entrevista a José Maria Ferreira em 1997, sinaliza que na década de 1980 houve uma grande difusão do anarquismo nas universidades e que o CCS teve uma relação importante com o meio universitário. Ele afirmou: “O trabalho na universidade para nós foi muito importante. Havia quem não o considerasse como tal. Temos tido muita adesão a este campo. Os auditórios têm estado sempre lotados<sup>202</sup>”. Diversos cursos livres, palestras e seminários foram realizados na PUC-SP, Unicamp, USP e FESP, nas décadas de 1980 e 1990, em parceria com o Centro. Sobre as aproximações entre o CCS e a PUC-SP, como lugares abertos para as práticas libertárias, Edson Passeti comentou:

---

<sup>200</sup> ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas (SP): UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000. p. 139.

<sup>201</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

<sup>202</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a José Maria de Carvalho. *Revista Utopia*, n. 8, 1997.

[...] como a gente vivia naquela fase de redemocratização de Brasil, tudo parecia um mundo de liberdade eterna, não é? De poder fazer o que bem entendia e como a história da PUC foi muito favorável, porque ela acolheu todos os professores que tinham sido cassados pela Ditadura que passaram a ser professores aqui da PUC, a PUC também foi um lugar que abriu para a Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência, a SBPC, que teve uma das suas reuniões aqui em São Paulo, então tudo isso registrado pela história de resistentes... O TUCA virou um ágora onde todas as forças de contestação ocupavam para fazer pronunciamentos; todos os movimentos sociais estavam dentro da PUC; muito jovem de periferia começou a vir pra PUC, a PUC começou a dar muita bolsa de estudos... Tudo isso combinava com uma perspectiva mais avançada da Igreja, na época vinculada à teologia da libertação. Chegou Paulo Freire. Então, a PUC era um lugar propício; tem umas horas na vida da gente, que tem um lugar que é propício pra você experimentar uma série de novidades. Então juntava o interesse do Jaime em trazer a anarquia para a universidade e juntava também a experiência de professores mais maduros, como a de Maurício Tragtenberg naquela época e as minhas, que era muito jovem, para experimentarmos também, trazer para a universidade isso que nos era vital, a experiência libertária, a experimentação e aí quando você tem os estudantes, inclusive empolgados com isso, é formidável. Você não precisa arregimentar ninguém, não é partido era uma coisa nova que emergiu [...].<sup>203</sup>

Após a realização de vários cursos livres na PUC, na USP e na FESP em 1992, das conversas entre Passetti e Jaime Cubero surgiu a ideia de realizar um seminário internacional. Da parceria entre o Centro de Cultura Social e da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, aconteceu o “Outros 500 – O Pensamento Libertário Internacional”, entre 24 e 29 de agosto de 1992. O encontro contou com a participação de anarquistas de todo o Brasil e do exterior e é lembrado pelos participantes como o “grande encontro” de libertários do período. Vários grupos anarquistas estiveram presentes, como os militantes do CCS, do Grupo Soma, professores de várias universidades, além dos jovens punks e anarco-punks. Estes últimos criaram o “Nó de Informações”, uma rede para a troca de correspondências e informações entre grupos anarquistas de todo o Brasil, iniciativa essa que durou alguns anos e que era divulgada nos boletins do CCS.

Edson Passetti comentou que na mesma semana do evento houve um ato contra o presidente Collor no vale do Anhangabaú que contou com a participação dos anarquistas. Esse momento foi marcante por ter rompido qualquer “possível condescendência que houvesse com o PT”<sup>204</sup>, pois os anarquistas vaiaram pessoas que estavam cantando o hino nacional e alguns segmentos não permitiram que eles se manifestassem. Para Edson, “o acordo político estava colocado, então o negócio PT ficou muito nítido para nós ali também”.

<sup>203</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Edson Passetti. São Paulo, 21 dez. 2009.

<sup>204</sup> Ibidem.

Durante o Encontro “Outros 500” e nesse protesto no vale do Anhangabaú, diversas tendências anarquistas da cidade de São Paulo convergiram. Ao falar sobre o protesto que realizaram contra o presidente Collor, Passetti citou:

[...] foi muito intenso, coisa de minoria potente; apareceram os punks, os somaterapeutas, os anarquistas sindicalistas, a federação, a FOSP, tudo ali e todo mundo alegre, feliz, contente, combativo. Há fotos muito significativas disso, arquivadas no Centro de Cultura Social [...] <sup>205</sup>

Jaime Cubero realizou palestras e participou de defesas de dissertações e teses em diversas universidades do Brasil e do estado de São Paulo. No acervo do CCS, há boletins e relatórios de visitas dessas atividades, nos quais pode se notar uma intensa atuação do Centro de Cultura nos meios universitários, relação que existe até os dias de hoje. O Centro buscava interagir com esses espaços para a difusão e realização de práticas libertárias, o que resultou em um deslocamento da militância, focada nos trabalhadores e nas fábricas, e em um consequente direcionamento para a atuação junto ao público universitário, que promoveu leituras próprias do anarquismo e que, por sua vez, influenciou os rumos tomados pelo Centro de Cultura Social.

\*\*\*

A região central da cidade de São Paulo está presente nas narrativas dos militantes do Centro de Cultura, dos mais velhos aos mais jovens. As manifestações e protestos de rua foram frequentes para os anarquistas durante todo o século XX e neste início de século XXI. A cidade é um lugar apropriado pelos libertários para a realização de suas práticas e também um lugar de disputas com outras tendências políticas. Um conflito muito citado pelos militantes anarquistas mais antigos foi aquele em que eles enfrentaram os integralistas, “camisas verdes”, na Praça da Sé em 1934, “para impedir uma marcha à semelhança da marcha que havia tido lugar em Roma no tempo do Moussoulini (sic)”<sup>206</sup>. Maruja Cuberos recordou que foi nesse local em que viu, pela primeira vez, um discurso de Edgard Leuenroth. Ela comentou que todos paravam para ouvi-lo falar<sup>207</sup>. Os militantes mais jovens também escolheram a região central como local para seus encontros, protestos e práticas na década de

<sup>205</sup> Ibidem.

<sup>206</sup> Entrevista concedida por Jaime Cubero a José Maria de Carvalho. *Revista Utopia*, n. 8, 1997.

<sup>207</sup> Entrevista concedida a Nildo Avelino por Maruja Cuberos em 17 abr. 2002. Cf. AVELINO, Nildo. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004.

1990 e início dos anos 2000. Na mesma Praça da Sé, diferentes tendências políticas também disputaram, nas manifestações do Primeiro de Maio, na década de 1990, pelo espaço considerado preferencial para grupos de esquerda. Nildo Avelino, que participou de algumas manifestações do Primeiro de Maio quando era anarco-punk, relembra:

Falando na Praça da Sé, uma das manifestações que nós mais gostávamos de fazer era a do Primeiro de Maio, né? Nós fazíamos todo o ano e no começo nós chegamos de manhã, mas assim, a partir do segundo, terceiro ano, nós começamos a perder espaço pra CUT, ela tomava a Praça inteirinha. Nós tivemos que dormir, nós passamos a dormir na Praça da Sé, pra tá lá no dia seguinte, no primeiro horário e reservar o espaço, entendeu?<sup>208</sup>

A maior parte dos protestos e manifestações que contaram com participação dos militantes do CCS na década de 1990 aconteceu no centro da cidade, em locais como a Praça Ramos e a Praça da Sé. As manifestações eram sempre atreladas a reivindicações políticas como o antimilitarismo, o Dia da Mulher, o Primeiro de Maio e as manifestações contrárias a tendências racistas e fascistas. Os atos incluíam atividades como a distribuição de jornais libertários, exposições, performances teatrais e venda de livros. Um ato realizado em agosto de 1993 foi divulgado no Boletim por meio da seguinte nota:

Neste dia foi realizada uma manifestação anti-militar na Pça Ramos de Azevedo/SP, à partir das 10 horas da manhã. No local do ato, além da já tradicional banquinha do CCS para venda de livros, foi montado um painel com fotos de jornal e ilustrações anti-militares. De modo geral o ato foi bom, porém sentimos necessidade de algo mais chamativo para melhor aproveitamento dos manifestos entregues. O ato acabou por volta das 13 horas e contou com a presença dos grupos que fazem parte do NAP (Núcleo de Ação e Propaganda).<sup>209</sup>

A região central da cidade é um espaço público procurado por vários grupos e sujeitos sociais tanto como espaço de sociabilidade quanto local para dar visibilidade a reivindicações políticas. Heitor Frúgoli Jr., ao abordar a questão da centralidade em São Paulo, diz que até os anos 1960 havia um Centro Tradicional ou Centro Principal, mas que a partir do milagre econômico o Centro metropolitano se desdobra entre o “Centro Principal” e o “Centro Paulista”: “tal rearranjo já teria correspondido às mudanças havidas na passagem gradativa do

<sup>208</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

<sup>209</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 26, 2º sem. 1993.

regime fordista para o de acumulação flexível”<sup>210</sup>. Quanto aos usos e experiências vividas nos centros metropolitanos, o autor faz a seguinte análise:

Outra dimensão a ser assinalada é que nas regiões centrais de uma metrópole realiza-se em maior ou menor grau, a densidade dos contatos face a face que marcam a vida pública moderna, constituída por múltiplas dimensões como o encontro e a sociabilidade, a mediação de distintos conflitos, a tolerância à diversidade sociocultural, as manifestações políticas etc, que ganham nesses espaços a expressão mais acabada.<sup>211</sup>

Os militantes do Movimento Anarquista paulistano frequentemente optaram pela região central da cidade de São Paulo para a realização de suas práticas. Na década de 1990, foram dezenas de atos, protestos e eventos promovidos por eles nas praças e ruas do centro, que contaram com a participação dos militantes do Centro de Cultura Social e foram divulgados em seus boletins informativos. Porém, quando perguntei a um dos entrevistados sobre a atuação dos militantes do CCS em manifestações de rua, ele respondeu que atualmente a realização dessas práticas está fora de cogitação, pois, naquele tempo, eles participavam para apoiar companheiros de outros grupos, mas hoje essas práticas são consideradas “nocivas”, por remeterem a uma tendência passadista que foi discutida e revista nos últimos anos no Centro.

As manifestações e protestos persistiram neste início do século XXI e ganharam fôlego com as manifestações antiglobalização que foram realizadas a partir do ano 2000 na ocasião de eventos como as reuniões de organizações – como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA). Essas manifestações tiveram a participação do Centro de Cultura Social, que passou a dialogar com grupos inspirados pela Ação Global dos Povos (AGP). Esses protestos tiveram o objetivo de denunciar as mazelas do capitalismo financeiro que oprime os povos que vivem nos países mais pobres do planeta.

No dia 26 de setembro de 2000, aconteceu um protesto simultâneo de vários grupos em todo o mundo e em várias partes do Brasil chamado S26. Em São Paulo, o protesto aconteceu nas ruas do centro da cidade e teve como alvo a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), localizada na Rua XV de novembro, 275, considerada, pelos manifestantes, como um símbolo do capitalismo. Na narrativa de um manifestante, foram citados como espaços de protesto o Teatro Municipal, a Praça da República e a Avenida São João. Ele também relatou

<sup>210</sup> FRUGÓLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo*. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez, EDUSP; FAPESP, 2000. p. 40.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 42.

sua indignação diante da repressão policial, que agrediu e prendeu cerca de dezessete pessoas. Após o protesto, Moésio Rebouças publicou um relato sobre o acontecimento:

Ao chegar na Bovespa, estava programada uma série de performances, partidas de futebol, apresentações musicais e atividades lúdicas, mas depois de alguns minutos de gritos contra aquele símbolo do capital, um grupo de manifestantes começou a destruir os painéis da exposição de comemoração dos 110 anos da Bovespa e jogar bombinhas de tinta, paus e pedras na fachada do prédio. Também foram realizadas diversas pixações. Um carro da Rede Globo que estava estacionado ao lado do prédio foi quase que destruído. Teve seus vidros e pára-brisas quebrados, antena do link danificada, lataria pichada e amassada a pauladas e pontapés. Até este momento, só havia um carro da Polícia Militar e poucos policiais para fazer a "segurança" dos manifestantes. Mas em poucos minutos dezenas de viaturas e policiais apareceram cercando a área e reprimindo a manifestação com cassetetes, balas de borracha e bombas de efeito moral, até tiros para o alto dos policiais, tentando conter os manifestantes, houveram. Apesar da forte repressão, os manifestantes não se intimidaram e revidaram as agressões com paus e pedras. O conflito entre policiais e manifestantes durou aproximadamente 20 minutos, com muita correria, alguns feridos e 17 pessoas presas e encaminhadas ao 1 Distrito Policial. No final da noite essas pessoas foram liberadas.<sup>212</sup>

O A20 foi um ato contra a ALCA que promoveu uma reunião em Quebec, no dia 20 de abril de 2001, em protesto a ela. Aconteceram manifestações simultâneas em várias cidades do planeta; já em São Paulo, o local escolhido para o protesto foi a Avenida Paulista e, assim como o S26, houve enfrentamentos entre os manifestantes e a polícia.

Os militantes do Centro de Cultura Social, embora tenham participado de algumas reuniões anteriores aos protestos, foram surpreendidos com o número de manifestantes que surgiram nas manifestações atreladas aos movimentos antiglobalização. Com relação a isso, Nilton Melo fez a seguinte observação: “[...] na verdade, também foi quando surgiu anarquistas que nós nunca imaginávamos que iam surgir, parece que brotou do chão”<sup>213</sup>. São percebidas, então, novas perspectivas da militância anarquista que se expressam na cidade de São Paulo e escolhem locais “simbólicos” para suas práticas e protestos, e a cidade, ao servir como palco para muitas manifestações, revela-se múltipla.

Entre os discursos de Edgard Leuenroth na Praça da Sé durante o século XX e os protestos dos jovens inspirados pelos movimentos antiglobalização no início dos anos 2000, certamente há uma grande distância, mas ambas as práticas evidenciam os usos e as disputas por espaços públicos da cidade de São Paulo em diferentes momentos.

<sup>212</sup> REBOUÇAS, Moésio. S26 in São Paulo, Brazil. Disponível em: <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/brasil.htm>>. Acesso em: 10 set. 2009.

<sup>213</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

Tanto o chamado “centro tradicional” como a Avenida Paulista são lugares de referência para diversos movimentos sociais para dar visibilidade às suas reivindicações e propostas de luta. Para os anarquistas, além de serem lugares para manifestações, também foram utilizados como locais apropriados para encontros e lugares de sociabilidade, pois, embora o Centro de Cultura Social aglutinasse militantes anarquistas de diferentes grupos vindos de várias localidades, percebeu-se, com as manifestações do movimento antiglobalização, que havia militantes anarquistas espalhados pela cidade de São Paulo e que eles, não necessariamente, conheciam o CCS até aquele momento.

\*\*\*

Em 2006, o CCS deixou o bairro do Brás para se instalar em sede própria na Rua General Jardim, na região central da cidade de São Paulo, após uma intensa campanha para arrecadação de fundos. Segundo os militantes que articularam a campanha, escolher a região central seguiu alguns critérios como o fácil acesso à rede de transporte público, pois um dos objetivos do Centro era ter uma boa frequência de pessoas, do círculo anarquista ou não. Alberto Centurião, que participou da Campanha Pró Sede Própria, disse: “nós queríamos alguma coisa próximo de metrô, porque em São Paulo isso é muito necessário, né? Para facilidade de acesso, um local de fácil acesso, a gente definiu assim, que fosse no máximo a quatro estações de metrô da Sé”<sup>214</sup>.

Há notícias de campanhas realizadas para a aquisição de uma sede própria para o Centro de Cultura Social desde a década de 1980. Foram sucessivas crises financeiras e as despesas com o pagamento de aluguel foi o principal fator que motivou tais crises. Em 1991, por meio de um aviso, foi lançada uma dessas chamadas pela campanha pela sede própria, que dizia:

Durante todo esse período o CCS sempre procurou estar presente nas manifestações dos trabalhadores e da sociedade em geral, tentando difundir e estimular a busca do auto conhecimento, pois entende que enquanto as informações não forem socializadas e enquanto os trabalhadores não se apropriarem do saber nenhuma revolução é possível, porque os sábios, os gestores da sociedade continuarão a existir e farão uma luta sem trégua para garantirem seus privilégios. Assim sua atividade, bem como a de outros Centros de Cultura, reveste-se de grande importância.

O CCS sempre passou por dificuldades e sempre conseguiu superá-las graças a solidariedade e ajuda mútua de seus sócios e simpatizantes. Para se

---

<sup>214</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Alberto Centurião. São Paulo, 1º maio 2009.

ter uma idéia, atualmente o CCS paga 120 mil cruzeiros de aluguel e um valor quase igual para confecção e expedição deste boletim. As contribuições não têm sido suficientes nem para pagar o aluguel. Com o dinheiro que temos em caixa garantiremos seu funcionamento por mais alguns meses depois. Se nada for feito, quem sabe? Um dos motivos do boletim não sair com mais frequência é a falta de recursos.<sup>215</sup>

Diante de tal situação, em 1992, o Centro perdeu sua sede na Rua Rubino de Oliveira por não conseguir custear as altas despesas com o aluguel da sala. Desde então, o CCS funcionou em diferentes locais na cidade de São Paulo e em certos momentos manteve suas atividades, mesmo sem ter um espaço próprio. As campanhas aconteceram desde a reabertura do Centro e foram inúmeras as tentativas para captar recursos financeiros para a aquisição de uma sede, mas, frequentemente, essas verbas foram utilizadas para o pagamento de despesas correntes da associação.

No final de 2005, foi lançada a última campanha para aquisição da sede, que envolveu sócios e simpatizantes do Centro de Cultura Social diante de mais um aumento excessivo no aluguel do espaço ocupado. Nesse momento, localizada na Rua Inácio de Araújo, próxima ao metrô Bresser, os militantes da associação lançaram essa campanha, que contou com o apoio não apenas dos sócios, mas de muitos simpatizantes da associação que participaram intensamente do Movimento Pró-Sede Própria para o CCS. Foi publicado um Boletim especialmente para a divulgação do lançamento da campanha. Evaldo Vieira, sócio do Centro na época, deu o seguinte depoimento:

Tenho acompanhado as dificuldades do CCS, desde a Rua Rubino de Oliveira, de onde tenho muita saudade. Concordo que é hora de fixarmos o CCS num local, que a meu ver, a título de manter as raízes se for possível, deve ser no Brás. Deveremos, na medida do possível, colaborar com a criação desta sede permanente. Parabéns pela iniciativa. Abraços (Evaldo A. Vieira).<sup>216</sup>

A lista inicial de subscrições contou com uma doação substancial da Associação Amigos Nossa Chácara, da qual fazem parte alguns militantes do Centro de Cultura. Entre as ações implantadas para levantar fundos para a campanha, houve a venda de convites para um jantar e a leitura dramática da peça *Colônia Cecília*. A mobilização resultou na contribuição de várias pessoas e grupos libertários do país e do exterior. Sobre as contribuições e a escolha do local da nova sede, Nilton Melo citou:

<sup>215</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 22, 1991.

<sup>216</sup> Idem, n. 20, dez. 2005.

A questão é a seguinte: não tínhamos dinheiro. O dinheiro do Sítio nós conseguimos somente treze mil reais, só que foi um start, com uma coisa mínima na mão, o pessoal se sente mais a vontade de apostar e apostou e realmente conseguiu juntar quarenta e poucos mil reais, né? O pessoal deu algumas somas muito altas, cada um deu assim, mil reais e conseguimos juntar e comprar. Só juntou-se quarenta e poucos, só o que podíamos comprar com quarenta mil reais não era muita coisa, mas o que nós tínhamos em mente, uma localização central, bem próximo do metrô, porque o que nós queremos é fluxo de pessoas, já tivemos a oportunidade de estar na Bresser, na Mooca, estar em Santa Cruz e estar no Belém, se não tiver uma disponibilidade de condução, menor o fluxo de pessoas, né?<sup>217</sup>

O funcionamento do Centro de Cultura Social, em sede própria, foi percebido por seus militantes não somente como uma vitória econômica, mas como uma vitória política<sup>218</sup>. A inauguração do espaço foi repleta de entusiasmo e o Centro passa, então, a ser visto não apenas como espaço para a difusão do anarquismo, mas como um local de sociabilidade e “experimentação do anarquismo”. Fabrício Martinez, segundo secretário do CCS em 2006, aponta:

Hoje, o CCS se encontra forte e ativo em propagar os anarquismos na cidade de São Paulo, um espaço não só para se discutir anarquismos, mas para conversar, tomar uma cerveja, vinho ou suco no Bar Errico Malatesta, ler livros, jornais ou revistas, na Biblioteca Antônio Martinez, comprar livros e periódicos na Livraria Maurício Tragtenberg. Temos hoje um espaço libertário onde podemos ver e fazer teatro, música, arte, escutar, dizer e principalmente viver os anarquismos.<sup>219</sup>

A perspectiva de militância do Centro de Cultura Social nesse momento rompeu com a ideia de ser um local voltado somente para “trabalhadores operários” para ser um espaço em busca do diálogo com outros anarquismos espalhados pela cidade de São Paulo. Pude perceber que o público que frequenta a associação nas atividades realizadas aos sábados sempre se modifica e, de acordo com as temáticas oferecidas pelas palestras, são intelectuais, professores de educação básica, professores universitários, jovens universitários – especialmente da área de Ciências Humanas –, pesquisadores, punks e anarco-punks, que frequentam o Centro, realizam e assistem palestras, participam dos debates e propõem atividades.

Se houve fases em que era possível identificar uma predominância de uma tendência mais próxima do anarco-sindicalismo, que tinha objetivos políticos bem delineados, hoje é

<sup>217</sup> Entrevista concedida a Michelle Tito por Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

<sup>218</sup> BOLETIM INFORMATIVO. São Paulo, n. 22, 2006.

<sup>219</sup> Ibidem.

difícil definir a associação e o seu público. Podemos dizer que é um lugar onde transitam militantes de várias tendências anarquistas e pessoas interessadas nos “anarquismos”, mas afirmar que anarquismo é esse pode ser um tanto equivocado.

O deslocamento do CCS do bairro do Brás para a região central expressa as mudanças vividas pela associação e o espaço que ela ocupa atualmente na cidade de São Paulo. Ao conversarmos sobre as expectativas do Centro de Cultura, Alberto Centurião comentou o desejo de que ele se torne um centro de estudos de referência e um ambiente onde se cruzem diferentes tendências do anarquismo, atraindo veganos, punks, acadêmicos e artistas. Para ele, essa sempre foi uma característica do CCS, que se perdeu e voltou a vigorar nos últimos anos. Também estão alocados na rua General Jardim outros espaços ligados à vida cultural paulistana. Recentemente, na divulgação de um evento, foram indicadas as facilidades oferecidas pela região:

Na mesma rua encontra-se a Aliança Francesa Centro, a Escola Paulista de Arquitetura, o Instituto Polis, a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, a Escola de Sociologia e Política. A duas quadras estão o Teatro N.ex.t e a Matilha Cultural, um espaço para artistas independentes.

Para quem tem o saudável hábito de usar transporte público, o centro da cidade é farto em ônibus e metrô. Mas há também estacionamentos na região. O mais próximo fica a uma quadra, em frente à Aliança Francesa.<sup>220</sup>

Existem outras iniciativas de criação de espaços libertários na cidade de São Paulo. Em 2001, foi criado o Instituto de Cultura e Ação Libertária (ICAL) próximo à estação de metrô Vila Madalena. O coletivo responsável pela abertura do ICAL tinha o objetivo de que ele se tornasse um centro de referência de estudos sobre o anarquismo. Para isso, propuseram a formação de uma biblioteca para reunir documentos, livros, panfletos, dissertações e teses, vídeos e músicas para pesquisadores autodidatas ou acadêmicos, e também uma livraria chamada “Espaço A”, em parceria com a Editora Imaginário, para divulgar publicações anarquistas, além de promover atividades culturais como leituras dramáticas e apresentações de peças teatrais, palestras, oficinas e debates. O espaço funcionou até 2002, tendo sido fechado devido aos altos custos do aluguel da casa que ocupava<sup>221</sup>.

Em 2007, foi inaugurado em São Miguel Paulista, zona Leste da cidade, o Centro de Cultura Social Antônio Martinez, com o objetivo de atuar com grupos oriundos da periferia da Zona Leste e com a população de São Miguel Paulista e região. Seus militantes têm como

<sup>220</sup> Site do Centro de Cultura Social. Disponível em: <<http://www.ccssp.org/ccs/>>. Acesso em: 3 set. 2010.

<sup>221</sup> O manifesto inaugural do Instituto de Ação e Cultura Libertária pode ser verificado no Boletim Libera Amore Mio, n. 107, disponível em <<http://jlimarocha.sites.uol.com.br/libera/107.htm>>. Acesso em: 18 set. 2010.

cerne de suas práticas promover a transformação individual e social por meio de atividades culturais, recreativas e sociais<sup>222</sup>. A localização dessas regiões da cidade revela um público que vive situações específicas e dificuldades de transporte, moradia e educação.

Para os militantes que se afastaram, a militância continua em outros espaços além do Centro de Cultura Social. Em entrevista, Antônio Carlos de Oliveira questionou o fato de o CCS estar situado na região central da cidade: “Se a militância anarquista for aquilo que está colocado no centro da cidade, nós estamos perdidos, porque a periferia é enorme”. Em sua opinião, o CCS tinha que sair do Brás, da região central, e ir para a periferia. Durante nossa conversa, Antônio Carlos indagou: “Quem é o público? Não dá para ser somente aluno e professor universitário”. Para ele, é importante que a militância esteja conectada à sua história, à história de sua família; o anarquismo tem que estar inserido na comunidade que você vive, pois “o diálogo é mais fácil, você fala de uma realidade que é sua”.

Os militantes anarquistas estão constantemente em busca de espaços para a realização de suas práticas, e o CCS, certamente, é uma referência para os muitos anarquistas e interessados espalhados pela cidade, que atribuem diferentes sentidos a ele. Seus militantes oscilaram durante esta *terceira fase* entre manter uma “tradição anarquista”, atrelada ao anarco-sindicalismo, ou reelaborá-la para acolher as novas tendências que surgiram nos anos 1980, 1990 e 2000. Aqueles que estão à frente do Centro e seus sócios, certamente têm posições que os afastam dos fundadores de 1933 em diversos aspectos que destaquei ao longo deste trabalho, mas mantêm a expectativa de preservar um local voltado para as práticas libertárias na cidade de São Paulo.

---

<sup>222</sup> Cf. o site do Centro de Cultura Social Antônio Martinez: <<http://ccsam.blogspot.com/search?updated-max=2009-09-24T13%3A32%3A00-03%3A00&max-results=3>>. Acesso em: 18 set. 2010.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não me iludo  
 Tudo permanecerá  
 Do jeito que tem sido  
 Transcorrendo  
 Transformando  
 Tempo e espaço navegando  
 Todos os sentidos

(Gilberto Gil)<sup>223</sup>

A partir do ano de 2008 comecei a sentir um alargamento do meu olhar sobre a História. As leituras, o percurso de pesquisa e as muitas conversas com os professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em História da PUC-SP, especialmente com os membros do Núcleo de Estudos Culturais e Perspectivas do Presente (NEC), do qual faço parte, fizeram com que eu, com a vontade de compreender os sentidos atribuídos à militância anarquista por seus militantes, me aproximasse das muitas memórias que permeiam o Centro de Cultura.

Se em momentos da minha trajetória pensei existir fronteiras entre História e Memória, esse pensamento se desfez ao me deparar com as experiências vividas pelos militantes do Centro, com as narrativas repletas de “memórias”, que não se dissociam do fazer do historiador, pelo contrário, são a matéria-prima do seu trabalho. Compreender e fazer História com esta perspectiva se mostrou para mim como algo fascinante, por isso me sinto repleta de entusiasmo e satisfação ao finalizar esta dissertação.

A opção pelo Centro de Cultura Social de São Paulo como foco deste trabalho também é repleta de significado, pois surgiu quando me propus a realizar uma pesquisa sobre instituições de memórias da cidade de São Paulo. Diante da necessidade de escolher apenas uma, concluí que não poderia ser outra. Entendi que esse Centro carrega elementos preciosos para a discussão das problemáticas que abordei ao longo do trabalho e que tiveram seus desdobramentos. A luta dos militantes anarquistas desde o final do século XIX até este século XXI sempre me incentivou a estudar e a conhecer História, e seguramente influenciou algumas de minhas escolhas pessoais e inspira minha visão de mundo.

<sup>223</sup> GIL, Gilberto. Tempo Rei. In: \_\_\_\_\_. *Gil Iluminado*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, p1999. 1 CD. Faixa 6.

Certamente algumas questões poderiam ter sido mais bem exploradas, dada a complexidade do tema. Acredito que os “muitos anarquismos” que transitaram pelo CCS não foram esgotados diante das múltiplas leituras que surgiram na década de 1980, bem como as articulações entre os militantes e anarquistas e a cidade de São Paulo não estão circunscritas apenas aos espaços que citei. São múltiplas possibilidades de estudo que podem emergir ao lidar com as experiências dos militantes desse Centro.

No diálogo com as experiências vividas pelos militantes do Centro de Cultura Social de São Paulo, pude vislumbrar as muitas perspectivas de luta e de militância que permearam o Centro desde 1985 aos dias atuais, e como essas perspectivas delinearam seus fazeres e práticas nos últimos anos, entrelaçando os diversos anarquismos que se forjaram na associação neste contexto da chamada “abertura política”.

Os vários grupos que se formaram e passaram pela associação, como anarco-sindicalistas, intelectuais, artistas, punks, anarco-punks, estudantes e pesquisadores, apresentaram leituras próprias do anarquismo em torno de lutas específicas, como a emancipação do proletariado, o fim da repressão policial, a crítica à sociedade vigente, ou discussões em torno de temas como a sexualidade e o abolicionismo penal. Esses grupos vivenciaram tensões e conflitos que apontam para uma (re)significação constante do CCS pelos militantes durante a sua trajetória.

Os militantes atravessaram o dilema de manter as práticas do Centro com referências aos ideais que inspiraram sua formação em 1933 ou reelaborá-las para atender as demandas que surgiram nos anos 1980, 1990 e 2000, o que nos deixa entrever reconfigurações na associação que, segundo alguns de seus militantes e ex-militantes, hoje tem um perfil “mais acadêmico” e “intelectualizado”, tendência essa que se aproximou nos anos 1980 e que hoje possui um espaço consolidado na associação.

Percebi, no decorrer desta pesquisa, “cultura” e “memória” como campos de disputas, já que os grupos que se aproximaram da associação após 1980 trouxeram diferentes entendimentos do que fosse cultura libertária e luta social. Para os militantes mais antigos, “cultura” estava articulada à emancipação do trabalhador, à apropriação do saber e à propaganda anarquista por meio dos jornais libertários e das peças teatrais. Para os punks, estava associada à música, aos protestos de ruas, aos seus fanzines; eles não achavam necessário ir para a porta de uma fábrica para conscientizar os trabalhadores acerca de seus direitos e da importância da luta para sua emancipação. Para eles era mais importante se reunirem para discutir ações como um protesto contra o militarismo, no centro da cidade, no dia 7 de setembro. Estas são perspectivas díspares que se encontram no Centro: ver o

“anarquismo” como o fio que gera conflito, mas que também promove união, transpareceu nas narrativas que travei contato.

As muitas memórias que permeiam o CCS são evocadas e têm um papel ativo no presente. Elas se articulam com as experiências diárias de seus militantes não como algo dado, estático, mas em movimento e dinâmico, que nos aponta para os diferentes sentidos atribuídos a dimensões do passado. Se durante toda sua existência as principais atividades realizadas pela associação eram as “conferências”, atualmente as palestras ainda são constantes e a mudança de temas nessas atividades, em comparação aos abordados em outros períodos, é perceptível. Porém o modelo ainda é aquele tomado de décadas anteriores.

Assim, vemos como as memórias se articulam às experiências cotidianas deste Centro e influenciam suas práticas na atualidade. É válido mencionar também que as disputas em torno dos acervos do Movimento Anarquista e do Centro de Cultura Social, vestígios de suas lutas e práticas, provocam discussões entre militantes e ex-militantes da associação e revela as tensões entre os diferentes grupos em torno das memórias do Movimento.

Ao explorar as articulações entre os militantes do CCS e a cidade de São Paulo, procurei evidenciar como espaços públicos da nossa cidade são (re)significados no decorrer de suas práticas, seja à procura de visibilidade para manifestações políticas ou em locais voltados para a sociabilidade. Em uma cidade em que a população se fecha cada vez mais em suas residências e em locais de lazeres direcionados ao consumo, apreender essas experiências é um ponto de partida para a reflexão sobre os usos dos espaços públicos nos dias de hoje.

## FONTES

### Acervos consultados

Acervo do Centro de Cultura Social – Biblioteca/Arquivo Antônio Martinez. Rua General Jardim, 253, sala 22.

CEDIC-PUC – Centro de Documentação Científica Prof. Casimiro de Abreu. Arquivo Punk. Rua Monte Alegre, 984 ERBM – Prédio Novo – Perdizes.

CEDAP, UNESP-Assis – Avenida Dom Antonio, 2.100, Assis, SP.

### Correspondências

Carta enviada aos companheiros do CCS por Antônio Carlos de Oliveira, com esclarecimentos sobre a constituição do Arquivo Punk. set. 1995.

Correspondências eletrônicas do CCS referentes a reuniões com grupos ligados a Ação Global dos Povos (AGP). 2001.

### Entrevistas consultadas

Depoimento de Jaime Cubero a Antonio José Romera Valverde, 1989. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, maio/ago. 2008. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022008000200013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022008000200013&script=sci_arttext)>.

Acesso em: 5 mar. 2009.

Entrevista concedida por Jaime Cubero a Endrica Geraldo, em 1994, para o projeto “Memórias Anarquistas – Um estudo histórico do Centro de Cultura Social (PIC-CNPq)”, desenvolvido de agosto de 1994 a julho de 1996, sob a orientação do Prof. Dr. Edgar De Decca – UNICAMP.

Entrevista concedida por Jaime Cubero a José Maria de Carvalho. *Revista Utopia*, n. 8, 1997.

Entrevistas realizadas com Hilda Braga e Antônio Carlos de Oliveira concedidas a Carlos Barqueiro, 2007. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=c7tg3BBdEYM&feature=related>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

Entrevistas realizadas por Nildo Avelino para sua dissertação de mestrado *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências* (São Paulo: Achiamé, 2004):

Lourdes Gabriel. São Paulo, [s/d].

Maria Cubero. São Paulo, 15 jun. 2001.

Maria Martinez (Maruja Cuberos). São Paulo, 17 abr. 2002.

### **Entrevistas realizadas pela autora com sócios e ex-sócios do CCS**

Acácio Augusto. São Paulo, 3 jun. 2009.

Alberto Centurião. São Paulo, 1º maio 2009.

Antônio Carlos de Oliveira. São Paulo, 15 fev. 2010.

Chico Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

Edson Passeti. São Paulo, 21 dez. 2009.

Maruja Cuberos. São Paulo, 29 jul. 2009.

Nildo Avelino. São Paulo, 26 nov. 2009.

Nilton Melo. São Paulo, 2 jun. 2009.

### **Escritos de Jaime Cubero**

CONCEPÇÃO Anarquista do Homem. Extrato de Palestra Pronunciada em 14 de setembro de 1993, no Instituto Metodista Rudge Ramos, São Paulo. (manuscrito).

RAZÃO e paixão na experiência anarquista. Extrato de palestra pronunciada em 1994, na Universidade Federal de Uberlândia. (manuscrito).

AS IDÉIAS-FORÇAS do anarquismo. *Revista Verve*, n. 4, 2003, p. 265-277.

A ORGANIZAÇÃO específica, [s/d]. Disponível em:  
<[http://jlimarocha.sites.uol.com.br/textos/organizacao\\_especifica\\_jaime\\_cubero.htm](http://jlimarocha.sites.uol.com.br/textos/organizacao_especifica_jaime_cubero.htm)>. Acesso em: 10 nov. 2008.

### **Jornais**

A PLEBE, São Paulo; exemplares publicados no período de 1949-1951.

O DEALBAR, São Paulo; exemplares publicados no período de 1966-1968.

O INIMIGO DO REI, São Paulo; exemplares publicados no período de 1979-1985.

### **Outras fontes consultadas:**

Atas da Comissão Administrativa do CCS, 1993-2009.

CARTA ABERTA – Círculo Alfa de Estudos Históricos, maio de 2009. Disponível em:  
<<http://brasil.indymedia.org/media/2009/05/447146.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

Documento datilografado com o título *Centro de Cultura Social – Inauguração*, 14/04/1985. Acervo do Centro de Cultura Social.

Estatutos do Centro de Cultura Social. Disponível em: <<http://www.ccssp.org/>>. Acesso em: 10 out. 2008.

Manifesto inaugural do Instituto de Ação e Cultura Libertária. *Boletim Libera Amore Mio*, n. 107. Disponível em: <<http://jlimarocha.sites.uol.com.br/libera/107.htm>>. Acesso em: 18 set. 2010.

Manuscrito sobre a inauguração do CCS, 14 abr. 1985.

Manuscrito Arquivo Punk do Centro de Cultura Social. *A criação, preservação e manutenção de parte do Arquivo Punk*, de Antônio Carlos de Oliveira, 1995.

Minuta de ata de Assembleia Geral e Ordinária, de 11 de março de 2001. Acervo do Centro de Cultura Social.

Princípios organizacionais da Ação Global dos Povos (AGP), modificado em Cochabamba em 2001. Disponível em: <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/pt/manifesto.htm>>. Acesso em: 19 set. 2010.

Programação e convites de cursos e eventos do CCS, 1993-2002.

Programação da II Semana Cultural da E.E.P.S.G Senador Filinto Muller, 1985. Acervo do Centro de Cultura Social.

Relato sobre repressão policial ao Movimento Anarco-Punk. São Paulo, 1992. Acervo do Centro de Cultura Social.

Relatório de atividades do CCS: “Avaliação da feijoada”, 1993.

Resumo da discussão ocorrida na sede do Centro de Cultura Social em 2 de junho de 2001, entre os grupos e indivíduos inspirados pela AGP. Acervo do Centro de Cultura Social de São Paulo.

Site: <[www.ccssp.org](http://www.ccssp.org/)>.

## **Periódicos**

BOLETIM HYPOMNEMATA. São Paulo: Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC-SP – NU-SOL, 1999-2010.

BOLETINS INFORMATIVOS do Centro de Cultura Social, 1985-2008. Acervo do Centro de Cultura Social.

CADERNO PALESTRA: O Movimento Punk – O arquivo punk do Centro de Cultura Social. São Paulo, ano 1, n. 1, nov. 1996.

CADERNO PALESTRA: O Movimento Operário, Edgard Leuenroth (1965) e Memória e Cidadania, Edgar De Decca (1992). São Paulo, ano 1, n. 2, mar. 1997.

ESTATUTOS do Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo. *Revista Verve*, São Paulo, n. 15, 2009. p. 161.

OS ANARQUISTAS saem do limbo. *Folha de São Paulo*: Banco de Dados da Folha, São Paulo, terça-feira, 11 fev. 1986. Disponível em:  
<[http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada\\_11fev1986.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/ilustrada_11fev1986.htm)>. Acesso em: 14 abr. 2009.

REVISTA VERVE. São Paulo, n. 14, 2008. p. 250.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOTTI, Bruno Leonardo Ramos. *Poder e Resistências: movimentações da multidão – uma cartografia dos movimentos antiglobalização*. 2009. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

ARANTES, Antonio Augusto. *Paisagens paulistanas: transformações do espaço público*. Campinas (SP): UNICAMP; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Traduzido por Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

AVELINO, Nildo. Errico Malatesta e a revolução como estética da existência. *Revista Aulas*, Campinas (SP), n. 7, 2010. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/~aulas/Revista\\_Aulas\\_Dossie\\_06\\_Foucault\\_e\\_as\\_esteticas\\_da\\_existencia.pdf](http://www.unicamp.br/~aulas/Revista_Aulas_Dossie_06_Foucault_e_as_esteticas_da_existencia.pdf)>. Acesso em: 2 fev. 2010.

\_\_\_\_\_. *Anarquistas: Ética e Antologia de Existências*. São Paulo: Achiamé, 2004.

BARQUEIRO, Carlos; NUNES, Eliene (Orgs). *O Inimigo do Rei: Imprimindo Utopias Anarquistas*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

BISSCHOP, Joris de; NOVAES, Clara. *A mancha amarela: o cinema em La Borde*. São Paulo: [s. n.], 2009. (Acervo pessoal).

BORGES, Paulo E. B. *Jaime Cubero e o Movimento Anarquista (1945-1954)*. 1996. Dissertação (Mestrado)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

CATALLO, Pedro. Subsídios para a história do movimento social no Brasil. *Revista Verve*, São Paulo, n. 11, 2007.

DUARTE, Adriano; PAOLI, Maria Célia. São Paulo no Plural: espaços públicos e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: A cidade de São Paulo na primeira metade do século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FENELON, Déa Ribeiro (Org). *Cidades*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1999.

\_\_\_\_\_. Políticas Culturais e Patrimônio Histórico. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: DPH, 1992.

\_\_\_\_\_; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. *Muitas Memórias, Outras Memórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

FERRUA, Pietro. A breve existência da seção brasileira do centro internacional de pesquisas sobre o anarquismo. [1a parte]. *Revista Verve*, São Paulo, n. 15, 2009.

FREIRE, Roberto. *O Tesão pela vida – Soma, uma terapia anarquista*/Roberto Freire e Coletivo Anarquista Brancalene João da Mata, Jorge Goia, Vera Schoroeder. São Paulo: Francis, 2006.

FRUGÓLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo*. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez; EDUSP; FAPESP, 2000.

GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). *Anarquismo e Anarquistas – Cadernos do AEL*, Campinas (SP), n. 8-9, 1998.

GIL, Gilberto. Tempo Rei. In: \_\_\_\_\_. *Gil Iluminado*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, p1999. 1 CD. Faixa 6.

GOLBERG, Jairo. *Nacional: Portas abertas - De médico e de louco...* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/conteudo/nacional-portas-abertas-de-medico-e-de-louco>>. Acesso em: 19 fev. 2009.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: Teoria, Política e Método. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

GUÉRIN, Daniel. *O anarquismo – da doutrina à ação*. Rio de Janeiro: Germinal, 1968.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do popular. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão – Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

JEREMIAS, Marcolino (Coord.). *Três Depoimentos Libertários*: Edgar Rodrigues, Jaime Cubero, Diego Giménez Moreno. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

KHOURY, Yara Aun. *Edgar Leuonroth: uma voz libertária*. Imprensa, Memória e Militância Anarco-Sindicalistas. 1988. Tese (Doutorado)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

\_\_\_\_\_. Historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, L. M. et al. *Outras Histórias: Memórias e Linguagens*. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

\_\_\_\_\_. Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. *A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

KRACAUER, Siegfried. O Grupo como portador de idéias. In: \_\_\_\_\_. *O ornamento da massa*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LEUENROTH, Edgard. *Roteiro da Libertação Social*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Anna Blume, 2000.

LOWENTAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, nov. 1998.

MALATESTA, Errico. Sindicalismo: A Crítica de um Anarquista – Congresso Operário Anarquista realizado em Amsterdão, agosto de 1907. In: WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Rio Grande do Sul: L & PM Editores, 1981.

MARTINEZ, Fabrício. Breve relato cronológico da terceira fase do CCS. *Boletim informativo do Centro de Cultura Social*, São Paulo, n. 22, 2006.

MATA, João da. Roberto Freire e o Coletivo Anarquista Brancaleone. *Revista Utopia*, Lisboa, n. 26, 2008.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Soma: Uma terapia anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2009.

MILANI, Marco Antônio. Dinâmicas ideológicas no movimento punk. In: SIMPÓSIO DE LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 2., Londrina (PR). *Anais...* Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina (UEL), 2008.

MOREL, José Carlos Orsi. Antônio Martinez, um anarquista. *Revista Verve*, São Paulo, n. 2, 2002.

\_\_\_\_\_. Centro de cultura social, uma prática anarquista (entrevista). *Revista Verve*, São Paulo, n. 7, 2005.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Waldir da Silva. *O anarquismo e o movimento punk* (Cidade de São Paulo, 1980-1990). Dissertação (Mestrado em História Social)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

PAOLI, Maria Célia; DUARTE, Adriano. São Paulo no Plural: espaços públicos e redes de sociabilidade. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: A cidade de São Paulo na primeira metade do século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

PASSERINI, Luisa. Mitobiografia em História Oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 29-40, dez. 1993.

PASSETTI, Edson. Heterotopias anarquistas. *Revista Verve*, São Paulo, n. 2, 2002, p. 141-172.

\_\_\_\_\_. A anarquia no Centro de Cultura Social. *Boletim informativo do Centro de Cultura Social*, São Paulo, n. 22, 2006.

\_\_\_\_\_. *Anarquismo Urgente*. São Paulo; Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História: Cultura e Representação*, São Paulo, n. 14, 1997.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. *Projeto História: Cultura e Representação*, São Paulo, n. 14, 1997.

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética na história Oral. *Projeto História: Ética e História Oral*, São Paulo, n. 15, 1997.

PROUDHON, Pierre-Joseph. O Nascimento da anarquia: A Morte da Propriedade. In: WOODCOCK, George. *Os grandes Escritos Anarquistas*. Rio Grande do Sul: L & PM, 1981.

RAGO, Margareth. A invenção do cotidiano na metrópole: sociabilidade e lazer em São Paulo, 1900-1950. In: PORTA, Paula (Org.). *História da Cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do Século XX*. v. 3. São Paulo: Paz e Terra, 2004. p. 387-435.

\_\_\_\_\_. *Foucault, História e Anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

\_\_\_\_\_. Sem fé, sem lei, sem rei: liberalismo e experiência anarquista na primeira República. 1984. Dissertação (Mestrado)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 1984.

REBOUÇAS, Moésio. S26 in São Paulo, Brazil. Disponível em: <<http://www.nadir.org/nadir/initiativ/agp/s26/brasil.htm>>. Acesso em: 10 set. 2009.

RODRIGUES, Edgar. *Entre Ditaduras (1948-1962)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1993.

\_\_\_\_\_. *Lembranças Incompletas*. Guarujá (SP): Opúsculo Libertário, 2007.

ROLNIK, Raquel. História Urbana: história na cidade? In: FERNANDES, A.; GOMES, M. A. F. *Cidade & História: Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador (BA): FAU-UFBA, 1992.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

\_\_\_\_\_. *Tempo Presente – Notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

\_\_\_\_\_. *Tempo Passado – Cultura da Memória e Guinada Subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SFERRA, Giuseppina. *Anarquismo e anarcosindicalismo*. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA, Tadeu Tomaz; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.

THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Traduzido por Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. *Brás*. São Paulo: Gráfica Municipal de São Paulo para a Divisão do Arquivo Histórico do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1981.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araujo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Aun. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Rio Grande do Sul: L & PM, 1981.